

ALBANITA PEREIRA DE SOUZA DO NASCIMENTO

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS
DO 6º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL JEANNE
MACHADO**

Orientador: André Luiz Barbosa Mendes

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

**Lisboa
2013**

ALBANITA PEREIRA DE SOUZA DO NASCIMENTO

**O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS ALUNOS
DO 6º ANO DA ESCOLA MUNICIPAL JEANNE
MACHADO**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação, no curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor André Luiz Barbosa Mendes

Co-orientador: Prof. Doutor Leonardo Rocha

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Educação

Lisboa

2013

*Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais.
Hoje me sinto mais forte,
Mais feliz quem sabe
Só levo a certeza
De que muito pouco sei,
Ou nada sei.*

*Tocando em frente.
Letra de Almir Sater e
Renato Teixeira, 1990.*

DEDICATÓRIA

DEDICO este trabalho, primeiramente a deus, por ter guiado meus passos a cada dificuldade e refletir meus pensamentos quando me senti fracassar.

A DALVANÊS PEREIRA, minha mãe, com amor e carinho.

A FRANCISCO DE ASSIS, meu esposo, pelo seu apoio e compreensão pelas horas que lhe privei de minha presença no lar e mesmo assim jamais interferiu nos meus estudos.

A BRENA THAÍS, amor único, a quem muitas vezes deixei de acompanhar em suas tarefas escolares, passando assim para seu pai essa missão.

Aos meus colegas de curso e mestres, que comigo estiveram durante todo esse tempo em que carregamos a marca de nossas experiências comuns, sempre confiantes na busca por desafios novos no despertar para o exercício de nossa profissão.

AGRADECIMENTOS

A vocês, doutores do saber imortal, que nos conduzem ao aprendizado significante que, direcionando para o caminho do conhecimento que devemos trilhar, dedicando-se, doando-se ao dever da profissão, tornando-se também nossos amigos e companheiros na busca pela construção do saber. Saibam que estarão imortalizados como educadores em nossos corações.

À coordenação do curso, que com seu desempenho, sua visão positiva pela educação, fez com que o nossos sonhos fossem realizados e alcançássemos mais um degrau em nossas vidas acadêmicas e profissionais.

Ao orientador Doutor André Luiz Mendes, que esteve presente durante a trajetória de elaboração desse trabalho, que com o seu conhecimento direcionou suas atenções para o bom resultado, ensinando que a dedicação e o amor ao trabalho são bases essenciais para o reconhecimento profissional. A você o nosso muito obrigado. Essa conquista também é sua.

Ao município de Touros, através da Secretaria de Educação, que nos disponibilizou o tempo necessário para que essa pesquisa fosse realizada com sucesso.

À escola Jeanne Machado, que foi campo de pesquisa durante a realização do trabalho.

À direção da escola Jeanne Machado, que nos autorizou e disponibilizou materiais para a coleta dos dados, sempre com boa vontade.

Aos professores que colaboraram com a pesquisa, sem se aborrecer, dando o melhor de si para que pudéssemos colher os dados necessários.

Aos pais que, mesmo com tempo limitado, nos receberam muito bem e confiaram suas angústias e alegrias, dando suporte para que fosse possível a conclusão desse trabalho.

Enfim, a todos que, direta ou indiretamente, puderam colaborar para que esse trabalho se realizasse com sucesso. Mais uma vez, o nosso muito obrigado.

RESUMO

O presente estudo trata de uma pesquisa de caráter observatório que procurou descobrir as causas e porquês das dificuldades encontradas pelos professores do 6º ano com relação ao processo de alfabetização dos alunos, principalmente em na zona rural, do município de Touros, RN, que apresentavam defasagem na aprendizagem de leitura e escrita, bem como na interpretação e produção textuais. Os dados foram coletados através de questionários, de diálogos e observações por meio de visitas nas famílias dos alunos, com os professores dos mesmos e os sujeitos em questão. Procurou-se analisar os reais motivos que impedem a construção do conhecimento dos alunos e dificuldades registradas pelos professores que atuam nessa série/ano, considerando que a alfabetização é um processo fundamental na vida do sujeito, que da mesma depende sua formação profissional e participação nas questões sociais, de forma consciente e objetiva nas diferentes esferas da sociedade. Os resultados da pesquisa demonstram fragilidade nas políticas educacionais oferecidas pelo governo, que de nada incentiva a aprendizagem e sim assegura a permanência do aluno na escola e esta, por sua vez, trabalha sem apoio da família, que passa suas responsabilidades para a mesma. Torna-se evidente que sem incentivo da família a escola não pode obter sucesso.

Palavras chaves: Dificuldades no processo de alfabetização. Leitura. Escrita. Interpretação. Produção.

ABSTRAT

This study is a research study observatory that sought to discover the causes and whys of the difficulties encountered by teachers in 6 th grade with respect to the process of literacy of students, especially in rural areas, the city of Touros, RN who presented lag in learning reading and writing as well as the interpretation and textual production. Data were collected through questionnaires, dialogues and observations through visits families of students with the same teachers and the subjects in question; sought to examine the real reasons that prevent the construction of knowledge and difficulties of students registered teachers who work in this series/ year, considering that literacy is a fundamental process in the life of the subject, that just depends on their training and participation in social, conscientiously and objectively in different spheres of society. The survey results demonstrate weakness in educational policies offered by the government that encourages learning anything but ensures the permanence of the student at school and this, in turn, works without family support, which passes responsibility for the same. It is evident that without encouragement from family to school can not succeed.

Keywords: Difficulties in the literacy process. Reading. Writing. Interpretation. Production.

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ABE - Associação Brasileira de Educação

ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio.

EMATER - Instituto de Assistência Técnica e Extensão do Rio Grande do Norte.

EJA - Educação de Jovens e Adultos.

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica.

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

LDB - Lei de Diretrizes e Base da Educação.

MEC - Ministério de Educação e Cultura.

PNDI - Pesquisa Nacional por mostra de Domicílio.

PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais.

SAEB - Sistema Nacional Avaliação da Educação Básica.

SECADI - Secretaria de Educação Continuada Alfabetização Diversidade e Inclusão.

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

UNITINS - Fundação Universidade do Tocantins.

PPP - Projeto Político Pedagógico.

PDE - Plano de Desenvolvimento da Educação

CNE - Conselho Nacional de Educação.

CEB - Conselho de Entidade de Base.

REUNI - programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas.

INEP - Instituto Nacional de Estudo e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1 - O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	19
1.1 DEFINIÇÃO E CONCEITUALIZAÇÃO.....	20
1.2 HISTÓRICO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	24
1.3 IMPLICAÇÕES DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS.....	28
1.4 ETNOGRAFIA DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	32
CAPITULO 2 – ALFABETIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA	37
2.1 A CONSTRUÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO NO 6º ANO.....	38
2.2 A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO RELACIONADA A ALFABETIZAÇÃO.....	44
2.3 A VISÃO SOCIOLOGICA SOBRE A ALFABETIZAÇÃO.....	49
2.4 A ALFABETIZAÇÃO E A SOCIEDADE ATUAL.....	54
2.4.1 Diretrizes para o processo de alfabetização	58
CAPITULO 3 - CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA	64
3.1 OPÇÕES GERAIS.....	65
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	66
3.3 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA ESTUDADA.....	68
3.3.1 Alunos	68
3.3.2 Família	76
3.3.3 Professores	88
3.3.4 Direção da escola	92
CAPITULO 4 – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA	96
4.1 OPÇÕES METODOLÓGICAS GERAIS.....	97
4.2 PROCEDIMENTO DE TÉCNICA DE COLETA DE DADOS.....	99
4.3 RECOLHA DE DADOS.....	101
4.4 DISCUSSÃO.....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
BIBLIOGRAFIA	109
APÊNDICES	I
Apêndice I.....	II

Apêndice II.....	IV
Apêndice III.....	VI
Apêndice IV.....	VIII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Critérios de escolha da amostra.....	69
Quadro 2 – Dimensão das guias de entrevista.....:	102

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1.....	71
---------------	----

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - 6º Ano A – 31 alunos	71
Gráfico 2 - Dificuldade da turma	71
Gráfico 3 - Expectativas para o futuro.....	72
Gráfico 4 - Dificuldade com relação às disciplinas.....	73
Gráfico 5 - 6º Ano B – 32 alunos.....	74
Gráfico 6 - O que gosta de ler.....	74
Gráfico 7 - Dificuldade de aprendizagem.....	75
Gráfico 8 - O que esperam do futuro.....	76
Gráfico 9 - Família dos alunos do 6º A - nº de filhos.....	78
Gráfico 10 - Opinião dos pais sobre a escola.....	79
Gráfico 11 - Opinião dos pais.....	79
Gráfico 12 - Tarefas para casa.....	80
Gráfico 13 - Os pais nas reuniões com os mestres.....	80
Gráfico 14 - Pergunta frequente dos pais aos alunos.....	81
Gráfico 15 - Os pais conhecem alguma dificuldade de aprendizagem dos filhos.....	81
Gráfico 16 - Grau de escolarização dos pais.....	82
Gráfico 17 - Alertam sobre a importância dos estudos para os filhos.....	82
Gráfico 18 - Conhecimento dos pais sobre o projeto pedagógico da escola.....	83
Gráfico 19 - Opinião dos pais de alunos do 6º B sobre a escola.....	83
Gráfico 20 - Opinião dos pais sobre os professores.....	84
Gráfico 21 - Observam se os filhos levam tarefas para casa.....	84
Gráfico 22 - Reunião de pais e mestres.....	85
Gráfico 23 - Procuram saber dos filhos sobre o aprendizado.....	85
Gráfico 24 - Levar o filho para o trabalho atrapalha os estudos.....	86
Gráfico 25 - Sabem de alguma dificuldade de aprendizagem do filho.....	86
Gráfico 26 - Grau de escolaridade dos pais.....	87
Gráfico 27 - Falam da importância dos estudos aos filhos.....	87
Gráfico 28 - Opinião dos pais sobre o trabalho pedagógico.....	88
Gráfico 29 - Quadro de docentes - Pedagogos que atuam no ensino fundamental II.....	88
Gráfico 30 - Tempo de profissão dos professores.....	89

INTRODUÇÃO

A presença de crianças, adolescentes e jovens dentro da escola contemporânea, com dificuldades de leitura escrita, interpretação e produção textual representa uma estatística desagradável para professores, para os pais e para a própria escola, que tem criado, nas últimas décadas, meios que possibilitem a melhoria do ensino-aprendizagem, sinalizando para o foco principal, o processo de alfabetização, e ainda assim não tem conseguido superar esse entrave que muitas vezes chega a assustar aqueles que estão diretamente convivendo com a questão em evidência.

Pretendeu-se, com essa investigação, dar um suporte para os estudos na área das ciências da educação, tanto para os professores quanto para os alunos que apresentam déficits na aprendizagem de leitura e escrita. Este estudo é resultado de uma necessidade particular e profissional em descobrir as causas reais que impedem esse processo de acontecer, nas crianças, adolescentes e jovens, visto que no Brasil tem se procurado investir na educação, de forma geral, englobando todos os segmentos e mesmo assim pouco têm sido os resultados positivos nesse sentido, de uma alfabetização completa para a formação do cidadão.

Não é de se estranhar que o envolvimento cada vez mais estreito nas atividades profissionais entre os docentes da instituição escolar, onde estou vinculada desde 2003, alertaram-me para a necessidade de contribuir um pouco mais para auxiliar no ponto crucial que se agrava a cada dia, deixando todos os profissionais da educação em constantes dúvidas sobre o que fazer para sair dessa situação de completo mal-estar que se gera dentro da escola e transborda para todos os segmentos da sociedade, que mesmo no século XXI ainda enfrenta tais problemas que não deveriam mais acontecer ou, pelo menos, não deveriam acontecer em grande escala social, como tem sido revelado a dificuldade de alfabetização de nossas crianças e jovens na atualidade.

A partir desta investigação e tomando como base o referencial de Ferreira (2007, p.53,54) particularmente em nossos países empobrecidos, e especialmente nos setores mais pobres do nosso país, os objetivos da alfabetização devem ser mais ambiciosos. No entanto, podemos constatar que a deficiência no aprendizado do processo de alfabetização dos educandos desta instituição é consequência da má organização das políticas públicas destinadas às classes populares mais carentes que sofrem com o descaso e falta de acompanhamento dentro e fora da escola. Daí, partiu a necessidade de encontrar as causas

reais ou as razões que levam o aluno a passar anos afins dentro da escola e mesmo assim não conseguir dominar o básico que se espera que ele aprenda, ou seja, desenvolva habilidades na leitura e na escrita, visto que esse tema tem gerado muitos debates e discussões entre os autores que abordam esse tema como: FREIRE (2006), FERREIRO (2007), SOARES (2005) dentre outros, bem como os professores que trabalham com alfabetização e até mesmo aqueles que já deveriam trabalhar com os alunos alfabetizados sofrem com o problema, pensadores que, nas últimas décadas, levaram esse assunto a tomar uma proporção intensa de modo que passou-se a se dar mais ênfase a respeito dos entraves existentes nas relações professor x aluno x instituição escolar, procurando sempre encontrar meios que possibilitem melhorar o processo de alfabetização nas escolas públicas brasileiras que, na atualidade, não conseguem romper com esse fantasma que rodeia o fracasso do educando com a alfabetização. Apesar de tantos discursos e avanços tecnológicos, não se consegue mudar esse quadro de insatisfação e angústia de professores, bem como da escola que ainda sofre com insucesso dos alunos.

Mediante esse contexto, a escola implementa projetos e mesmo assim os resultados são mínimos. Comparando-se estudo realizado por Salles e Parente (2002), em escolas privadas e Salles e Parente (2007), em escolas públicas, foram encontrados resultados mais favoráveis com relação aos projetos de leitura e escrita nas escolas privadas, este resultado está supostamente relacionado à variável tipo de escola (pública versus particular). Fatores culturais ou ambientais, como o acesso à escolarização (e qualidade desta), tende a produzir diferença nas mensurações de habilidades cognitivas, enquanto que na escola publica pouco se pode visualizar com relação a progressos relacionados ao aprendizado da leitura dos alunos que terminam por se cansarem de estar dentro da escola e não desenvolverem a parte de leitura, que é o primeiro passo para seu desenvolvimento na construção da aprendizagem. Assim, temos a visão de alguns pensadores que afirmam que

Os processos de aprendizagem levam em conta a interferência de aspectos biológicos, cognitivos, emocionais e sociais, concebe a aprendizagem como uma construção intrapsíquica, com continuidade genética e diferenças evolutivas, resultantes das pré-condições energético-estruturais do sujeito e das circunstâncias do meio.(VISCA, 1991, p.42).

Fica evidenciado que à natureza complexa do processo de alfabetização, com facetas psicológicas, psicolinguística, sociolinguística e linguística é preciso acrescentar os fatores sociais, econômicos, culturais e políticos que o condicionam. Uma teoria coerente da alfabetização só será possível se a articulação e integração das várias facetas do processo forem contextualizadas e culturalmente iluminadas por uma postura que resgate seu verdadeiro significado. (SOARES, 2005, p.23).

Historicamente, alguns rumos seguidos pelo pensamento humano, desde o século passado, reforçam a crença de que os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem a causa físicas ou psicológicas, nem análise das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a parte de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores, orgânicos, cognitivos, afetivos/ sociais e pedagógicos dentro das articulações. (SCOZ, 1994, p.19)

Teorizar a alfabetização como uma forma de política cultural pressupõe que as dimensões social, cultural, política e econômica da vida quotidiana sejam as categorias primordiais para a compreensão da escolarização contemporânea. Dentro deste contexto, a vida escolar é concebida como um sistema unitário, monolítico e rígido de regras e regulamentações, mas como um terreno cultural caracterizado pela produção de experiências e de subjetividades em meio a variados graus de acomodação, contestação e resistência. (FREIRE, 1990, pp. 16,17).

Deparamo-nos, portanto, com todo um contexto que impede o desenvolvimento dos alunos em desenvolver suas habilidades de ler e escrever para se tornarem seres com capacidades de atuar e exercer sua cidadania com respeito e dignidade. Por serem muitas as questões que influenciam na aprendizagem do sujeito e não só de um único fator, torna-se cada vez mais complicado encontrar uma solução que envolva a todos sem causar qualquer que seja o desconforto perante o meio social.

É, fora de dúvida que, independente do ambiente em que o indivíduo se encontra, ele adquire conhecimentos que lhe possibilitam interagir com o ambiente escolar, cabendo assim a escola tomar consciência de seu papel e trabalhar dentro das possibilidades que o aluno traz consigo para que, dessa forma, favoreça as condições necessárias ao desenvolvimento das habilidades e atitudes, elementos primordiais ao despertar para o novo aprendizado. Sendo que a escola como instituição bem antiga, que no passado foi criada para atender a expectativas de um pequeno grupo pertencente à classe social elitista, mas que através de muitas lutas e movimentos abriu suas portas para o atendimento de todas as camadas sociais, deve primar por zelar pela construção do conhecimento de seu público bem como abrir espaço para novas reflexões que oportunizem de forma mais concreta e mais igual para todos.

Para FERREIRO, 2001, p.38, muitas vezes tem se enfatizado a necessidade de abrir a escola para a comunidade circundante. Curiosamente, no caso onde é mais fácil abri-la é onde fechamos. A criança vê mais letras fora do que dentro da escola: a criança pode produzir textos fora da escola enquanto na escola só é autorizada a copiar, mas nunca a produzir de forma pessoal. A criança recebe informação dentro, mas também fora da escola, e essa informação extraescolar se parece à informação linguística geral que utilizou quando aprendeu a falar.

É importante ter em mente que os resultados aqui apresentados possibilitam meios para uma nova reflexão sobre o desconforto vivenciado pelos alunos e professores, além da

família que, apesar de não estar presente continuamente na aprendizagem do filho, também sofre por sua ausência de conhecimento escolar. Em qualquer caso, fica claro que tanto a família quanto a instituição escolar precisam estar juntas somando suas experiências e trocando ideias, pois é bem possível que um diálogo entre as duas instituições seja a solução para o bom desempenho do aprendizado dos sujeitos inseridos na escola.

Mais uma vez voltamos a abordar o ponto fundamental da questão que é a relação do aluno com o aprender de forma significativa para sua vida dentro da sociedade. Isto porque as escolas não estão dando conta de alfabetizar para a vida social e nem mesmo para o indivíduo tornar-se um ser crítico com ideias que lhe permitam dar respostas para as questões que surgem no dia a dia.

Só assim a alfabetização teria sentido. É a consequência de uma reflexão que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir, sobre sua posição no mundo, sobre o mundo mesmo, sobre o trabalho, sobre seu poder de transformar o mundo, sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem, para ser dele mesmo, para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação. Só assim nos parece válido o trabalho da alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade de ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas elites. (FREIRE, 1975).

E assim sendo estamos formando cidadãos que não pensam por si próprios, mas que aceitam todos os acontecimentos e fatos sem contestar o motivo e a razão que levaram a acontecer tais acontecimentos. É preciso ter em mente que só vale a pena ensinar se pudermos esclarecer a mente do sujeito, para que o mesmo torne-se capaz de buscar seus direitos, deveres e obrigações enquanto cidadão pensante, participante e ativo dentro da sociedade a que faz parte. Como afirma FREIRE, (2005, p.33),

Enquanto estas concepções se envolvem ou são envolvidas pelos homens, que procura a plenitude, a sociedade está em constante mudança. Se os fatores rompem o equilíbrio, os valores começam a decair; esgotam-se, não correspondem aos novos anseios da sociedade. Mas como esta não morre, os novos valores começam a buscar a plenitude. A este período, chamamos de transição. Toda transição é mudança, mas não vice-versa.

Diante desta realidade, buscamos observar diretamente a rotina dos sujeitos que contribuíram para a realização desse estudo, que tem como objetivo descobrir as causas e consequências acarretadas pela dificuldade de leitura e escrita no seu sentido geral, uma vez

que só ler e escrever não torna o sujeito alfabetizado, no sentido mais amplo, é preciso ir muito mais além, ou seja, ler também o mundo e como o mundo interage, dando respostas e tomando atitudes diante das questões sociais, demonstrando postura mediante à posição que ocupa no meio em que está inserido.

Ao contrário de posições de diferentes linhas pedagógicas, deparamo-nos com alunos fora da faixa etária escolar, com muitos anos de repetência e uma certa desmotivação para estudar, bem como sem dominar a leitura e a escrita. Para esses sujeitos a escola se torna um lugar de lazer e brincadeira, local onde os mesmos passam seu tempo conversando com os colegas e em alguns casos namorando, em outros casos é a merenda escolar que lhes motivam a estar na escola. São sujeitos que perderam o estímulo pelos estudos e não conseguem ter uma visão aberta sobre a importância da educação na sua vida, isso sucede por estarem dentro da escola há vários anos e não aprenderem o que a escola tem para lhes oferecer, ou seja, ler e escrever.

Iniciaremos a dissertação procurando embasamentos teóricos que possibilitem a sustentação para explicar melhor o que conseguimos descobrir durante o tempo em que estivemos em campo com os sujeitos da pesquisa. Assim, temos no capítulo I o processo de alfabetização e um breve histórico de como acontecia esse processo e como se encontra atualmente. No capítulo II, a construção desse processo, bem como a evolução na educação brasileira. No capítulo III, abordaremos o papel da escola no processo de transição dos alunos, em especial os alunos que passarão do 5º para o 6º ano do ensino fundamental II. Além disso, procuramos também destacar a participação da família na construção do aprendizado.

É pertinente afirmar que temos, atualmente, dentro da escola, um problema de cunho social que não depende só da instituição, mas de todos que a compõem. E, sendo assim, o estudo procurou focar nas questões que mais afetam as dificuldades no processo de alfabetização que, pelo que pode-se observar, está em torno da distância que a própria família mantém da instituição escolar e esta, por sua vez, procura se aproximar sem muito sucesso e termina por amargar o fracasso.

Com base nos conceitos e a certeza de que o processo de alfabetização necessita de mais subsídio por parte da família, escola e de toda a sociedade, procuramos encontrar caminhos que auxiliem ou pelo menos amenizem esse entrave que se formou entre o aluno e professores, procurando contribuir para que esse obstáculo seja superado

A intenção dessa pesquisa é descobrir quais os maiores problemas, bem como as causas e consequências que acarretam todas essas dificuldades de leitura e escrita, com as quais se deparam os sujeitos desta pesquisa, que envolve o processo de alfabetização.

A essa altura em que todos os sistemas sociais estão aprimorando seus discursos em benefício da educação, começando pela importância que se tem dado ao ensino infantil, na trajetória da criança, bem como todos os recursos que destinam-se à escola, ainda assim, temos tantas dificuldades em alfabetizar para a vida social. Logo, procuramos responder as inquietações que vêm surgindo durante toda a observação entre os sujeitos em questão.

A análise que tem se feito sobre o processo de alfabetização e a dificuldade encontrada por professores e alunos em pleno século XXI, onde a educação é o ponto fundamental para o desenvolvimento profissional e as relações dos indivíduos dentro da sociedade que é seletiva e classificatória. Apontam que é preciso agir na raiz do problema procurando erradicar o analfabetismo por completo, não só na leitura e escrita, mas também na formação do pensamento lógico do sujeito.

A escolarização por si própria não garante o direito de ingressar no meio social se não houver um desenvolvimento das funções cognitivas afetivas, além de estimular o pensamento lógico e o senso crítico do sujeito, para que o mesmo venha a ter um desempenho melhor na convivência dentro da sociedade, cabendo assim o incentivo e a garantia da permanência do aluno dentro do espaço escolar, não por obrigação, mas por vontade própria de desenvolver suas habilidades para exercer sua cidadania com dignidade e respeito, respeitando e fazendo-se respeitar por outros sujeitos agentes da sociedade em que está inserido e tornar-se, futuramente, em um sujeito que constitui e participa da história de sua época.

Estamos convictos de que a educação é um direito do homem e precisa ser articulada com mais ênfase principalmente sobre os aspectos que impedem e dificultam sua permanência dentro da escola, uma vez que o homem, por ser um ser social, necessita estar sempre inovando suas ideias na busca por conhecimentos para repassar para o outro e também construir sua própria identidade.

Na segunda parte deste trabalho apresentamos o estudo empírico que contém as amostras do desenvolvimento das questões que afetam o processo de alfabetização e como funciona a instituição escolar, como seria o modelo que atenderia a população estudantil dentro de suas diversidades sociais, econômicas e culturais.

Entrevistamos alunos do 6º ano A, que estão dentro da faixa, pretendendo tornar clara a visão que os mesmos têm sobre a educação da instituição escolar, bem como a

contribuição que a escolarização pode lhe fornecer para sua formação no futuro, dentro da sociedade. Também entrevistamos alunos do 6º ano B, que estão fora da faixa etária, buscando sempre a visão sobre a educação que esses jovens têm para sua vida adulta dentro do meio social.

Concluído o recolhimento dos dados, analisamos e partimos para o ponto fundamental: a discussão dos resultados obtidos indicando as conclusões que se pode retirar do estudo que poderá auxiliar no trabalho exercido pelos professores e direção da instituição escolar para tornar mais simples esse processo que muito contribui para a vida social do sujeito.

Complementa-se ainda o estudo ora apresentado com anexos que se incluem as transcrições das entrevistas realizadas, além do levantamento analítico que teve suma importância na base de apresentação e discussão dos resultados obtidos no decorrer do trajeto, na busca de possíveis soluções para o problema de alfabetização nas escolas brasileiras, principalmente aquelas localizadas na zona rural do município de Touros-RN.

A intenção desta pesquisa foi coletar, através de observação, fatos relevantes que possibilitem uma visão clara e ampla do problema de que se trata. Procurando interpretar e compreender a questão norteadora que motivou nossa curiosidade em executar essa pesquisa, a deficiência da alfabetização que leva os alunos a estarem no 6º ano sem dominar a leitura e a escrita e sua desmotivação para absorver esse processo que se estende por toda a vida, bem como observar a angústia vivenciada por aqueles que compõem a escola, que tem no seu objetivo formar cidadãos capazes de se destacar na sociedade.

CAPITULO 1 - O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

1.1 DEFINIÇÃO E CONCEITUALIZAÇÃO

No decorrer deste capítulo abordaremos algumas concepções voltadas para o processo de alfabetização no Brasil e seus principais desafios, além de enfatizar as contribuições de estudiosos como: Ferreiro (2001, 2002, 2007), Soares (2005), Freire (1979, 1990, 2009, 2010), dentre outros colaboradores da educação. Apesar de nos últimos anos ter havido bastante destaque para a deficiência do processo de alfabetização e muito ter sido falado sobre esse assunto, na prática tem sido diferente. O contexto atual tem ficado maquiado pela própria escola, que busca sem muito sucesso absorver aqueles que a ela procuram. Para Canário (2006, p. 16), a escola que temos hoje não corresponde à mesma instituição que marcou a primeira metade do século XX. A instituição escolar sofreu mutações que podemos sintetizar em uma breve: a escola passou de um contexto de certezas, para um contexto de promessas, inserindo-se, atualmente, em um contexto de incertezas. SOARES (2005, p.14) afirma que neste início do século XXI, o problema permanece; a diferença é apenas que hoje os alunos não rompem a barreira da 1ª série como etapa de alfabetização, ou, no caso de sistemas que optaram pela progressão continuada, passam ao ciclo seguinte ainda não alfabetizados. Podemos destacar que a educação, em especial a leitura e a escrita ou alfabetização, ainda estão distantes de alcançar as classes menos favorecidas.

Autores como: FERREIRO (2007), SOARES (2005), CORTESÃO (2000), que abordam diretamente esse assunto estão sempre procurando mostrar que a alfabetização é o ponto fundamental para que haja mudanças significativas na educação e também na vida dos jovens. Para isso Freire (2009), Ferreiro (2001) e Soares (2005), dentre outros, vêm, ao longo de muitos anos, tentando alertar para o que chamamos de problema crônico nas escolas: que é inserir os alunos no mundo da leitura e da escrita. Mas não basta apenas ser leitor, é fundamental que possamos despertar também o senso crítico para que os alunos se tornem sujeitos pensantes e atuantes dentro da sociedade, sendo capazes de atuar diante das situações a eles oferecidas.

Quando a escola foi pensada, tinha outros objetivos, outro público. Hoje, mudou o público da escola, mas seus objetivos continuam os mesmos, arcaicos e fechados, sem pensar no que sua demanda precisa para obter sucesso ao ingressar, ou quando sair dela. CORTESÃO (2000). As concepções sobre a alfabetização são claras ao proporem que para ser alfabetizado é preciso ir além de ler e escrever, como cita FREIRE (1979), “aprender a ler

e escrever é, antes de tudo aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da linguagem”.

Na verdade, o processo de alfabetização, ponto fundamental para a formação das crianças e jovens, sofre muitas influências das novas tendências pedagógicas de GADOTT,(1988), LIBÂNIO,(1990),TRAVAGLIA,(1998), FREIRE,(2007), dentre outros que estão sempre inovando seus métodos para provar que são capazes de superar o entrave da deficiência ligada a alfabetização. Sabendo que isso ocorre por um conjunto de fatores peculiares a realidade do sujeito. Pois toda época tem suas conquistas, mas o tempo passa e com ele vem o desejo e a necessidade de mudanças que tornam-se necessárias para o desenvolvimento das sociedades. Ainda assim, vale ressaltar que o processo de alfabetização encontra resistência muitas vezes por não ser pensado de forma a atender a demanda recebida na escola que possui uma grande diversidade cultural. A escola por ser uma instituição de ensino onde é lugar de aprendizagem e ainda conserva valores oposto ao da “sociedade” que a frequenta como objetivo de mudar suas relações com o mundo para acompanhar as mudanças que ocorreram ao longo dos anos para tanto existe a necessidade de repensar os valores e objetivos da mesma. Como cita CORTESÃO, 2000, a escola foi criada para uma determinada classe social e por isso seu modelo era naquele momento adequado para aqueles que a frequentavam. Porém com a abertura da escola para todas as classes sociais houve a necessidade de também repensar seus objetivos e conceitos culturais, valores que possam abranger a todos da mesma forma levando em consideração o contexto sócio-cultural dos educandos.

Diante dessa realidade, autoras como SOARES,2005 e FERREIO,2007,que definem a alfabetização como algo que se estende por toda vida, não como algo acabado, mas como um processo que acompanha o sujeito em todas as épocas de sua história. Naturalmente que a alfabetização passa por varias etapas que o homem precisa seguir para tornar-se apto a exercer sua cidadania enquanto ser inacabado que é. Desse ponto de vista A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. Isto leva-o à sua perfeição. A educação, portanto implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. O homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso, ninguém educa ninguém (FREIRE,1979, p.27,28). Nesse sentido a concepção de alfabetização vem ao longo dos anos se modificando e ganhando mais espaços na visão dos autores que cada vez mais a enfatizam como um processo permanente que acompanha o homem por toda vida.

Por isso faz-se necessário a análise pormenorizada dessa pesquisa diante da evolução desses conceitos da alfabetização que envolvem alunos do 6º ano. Apesar de estarem há vários anos na escola os mesmos não encontram-se totalmente alfabetizados do ponto de vista dos pensadores da educação.

Antes de tudo faz-se necessário voltar os olhos para aqueles que estão dentro das escolas e muitas vezes são apontados como incapazes de compreenderem aquilo que a escola passa na área de conhecimento, sendo assim é fundamental estar em consonância com a realidade de cada um. A escola não foi pensada para essa classe que a frequenta daí o motivo de gerar tanta desigualdade ao invés de colocar-los em patamar de igualdade com o outro. Isso só pode acontecer através da linguagem como afirma (FREIRE, 1990, p.16, 17). A linguagem assegura também o poder da conjuntura: por podermos nomear o mundo e, assim, tê-lo dentro da mente, podemos refletir sobre seu significado e imaginar um mundo mudado. A linguagem é o meio para atingir uma consciência crítica, a qual, por sua vez, é o meio de imaginar uma mudança e de fazer opções para realizar transformações ulteriores. Assim, nomear o mundo transforma a realidade, de “coisas” no momento presente, em atividades como reação a situações e processos; em tornar-se.

O ensino da linguagem no contexto de “habilidades de sobrevivência” está mais à frente do que o treino com livro de exercícios, porém não completa a libertação. O processo de alfabetização exige todo um cuidado principalmente quando se está alfabetizando crianças das camadas sociais carentes que não estão familiarizadas a livros ou a qualquer tipo de leitura no seu cotidiano. Então a escola precisa pensar em habilidades que possam inserir essa criança no mundo novo, em que ela sinta-se a vontade para descobrir o prazer de estar dentro da escola, tendo como objetivo não só a diversão mas a aprendizagem significativa que lhe servirá de sustentação para sua vida enquanto cidadão que pode ser capaz de criar e transformar a sociedade e suas relações com os outros.

“No fundo, o essencial nas relações entre educador e educando, entre autoridade e liberdade, entre mães, filhos e filhas é a reinvenção do ser humano no aprendizado de sua autonomia. Me movo como educador porque, primeiro, me movo como gente. Posso saber pedagogia, biologia como astronomia, posso cuidar da terra como posso navegar. Sou gente. Sei que ignoro e sei que sei. Por isso, tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei.” (FREIRE, 1999, p.105,106)

Definir a alfabetização é pensar em mudanças significativas na história que sempre almejou o desejo de transformar o homem em um ser capaz de buscar sua sobrevivência e da mesma forma escrever sua própria história e sua autonomia. Tem sido assim desde o começo

da história da civilização, quando surgiram as primeiras formas de escrita que o homem vem buscando sempre melhorar e descobrir o prazer de criar suas próprias marcas para através delas marcar sua existência dentro do seu meio. Isso acontece por que sempre houve no homem a necessidade de se comunicar bem como se fazer entender pelo outro. Para LOPES e GALVÃO, (2005, p.16) a disposição para fazer história, ou para se ler o mundo como um dispositivo historiador, parte, antes de mais nada, de uma disposição radical para ler, ver, ouvir e contar o outro. Imersos em um presente que faz indagações, impõe questões, sugere temática. Por outro lado, a história em princípio, é um saber inútil, do ponto vista pragmático. Há quase um século, tem deixado, paulatinamente, de julgar o passado e tentar dele extrair lições para o presente e para o futuro.

Como se pode ver desde o surgimento do homem na terra, que o mesmo sentiu a necessidade de se comunicar e para isto desenvolveu a escrita a princípio através de desenhos e símbolos em pedras, afim de que fosse compreendido por outras gerações, mas com o passar da história a escrita foi se tornando clara até atingir o que denomina-se de caligrafia. Tendo contribuído para que entendamos um pouco mais, juntamente com outras formas de explicação da realidade, que o presente insistentemente nos coloca como um problema: um gesto, um modo de pensar, uma maneira de raciocinar, uma forma de agir. Foi assim desde o começo da história da escrita, Quando apenas eram riscos em pedras depois esses riscos foram se transformando em códigos e cada vez mais se aperfeiçoando até chegar aos dias atuais, onde a necessidade de ler e escrever tornou-se primordial para a convivência em sociedade uma vez que estamos vivendo a era da globalização, em que sobressai-se aqueles que tem o domínio da leitura e escrita enquanto aqueles que não conseguem esse aprendizado são deixados para trás sem o menor pudor. Daí começa a surgir a desigualdade social e como ela a divisão de classes que termina por afastar o aluno de suas atividades educacionais e a escola contribui para esse afastamento, quando deixa de repensar seus objetivos.

A história da escrita bem como da educação tem em sua essência uma certa semelhança visto que estão interligadas por um desejo de crescimento do ser humano no decorrer do circulo de vida do mesmo na sociedade. O desejo de alfabetização para aquelas classes sociais com menos poder de leitura e escrita torna-se um obstáculo muitas vezes não compreendida por aqueles que estão a frente dos interesses, fazendo cumprir currículos com objetivos que não estão em consonância com a realidade cultural do aluno advindo das camadas populares com menos poder aquisitivo e que possui pouco interesse ou incentivo de estar na escola. Esses alunos muitas vezes a escola para fugir do trabalho, como divertimento,

freqüentam mesmo por causa da alimentação. Todas essas causas estão a frente do verdadeiro objetivo da escola que é ou pelo menos poderia ser alfabetizar para a vida, para o mundo, porém levando sempre em consideração o dialeto, a cultura que o aluno trás consigo ao ingressar na escola, sendo apenas trabalhado de maneira que o aluno não sinta-se diferente dentro da própria escola. Como afirma, FERREIRO,(2001, p.30). É útil se perguntar através de que tipo de práticas a criança é introduzida na língua escrita, e como se apresenta este objeto no contexto escolar. Há práticas que levam a criança à convicção de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só se pode obter da boca dos outros, sem nunca ser participante na construção do conhecimento. Essa construção que a escola precisa buscar junto dos educandos, a realidade, a cultura, os valores, resgatar o saber e construir o conhecimento dentro da instituição escolar é fundamental para motivar o desejo de aprender e estar sempre pronto e aberto a novos desafios que os tornarão cada vez mais preparados para descobrir caminhos que lhes afastem da ignorância de não ter conhecimento dos seus direitos e deveres como cidadãos. Para isso é necessário alfabetizar-se.

Todos os problemas da alfabetização começaram quando se decidiu que escrever não era uma profissão, mas uma obrigação, e que ler não era marca de sabedoria, mas de cidadania. (FERREIRO, 2002,p.12).

1.2 HISTÓRICO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

É pertinente afirmar que, o processo de leitura e escrita nos encaminha para uma vastidão de conhecimentos importantes a cerca da história que remete desde o surgimento da escrita, com os povos primitivos e suas necessidades em desenvolverem essa prática que no decorrer dos tempos foi cada vez mais se moldando, passando a ser ponto fundamental na construção do saber para a formação da sociedade. No entanto o processo de alfabetização sofreu muitas mudanças com a influência dos paradigmas que surgiam acrescentavam algo com relação ao método e assim com todas as transformações chegaram ao século XXI ainda sendo o eixo central para o desenvolvimento de toda aprendizagem do sujeito. Mesmo assim ainda se encontra muitas dificuldades em alfabetizar crianças e, jovens que chegam as instituições escolares e permanecem por longos anos sem conseguir o básico, ou seja, ler e

escrever. Mas essa leitura não se resume só a decodificar letras em sons mas interpretar a realidade a sua volta bem como do outro.

A declaração sobre o prazer da leitura leva a privilegiar um único tipo de texto: a narrativa ou a literatura de ficção, esquecendo que uma das funções principais da leitura ao longo de toda a escolaridade é a obtenção de informação a partir de textos escritos. Um dos objetivos sintomaticamente ausente dos programas de alfabetização de crianças é o de compreender as funções da língua escrita na sociedade. (FERREIRO,2007, P.18,19).

O desejo de interpretar os escritos para melhor entender o que esta a sua volta. Transformou-se em armas essenciais para a construção de uma sociedade mais digna e justa para aqueles que a compõe. Porém, alfabetizar-se requer muito mais do que ler e escrever, é preciso saber enxergar o mundo ao seu redor e procurar ser conhecedor dos seus direitos e obrigações, lutar por aquilo que considera seu ideal e muito mais além de ler livros e escrever cópias de textos. Portanto estar alfabetizado é compreender o mundo e os fatos, acontecimentos que estão presentes no dia a dia bem como aqueles que fizeram parte da história de outras civilizações. Como afirma FREIRE, (2002, p. 14) A alfabetização e a conscientização jamais se separam.

A consciência é geradora na prática social de que se participa. Mais tem, também, uma dimensão individual. Minha compreensão do mundo, meus sonhos sobre o mundo, meu julgamento a respeito do mundo, tendo, tudo isso algo de mim mesmo, de minha individualidade, tem que ver diretamente com a prática social de que tomo parte e com a posição que nela ocupo. (FREIRE,1990,p.29).

O Brasil, entra para a história da civilização ocidental, a partir de 1500 porém só em 1549 é que teve início o processo de alfabetização, com a chegada dos jesuítas no início da colonização portuguesa. Nesse contexto, a educação não era objetivo prioritário uma vez que a demanda existente não primava por uma formação especial. Pode-se afirmar que o Brasil passou e passa, até hoje, por profundas transformações relacionadas ao processo de alfabetização. É importante destacar que durante esse período da história a educação brasileira estava voltada para a catequese uma vez que seus orientadores, eram padres e os alunos índios. Porém, com as reformas implantadas pelos colonizadores foram surgindo outros desejos com relação ao sentido que se queria da aprendizagem. Embora a educação não sendo prioritária, surgiu um primeiro plano de ensino que foi o Ratio studiorum que era importado da Europa, com uma visão católica, sem um código de ensino. Mesmo assim os jesuítas conseguiram a hegemonia na educação brasileira a custa da catequese dos índios, na educação dos filhos dos colonos, na formação de novos sacerdotes e da elite intelectual. O método dos

jesuítas compreendia o trinômio: estudar, repetir e disputar. Além disso, também havia a pré- lição e, a lição de cor. Pode-se afirmar que os jesuítas empreenderam, no Brasil, uma significativa obra missionária e evangelizadora, especialmente fazendo uso da educação escolar, como uma ação poderosa e eficaz. Enquanto isso na Europa se estabelecia a composição entre pedagogia realista e pedagogia conservadora no século XVII. Já, no século XVIII surgiu a reforma do Marquês de Pombal que começou com a expulsão dos jesuítas, passando o comando da educação para as mãos do estado. Daí o estado levou alguns anos para implantar totalmente essa reforma criando as aulas régias ou avulsas de latim, Grego, Filosofia que deveriam suprir as disciplinas que antes eram oferecidas pelos jesuítas. Com vinda da família real para o Brasil em 1808 e depois com a independência em 1822, a preocupação fundamental do governo com a educação foi a formação da elite dirigente do Brasil.(Fundação universitária do Tocantins), UNITINS,(2007,P.12,13).

Cabe ressaltar que mesmo a educação tendo aparecido na primeira constituição de 1824, não havia uma ação concreta com relação à política de educação sistemática e planejada no qual as mudanças surgiam para resolver os problemas de imediato. Em 1834, houve uma reforma que descentralizou o ensino, atribuindo a coroa a função de promover e regulamentar o ensino superior enquanto que as províncias, mais tarde estados, ficaram responsáveis pela escola elementar e secundário, dessa forma a educação da elite ficou a cargo do poder central, enquanto a do povo ficou confiada às províncias. Já no final do século XIX, há uma mudança relacionada a história do Brasil: a abolição da escravatura, surto industrial, política imigratória, fortalecimento da burguesia urbano-industrial. Na área da educação surgiram os ideais positivistas intensificando a luta pela escola leiga, gratuita e pública. Cabe frisar que a partir dos movimentos sociais, econômicos, políticos e culturais do início do século XX, a educação estabelece-se como instrumento essencial de um país democrático e em desenvolvimento. (fundação universitária do Tocantins),UNITINS,(2007,p.48)

Com o fim da primeira guerra mundial, representantes da burguesia crescente exigem o acesso à educação. O operário, por sua vez, precisava ter um mínimo de escolaridade. Em 1924, fundou-se a Associação Brasileira de Educação- ABE trazendo à tona o pensamento liberal da escola pública que era representado pela escola nova. Entre diversos filósofos podemos destacar no Brasil Anísio Teixeira (1900-1971), o sociólogo Fernando de Azevedo (1894-1974), Lourenço Filho (1897-1970), que lutaram em favor da escola pública. Eles combatiam a escola elitista e acadêmica tradicional enquanto defendiam a laicidade e a educação. Em 1932 foi publicado o manifesto dos pioneiros da educação onde os mesmos

defendiam a educação obrigatória, pública, gratuita e leiga como um dever do estado. Mais a diante com o estado novo surgiu a reforma Capanema que teve seus maiores avanços no ensino profissional. Em 1942, ocorreu a criação do serviço nacional de aprendizagem industrial (SENAI) com cursos para aprendizagem, aperfeiçoamento e especialização, em 1946, a criação do serviço nacional de aprendizagem comercial (SENAC), oferecida á população de baixa renda e sem condições de estudo. Em seguida surgiu o movimento de educação popular em Recife, orquestrado por Paulo Freire.

Segundo este autor vivemos em uma sociedade dividida em classes, na qual os privilégios de alguns impedem à maioria de usufruir dos bens produzidos, havendo falta de acesso à educação de qualidade. Mas o movimento de libertação deve partir dos próprios oprimidos. Sua educação deve iniciar-se com um trabalho de conscientização e politização. (UNITINS, 2007,P.22,25,) As obras de Paulo Freire indicam que a pedagogia dominante baseia-se numa concepção bancária, na qual o professor detém o conhecimento e o fornece ao aluno como se estivesse preenchendo um recipiente vazio. Já a concepção problematizadora da educação, ao contrario, baseia-se na compreensão da consciência e do mundo. Vale ressaltar que o método Paulo Freire não deve ser reduzido a uma mera técnica de alfabetização e sua contribuição não pode fica restrita à educação de adultos. Sua pedagogia é fundamentada na pretensão e superação da dicotomia entre teoria e prática, que permite a ampliação dos conceitos analisados dentro de uma amplitude maior, isto é na própria concepção de educação. Os principais movimentos de educação popular foram:

- Centros populares de cultura;
- Movimentos de cultura popular;
- Movimentos de educação de base

No final do século XX e na primeira década do século XXI, com o aceleramento do processo de globalização o neoliberalismo, a internet, a informática passaram diretamente a influenciar a vida do homem pós-moderno.(UNITINS, 2007, P.28,63,64,65). A escola, diante dessa realidade necessita ser repensada, renovada e até mesmo reconstruída. Suas práticas educativas devem desenvolver-se ao contrário daquelas concepções neoliberais. Dessa forma as propostas devem seguir um padrão que prime pela integração de todos os sujeitos participantes da sociedade, ou seja, uma proposta pedagógica crítica, libertadora,

conscientizadora onde todos possam ter o mesmo direito ao aprendizado e o acesso a escola independente dos valores culturais ou condições sociais a que pertencem.

Contudo a educação brasileira no século XXI, vem lutando por uma escola democrática onde o processo de formação que é desenvolvido no espaço escolar sofrendo transformações, agregando novos valores e desafios à vivência no mundo contemporâneo. Da mesma forma o processo de educação também sofre transformações, pois existe na atualidade a exigência de agregação de novos modelos sociais às práticas educativas. A escola deve lutar contra a alienação imposta pela sociedade capitalista em que ela está inserida. É possível lutar pela libertação dos nossos alunos. Libertação que também é sinônimo de conscientização. Essa consciência crítica não pode ficar apenas no plano individual. É necessário que cada aluno tenha oportunidade de expor sua visão de mundo e de vida, estabelecendo uma relação dialógica com os outros sujeitos do processo e com o próprio mundo em que vive (FREIRE, 1998). “A escola é lugar de compartilhamento de valores e de aprender conhecimentos, desenvolver capacidades intelectuais, sociais, afetivas, éticas, estéticas” (LIBÂNIO,2004,139).

1.3 AS IMPLICAÇÕES DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E AS TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS

Desde o início da colonização brasileira, em 1530 que começou uma luta para a implantação da alfabetização. Naquele momento o modelo que foi trazido pelos jesuítas parecia o ideal, mas com o passar dos tempos aquele modelo foi se tornando arcaico e também não atendia mais a classe dominante da colônia, que caminhava para se tornar província e mais tarde estado. Portanto, seria interessante que a educação tomasse outros caminhos que atendessem as necessidades daquele período da história. Mais adiante surgiram outros modelos de ensino, como a pedagogia conservadora, que era baseada no modelo europeu católico. Depois veio a reforma pombalina, com ela o maior marco foi a expulsão dos jesuítas do Brasil iniciando assim uma nova fase da educação. No entanto, eram modelos restritos e que não atendia toda a demanda existente nas colônias que estavam voltadas para a pequena classe burguesa que dominava a colônia e assim permaneceu por muito tempo até a chegada do positivismo cujas ideias conquistaram os jovens militares, formados pela escola

militar, mais tarde o manifesto dos pioneiros que defendia a escola para toda a sociedade e não só a formação da elite. Posteriormente foram surgindo filósofos que defendiam a causa de colocar toda a sociedade no mesmo nível de conhecimento e com eles as tendências pedagógicas que auxiliam os métodos facilitando a aprendizagem e o conhecimento que é fundamental na vida do sujeito que está atuando na sociedade. Esta sociedade esta globalizada exigindo toda uma formação do indivíduo, de modo que aqueles que não conseguem a formação exigida acabam ficando para traz e terminando por serem excluídos pela própria sociedade.

Em primeiro lugar, as informações classificadas sobre a aprendizagem para a vida e os seus efeitos sobre a sociedade e sobre a economia estão cruelmente em falta. Sendo um dado adquirido que os países não podem mais contar unicamente com a expansão progressiva da formação inicial para satisfazer os pedidos de novas qualificações de alto nível, novos indicadores devem ajudar nas decisões melhorar as bases da aprendizagem para a vida. (TEODORO&TORRES,2006, P.197,198). Assim sendo, o processo de alfabetização ainda enfrenta um problema crucial voltado para inserir todos os indivíduos no mundo da leitura e da escrita para que não haja exceção sobre o conhecimento e a aprendizagem onde todos possam da mesma forma partilhar do saber, e das mesmas oportunidades, ou seja, conviver na sociedade com os mesmos direitos e deveres, sendo capaz de se localizar no seu espaço, sabendo opinar nas questões sociais, exercendo o direito de ser cidadão e participar das decisões. A educação está sempre se misturando com todo o processo da vida social dos sujeitos, por isso é fundamental no desenvolvimento do indivíduo, tornando o mesmo capaz de se comunicar, e socializar com o outro. A escola que é uma instituição social tem o verdadeiro papel de intermediar esse processo de socialização entre os cidadãos, portanto a escola precisa ser repensada do ponto de vista da realidade daqueles que a frequentam buscando adquirir conhecimentos. Segundo KRUPPA,(1994,P.30). homens e mulheres devem ter acesso a um local onde aprofundem sua capacidade de criadores e admiradores de conhecimentos, também pelo acesso àqueles conhecimentos já obtidos pelo desenvolvimento das ciências . A escola deve ser um meio que possibilite ao conjunto da população a discussão e a interferência na direção da sociedade, nos níveis econômicos, político e social.

Nessas perspectivas, surgem as tendências e com elas os modelos de aprendizagem. Uma tendência que marcou e até hoje ainda encontra-se presente e muitas vezes bastante forte nas instituições escolares é a pedagogia tradicional, pois no contexto que surgiu demonstrou-se revolucionária, mas mesmo assim não conseguiu acompanhar as mudanças que ocorreram

na sociedade relacionadas a educação, terminando por não atender os desejos da sociedade. Essa pedagogia ficou marcada pela rigidez e autoridade do professor dentro da sala de aula. Nesse método todo o poder está concentrado na transmissão do conhecimento que o professor detém, sendo o aluno apenas o receptor desse conhecimento. Para contrapor a pedagogia tradicional surgiu a pedagogia renovada com o movimento da pedagogia não diretiva e pelos movimentos escola nova ou escola ativa, onde o eixo central está baseado na valorização do indivíduo como ser livre e social, sendo o professor apenas um facilitador da aprendizagem, procurando estimular a curiosidade da criança, para que a aprendizagem se torne mais prazerosa e eficaz. Mais adiante, surgiu a tendência tecnicista inspirada na teoria behaviorista de Skinner, tendo seu ponto central ligado a conduta e no estímulo, ou seja, a escola funciona como modeladora do comportamento tendo sua atuação no aperfeiçoamento da ordem social e o seu interesse imediato é produzir indivíduos competentes para o mercado de trabalho.

Como indicam os parâmetros curriculares nacionais (1997), o que é valorizado nessa perspectiva não é o professor, mas a tecnologia; o professor passa a ser um mero especialista na aplicação de manuais e sua criatividade fica restrita aos limites possíveis e restritos da técnica utilizada. A função do aluno é reduzida a um indivíduo que reage aos estímulos de forma a corresponder as repostas esperadas pela escola, para ter êxito e avançar. Seus interesses e seu processo particular não são considerados e a atenção que recebe é para ajustar seu ritmo de aprendizagem ao programa que o professor deve implantar (BRASIL, Ministério da educação, 1997, p.1). Diante dessa realidade já no final dos anos 70 e início dos anos 80 com a abertura política e a decadência do regime militar, há uma intensa movimentação trazendo mudanças na educação, tendo em vista superar as desigualdades sociais essa tendência denominada pedagogia libertadora e crítica social foram defendidas por educadores que se orientavam no marxismo e priorizavam o diálogo e a emancipação do sujeito em suas práticas educativas. Dessa forma, o método de ensino se baseia na relação dialógica entre os atores da aprendizagem, tanto alunos quanto professores. Como afirma, Freire (2001, p. 34), é pelo diálogo que se dá a verdadeira comunicação. Nele os interlocutores são ativos e iguais. A comunicação é uma relação social igualitária, dialógica, que produz conhecimento.

A aprendizagem resulta de uma ação motivadora, da codificação de uma situação problema, aprender é um ato de conhecimento da realidade concreta, isto é, da situação real vivida pelo educando, que se dá por meio de uma aproximação crítica dessa realidade. O que é aprendido não decorre da imposição ou memorização, mas do nível crítico de conhecimento ao qual se chega pelo processo de compreensão, reflexão e crítica (LIBÂNIO, 1983, P.11,19).

Não é de se estranhar que com todas essas mudanças que ocorreram na educação brasileira, durante a história, mais uma venha acontecer a chamada crise dos paradigmas ou mudança conceitual na nova maneira de ver o mundo, isso desencadeou um esgotamento nos modelos anteriores que passaram a serem modificados e terminaram por serem substituídos, porém não totalmente. Com isso os métodos de ensino vão se inovando a cada dia e trazendo novas perspectivas para incentivar a aprendizagem, mas para isso, é preciso que o educador esteja aberto a todas essas mudanças que ocorrem ao longo dos anos e também possa compreender que ensinar é uma missão árdua e muitas vezes desencanta aqueles que buscam fazer de sua prática um verdadeiro sacerdócio, e no entanto não são entendidos como pretendiam ser. Isso leva a reflexão de como é difícil lutar por uma sociedade mais justa, e igualitária onde todos sejam preparados para exercer sua cidadania.

“Tenho medo de sofrer da desistência, um mal que vem acometendo muitos professores por causa das incertezas e das inúmeras demandas de mudanças nas práticas. As vezes chego a pensar que eu não sei mais dar aula” (PATRÍCIO, 2004, P. 8).

Isso revela que se precisa estar em constante busca pelo conhecimento que é uma fonte que está sempre se renovando e quanto mais se procura aprender mais há a necessidade de descobrir coisas diferentes do que já se sabe ou pelo menos se imaginava saber. Enquanto buscamos nos libertar da nossa ignorância o que muitas vezes levamos tempo para conseguir absorver algo tantas vezes por egoísmo de não querer enxergar que as mudanças são importantes e necessárias para a construção de seres humanos melhores e com isso construir uma sociedade mais organizada em que todos possam compartilhar seus ideais, conquistar seu próprio espaço e usar sua liberdade de poder lutar por condições de melhores de vida. Porém, isso só pode acontecer quando a educação for a prioridade de toda a nação e deixar de ser vista como algo que não está ao alcance daqueles com menos poder aquisitivo que terminam por acreditar que não podem formar seu filho, que o mesmo ao invés de estudar necessita trabalhar para ajudar a família.

A família que é uma instituição antiga e sofre com as mudanças sociais de hoje precisa retornar sua força e papel de incentivar a educação para seus membros juntamente com a instituição escolar que mesmo estando ultrapassada nos seus conceitos ainda tem o poder de transformar a sociedade, bastando para isso organizar-se junto a família para traçar objetivos comuns a todos, onde sejam valorizados os conhecimentos culturais e valores daqueles que estão dentro da sociedade, mas mesmo assim sentem-se excluídos por não

saberem lutar por aquilo que é seu de direito, acabando assim sendo oprimido junto com suas idéias. Por isso uma escola que prime pela aprendizagem de seus alunos não pode ficar limitada a teorias arcaicas que foram pensadas no passado, onde os sujeitos eram outros e a fora de pensar e ver o mundo também eram diferente dos dias atuais em que o avanço da tecnologia da industrialização, comércio e economia estão voltadas para a informatização e crescimento mundial, não podemos mais aceitar políticas educacionais que reprimam o direito do indivíduo participar dessas mudanças que estão acontecendo e que são fundamentais para o desenvolvimento social. Sendo a educação o melhor caminho para se conquistar a liberdade, igualdade para exercer os direitos de cidadãos.

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que ainda não se encontram preparadas para a vida social. Tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio social a que a criança particularmente se destina. (DURKHEIM,1975,P.45).

1.4 A ETNOGRAFIA DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

No contexto social as crianças das zonas rurais tem menos contato com a escrita do que as crianças da zona urbana e por isso apresentam mais dificuldades para se familiarizar com esse mundo da leitura e escrita. Por outro lado, as crianças da zona urbana começam muito cedo o contato com a leitura e a escrita. Diante dessa realidade, surgiu a necessidade de proporcionar essa prática através da pré-escola para que desde cedo elas possam conhecer a importância do conhecimento que tem a língua escrita como função social e que o uso correto só lhe trará uma boa compreensão dos fatos e acontecimentos através da interpretação que faz do mundo e da escrita. Para FERREIRO, (2001,P. 100), nem uma criança da zona urbana de 6 ou 7 anos de idade começa o primário com total ignorância da língua escrita. O aprendizado da escrita começa muito antes do ingresso da criança na escola. As crianças de zonas urbanas são desde cedo expostas a situações reais de leitura e escrita em que as informações podem vir de três formas: nas embalagens de brinquedos e alimentos etc; quando se lê para ela uma história, ou seja, quando ela participa de atos sociais de leitura e escrita, como por exemplo, a consulta do jornal por parte dos adultos para saber a programação de algum evento cultural. Enquanto as crianças da zona rural pouco tem acesso a essas informações na maioria das

vezes são filhos de analfabetos, não tem contato algum com a leitura e escrita dentro de casa, sendo o único acesso a escola quando ingressar aos 6 anos de idade. Por isso, a ausência total do domínio com essa prática fundamental para sua aprendizagem. Com isso pode-se afirmar que:

O processo de alfabetização, na escola sofre talvez mais que qualquer outra aprendizagem escolar. A marca da discriminação em favor das classes sócio-economicamente privilegiadas. A escola valoriza a língua escrita, e censura a língua oral espontânea que se afasta muito daqueles: ora, como foi dito anteriormente, a criança das classes privilegiadas, por condições de existência. Adapta-se mais facilmente às expectativas da escola, tanto com relação às funções e usos da língua escrita, quanto em relação ao padrão de língua oral. (SOARES. 1985, P.05).

No contexto atual a instituição escolar enfrenta um grande desafio que é formar bons leitores. Pois a cada ano saem da escola um grande número de indivíduos que muitas vezes não conseguem ler um texto abstraído o seu sentido geral uma vez que quem escreve, tem com a intenção de repassar informações para outras pessoas. Entre tantos só é possível absorver a leitura por inteiro quando o leitor tem conhecimento das convenções ortográficas e da mesma forma das características do tipo de texto que vai ler. É necessário o bom entrosamento do aluno com o mundo mágico da leitura e escrita, sendo importante que todos os indivíduos tenham essa compreensão, para se formar leitores com capacidades de interpretar e produzir textos usando seus próprios pensamentos. É preciso que o professor saiba fazer uso das experiências trazidas pelos alunos advindos das camadas menos favorecidas, em que o padrão da norma culta não se faz presente, onde as próprias pessoas criam seus dialetos para se comunicarem e se fazerem entender. Desse modo, as crianças chegam a escola com esses dialetos adquiridos no espaço que vivem tornando-se difícil adaptar-se a outra norma. É levando em consideração esse conhecimento que a escola e o professor precisam se apoiar e não deixar de lado como se tudo que o aluno traz consigo é errado. Portanto, é através desses conhecimentos e valores culturais dos diversos grupos sociais que enriquecem a cultura de um povo ou nação. Esse conhecimento que entra na escola com as crianças e que não é aproveitado de forma produtiva para a construção do conhecimento elaborado, exigido pela sociedade. A escola continua sendo o lugar de trocas de saberes, onde professor que ensina também aprende com seus alunos na experiência do dia a dia com a diversidade de cultura que o educando traz consigo. Como diz FREIRE, (1996, P.23) “ensinar não significa transferir conteúdos, mas é um processo que envolve uma relação em que quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. O educador ao ensina também aprende a ser educador.” A prática de ensinar e

aprender quando autêntica é uma vivência total, diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética. È nesta perspectiva que a escola deve trilhar para absorver todos os conhecimentos, sem discriminar, fazendo desses conhecimentos o ponto principal da construção do ensino-aprendizagem das crianças. Para chegar no ensino fundamental I é importante ter consciência do poder da leitura e da escrita no seu aprendizado bem como a oralidade.

É fundamental na prática da alfabetização, pois a oralidade e a escrita fazem parte de um processo contínuo apesar de possuírem características textuais próprias. Ao mesmo tempo, nessas situações, os alunos desenvolvem a competência comunicativa, ou se já, a capacidade de compreender e produzir mensagens coerentes.(FREIRE &MACEDO,1994).

Nesse caso é pertinente dizer que a oralidade das crianças deve ser aproveitada na construção do seu próprio conhecimento. A esse respeito FREIRE, (1990, P.35), afirma: A língua também é cultura. Ela é a força mediadora do conhecimento. Creio que tudo isso passa também através das classes sociais. Uma pedagogia crítica propõe essa compreensão cultural dinâmica e contraditória, e essa natureza dinâmica e contraditória da educação como objeto permanente de curiosidade por parte dos educandos. Porém uma coisa é bem clara: a oralidade começa dentro de casa com a socialização da família, portanto, não seria justo deixar para traz tudo que a criança aprendeu no próprio meio. Cabe ao professor explorar esse potencial do aluno, pois como afirma ELIAS,(2000,p.198), é importante conhecer seu aluno e valorizar as habilidades que ele possui, criando oportunidades para que ele possa desenvolvê-las e potencializá-las. Isso influencia muito no que o aluno irá aprender, o aluno não é passivo, mero receptor, mas está em constante atividade, querendo conhecer tudo, cabendo assim à escola não anular esta vivacidade e esse interesse com imposições e, sim, ativá-los constantemente,para que o mesmo sintá-se a vontade dentro da sala de aula e possa reconhecer nesse espaço o aconchego do seu lar onde as pessoas falem a mesma língua sem fazer distinção entre a fala de um ou de outro. Só assim a escola e a sala de aula irão ter sentido para as crianças. Como afirma CHARLOT,(2000,p.73),uma aula interessante é aquela em que se estabeleça em uma forma específica, uma relação com o mundo, uma relação consigo mesmo e uma relação com o outro, Esse outro pode ser o professor ou um colega. Enfim a criança precisa encontrar o prazer de freqüentar a escola e sentir-se acolhida por todos aqueles que constituem a mesma, por isso é que a valorização da educação infantil torna-se importante, pois desde muito cedo ela aprende a conviver com outras crianças e socializar suas experiências, bem como a ter contato com as primeiras letras, brincadeira, jogos, quebra-cabeça, etc.

Entre tanto, a mudança recentemente ocorrida no Brasil na educação básica exige que seja repensado o processo de alfabetização e letramento das crianças do ensino fundamental que passa a ser de 9 anos. Mesmo com todas as contribuições que a educação tem recebido de outras áreas do conhecimento, como no caso da genética, psicologia e psicolinguística, o que mais chama atenção é o incentivo dado importância da educação infantil ou pré-escola, uma vez que abre espaço para o desenvolvimento integral na infância. Isso indica que existe a possibilidade de futuramente os alunos chegarem no 6º ano com um certo domínio de leitura, e escrita, bem como senso crítico para produzir e reproduzir com coerência aquilo que pensar, ouvir ou imaginar. Sendo assim o processo de alfabetização inicia-se mais cedo na escola cabendo ao professor fazer uso das potencialidades dos alunos não só explorando os conhecimentos, mas também estimulando o lazer entrelaçado ao aprendizado da criança que mais tarde necessita de todo esse aprendizado para poder exercer sua alfabetização completa e não somente conseguir sair da escola letrado, apenas decodificando sem o domínio da interpretação que é o passo importante para a leitura que deve-se fazer dos gêneros textuais como também da leitura de mundo.

A consciência do mundo constitui-se na relação com o mundo; não é parte do eu. O mundo, enquanto outro de mim, possibilita que eu me constitua como eu em relação com você. A transformação da realidade objetiva (o que chamo de escrita da realidade) representa exatamente o ponto a partir do qual o animal que se tornou humano começou a escrever história. Isso teve início no momento em que as mãos, liberadas, começaram a ser usadas de maneira diferente. À medida que essa transformação tinha lugar, a consciência do mundo contatado ia-se constituindo. Precisamente essa consciência do mundo, tocado e transformado, é que gera a consciência do eu. (FREIRE, 1990, p.32).

Torna-se evidente que o ler, escrever e o falar não são atividades somente repetitivas, mas são atividades de elaboração do pensamento onde para falar o indivíduo precisa elaborar suas idéias, da mesma forma para produzir algo faz-se necessário uma elaboração no sentido do que se quer escrever. A escrita por sua vez representa a fala que está ligada a realidade, somente quando a criança passa a perceber que a escrita tem relação direta com a forma de expressão e comunicação é que a aquisição da linguagem vai se tornando de fácil compreensão. Daí a mesma desenvolve suas habilidades com mais segurança que é fundamental no desenvolvimento da aprendizagem do sujeito que está em processo de construção, formação do saber.

Até a década de 1970, o conceito e as práticas de alfabetização privilegiavam o domínio das correspondências fonográficas. A aquisição da língua escrita tinha um caráter mecânico em que alfabetizar significava adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em

língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em oral (ler). (SOARES, 1985, p. 3). Porém os conceitos mudaram, de modo que agora alfabetizar-se é ir muito mais além, é pensar e refletir sobre o mundo a sua volta. Como já foi citado anteriormente as mudanças são constantes e necessárias na educação pois a cada vez que surgem novas mudanças com elas também vem a esperança de progresso para conseguir igualar as crianças que estão abaixo do nível desejado pela a alfabetização. Ou por aqueles que contribuem para esse processo que é de fundamental importância no convívio social, e para isso acontecer é de suma importância que esse processo do eu se torne parte da consciência humana, pois só assim é que a educação pode transformar a sociedade, sendo que:

A Consciência é gerada na prática social de que se participa. Mas tem, também, uma dimensão individual. Minha compreensão do mundo, meus sonhos sobre o mundo, meu julgamento a respeito do mundo, tendo tudo isso algo de mim mesmo, de minha individualidade, tem que ver diretamente com a prática social de que tomo parte e com a posição que nela ocupo (FREIRE, 1990 p. 29).

Com base nas mudanças que estão acontecendo na educação no século XXI, a aquisição de leitura e escrita apresentada no século XX, parece insuficiente para que o processo de alfabetização seja concreto, é preciso ir mais adiante dessa concepção que encontra-se ultrapassada, sendo assim necessário estar em consonância com a realidade dos fatos, e também estar informado dos acontecimentos ocorridos no mundo. Procurar interagir com o meio que está inserido, bem como buscar interagir com outras realidades, torna o indivíduo com mais capacidade de ver o mundo e poder opinar sobre ele. Porém isso só será possível a partir da compreensão que se pode fazer das experiências vivenciadas no dia a dia do aluno, levando sempre em consideração o falar, o agir as formas que eles usam para se expressar e socializar-se com o outro. Essa relação é importante para a construção do processo de ensino-aprendizagem de uma criança com outras, no contato diário das relações isso significa que;

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. E é ainda o jogo destas relações do homem com o mundo e do homem com os homens, desafiado e respondendo ao desafio, alterando, criando, que não permite a imobilidade, a não ser em termos de relatividade preponderância, nem das sociedades nem das culturas. No entanto as crianças ainda tem dificuldade em assimilar esse processo em particular aquelas da zona rural com poder aquisitivo econômico de baixa renda são as que mais sofrem com as dificuldades no aprendizado (FREIRE,2009, p. 51).

CAPÍTULO 2 - A ALFABETIZAÇÃO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

2.1 A CONTRUÇÃO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DO ALUNO NO 6º ANO

Nesse sentido a primeira etapa da investigação em que procederam à recolha e análise bibliográfica, pode se observar a trajetória de diversos autores que buscavam melhorias no ensino, em especial começando pela alfabetização e na forma como era conduzida esse processo no Brasil. É pertinente dizer que mesmo sendo um processo que acompanha o indivíduo por toda a vida, exerce também uma dimensão que vai de encontro com as esferas intelectual, afetiva, cognitiva, social e cultural e requer um minucioso estudo. Com relação a forma com que é tratada por aqueles que deveriam a valorizar mais.(TEODORO &TARRES, 2006,P.92) afirmam que o estado está a construir e a distribuir as possibilidades dos novos conhecimentos pedagógicos através de uma gama de agências formais e informais. Há um circulo de inflação pedagógica que não cria autonomia quer para os formadores quer para os formandos, já que ambos ficam sujeitos às finalidades estabelecidas pelo estado.

A escola que como qual quer outra instituição possui uma hierarquia e está organizada para ensinar conhecimentos programados, ou seja,o conhecimento que se trás do meio é diferente do adquirido no ambiente da escola. O estado que cria as leis para regulamentar o ensino ao mesmo tempo abre espaço que muitas vezes contradiz com o que se pratica na realidade, assim os alunos terminam por sair da educação básica sem dominar o básico do básico que é a alfabetização, uma vez que a mesma é a base fundamental para a construção do cidadão. Quem não consegue atingir esse processo por completo também não consegue destacar-se com sucesso dentro da sociedade.

Para KRUPPA,(1994), a escola na sociedade capitalista reproduz as desigualdades sociais conforme as classes. Saber e poder caminham juntos, embora, dialeticamente, as condições geradas pelos conflitos possam provocar mudanças nas relações entre saber e classes sociais. Antes de prosseguirmos as reflexões a respeito da demanda de alunos que não atingem a alfabetização pelo menos como conceituado por (FERREIRO,2007, SOARES,2005 & FREIRE,2006), vale ressaltar que o fato,de que em outra época esse processo não tenha sido abordado como meta prioritária na construção do cidadão, na atualidade passa a ser o eixo central para o desenvolvimento da sociedade.

Como foi visto no capítulo anterior a educação brasileira vem ao longo de sua história enfrentando diversas mudanças e mesmo assim ainda encontra dificuldades em

avançar no campo da alfabetização. Parece inconveniente afirmar que nos dias atuais com tantas evoluções e recebendo contribuições de outras áreas do conhecimento não se consiga preparar a criança para o mundo globalizado que exige uma compreensão ampla do conhecimento em geral. Uma vez que ler e escrever parece ser muito pouco para conseguir ingressar no espaço social, e mesmo assim as escolas enfrentam dificuldades para inserir o pouco conhecimento aos seus alunos que terminam por passar anos e anos na mesma série/ano sem conseguir o básico, ou seja, ler e escrever.

Embora o processo de aprendizagem comece muito antes da criança chegar na escola mesmo assim não tem adiantado, pois as mesmas estão apresentando uma certa dificuldade em desenvolver suas habilidades de leitura, escrita, interpretação e produção. Diante dessa realidade a escola cria projetos e formas de incentivar a leitura, produção de textos, mais se depara com uma realidade contraditória onde as crianças chegam a escola sem qualquer domínio do saber elaborado e com valores culturais diferentes a falta de incentivo da família muitas vezes também por não dominar a leitura torna-se muito séria: a escola não pode sozinha encontrar saída para essa situação, que termina deixando a escola impotente e de mãos atadas diante do processo de alfabetização. Enquanto isso o aluno vai se sentindo fracassado por não conseguir aprender, as famílias deixam de acreditar na instituição escolar e a educação passa para segundo plano deixando de ser a base de sustentação da sociedade. Isso leva a acreditar que necessita de mais apoio por parte de toda conjuntura educacional como também da família que muitas vezes por ser desinformada não valoriza a educação de seus filhos, responsabilizando a escola juntamente com os professores pelo insucesso do aluno.

A criança chega a escola trazendo com ela sua linguagem própria porém, é preciso que a mesma saiba que existem outras formas de falar diferente da sua e que ela necessita adequar-se aos demais tipos de falar tendo o conhecimento que todas estão na medida do possível dentro dos dialetos regionais pois fazem parte do meio que estão inseridas, no entanto a forma de escrever é uma só, e requer todo um cuidado e organização da escrita, bem como no pensamento que se pretende expor para o outro. (FERREIRO, (2007), afirma: A alfabetização passa a ser uma tarefa interessante, que dá lugar a muita reflexão e a muita discussão em grupo. A língua escrita se converte num objeto de ação e não de contemplação. É possível aproximar-se dela sem medo, porque se pode agir sobre ela, transformá-la e recriá-la. É precisamente a transformação e a recriação que permitem uma real apropriação, desse modo:

Crianças que adquiriram códigos elaborados de fala, tem mais condições de lidar com as exigências da educação acadêmica formal do que aquelas que se limitaram a códigos

restritos. Isso não significa que o tipo de discurso das crianças da classe trabalhadora seja inferior. Ou que seu código de linguagem seja pobre mas, sim que seu modo de falar não combina com a cultura acadêmica da escola. Aqueles que dominam códigos elaborados se adaptam com muito mais facilidade ao ambiente escolar. (GIDDENS,2005,p.412).

Nessa perspectiva buscamos enumerar algumas características que fazem do processo de alfabetização o ponto crucial para a construção da sociedade e seus componentes ativos, isso porque nos tempos modernos é essencial que todos participem das questões sociais sem nenhuma distinção de cor, raça ou até mesmo religião. Porém é preciso que as classes com menos poder aquisitivo possam usufruir dos mesmos direitos tendo conhecimento que através da educação se pode conseguir mudar de classe,GADOTTI,(1995,p.83) afirma “ a força da educação está no seu poder de mudar comportamentos. Que significa romper com certas posturas, superar dogmas, desinstalar-se, contradizer”. Nesse sentido, a força da educação está na ideologia. Para MEKSENAS,(2002), a educação nas sociedades tem a tarefa de mostrar que os interesses individuais só se realizam plenamente através dos interesses sociais sendo assim, a educação ao socializar o indivíduo, mostra a este que sozinho, o ser humano não sobrevive, e que ele só pode desenvolver as suas potencialidades estando em contato com o meio social. Entretanto,no início da colonização do Brasil isso não era possível, mais com todas as mudanças que ocorreram na educação hoje existe essa abertura. como afirma: TEODORO,(2006), no passado, a ausência de democracia ocorreu já quando ela foi retoricamente, considerada um valor expressivo central, e a sua efetiva realização seria, então, sinônimo de eficácia das políticas sociais de inspiração progressiva e social-democrata, típicas do estado providência. Tratava-se de uma orientação baseada na provisão pública de educação, na facilitação do acesso e na garantia de igualdade e de oportunidades através de políticas sociais centradas no papel redistributivo do estado e na responsabilidade dos governos pela promulgação de políticas e pela regulação do setor, através de legislação prescrita.

Durante todo a trajetória da educação no Brasil apesar da ter sido contemplada desde a primeira constituição em 1824, nunca se discutiu tanto a melhoria da educação como nas ultimas décadas as instituições governamentais enviam recursos que estão aos poucos chegando na escola e mesmo assim a realidade ainda é bastante impressionante,pois com tantas melhorias dentro da escola ainda assim a aprendizagem se torna uma barreira entre as crianças , principalmente na zona rural onde as pessoas pouco valorizam a escola e os professores. Ainda existe uma certa resistência para aceitar que através dos caminhos da

educação pode estar a solução para os problemas que envolvem a própria comunidade. Entretanto, são poucas as famílias que mesmo não sendo alfabetizadas ou letradas tem essa concepção de mundo, de que a educação é uma arma poderosa para sair da condição de anonimato e passar para a condição de participante consciente e atuante no convívio social. Uma vez que quanto mais se busca conhecimento mais se consegue aprender, é através da alfabetização que se consegue dá os primeiros passos na busca pelo saber, na conquista pelo espaço que é de todos só é preciso saber conquistar. Buscar sua cidadania através da educação é a forma mais sensata que o cidadão tem para compreender as questões sociais que envolvem o mundo que está em constante atualização e quem não consegue acompanhar essas mudanças termina ficando para trás sem ter direito as oportunidades oferecidas. Diante desta realidade o indivíduo necessita alfabetizar-se no sentido completo e não somente se tornar letrado como deseja a elite, para não perder suas posições de ditar as regras e maquiagem a situação que no momento é a seguinte:

Em termos percentuais houve uma diminuição global do analfabetismo, mas em termos absolutos existem cada vez mais analfabetos no mundo. Pior ainda a definição de alfabetizado utilizado por essas estatísticas é obsoleta. Se usássemos como definição fazer parte da cultura letrada ou poder circular na diversidade de textos que caracteriza cultura letrada, pelo menos como receptor da mesma, os números seriam estarrecedores. (FERREIRO,2002, p.56,57).

É a leitura que se faz do mundo, dos textos que o leitor lê que o torna capacitado para se comunicar com o outro sem tornar-lo inferior, com habilidades para participar dos movimentos sociais, ou seja, a leitura deixa o indivíduo em igualdade com os outros, independente da situação que ele se encontra. Para aprender falta apenas incentivo, motivação, objetivo e confiança na escola. É preciso mobilizar toda a sociedade para essa questão da importância do conhecer, do atuar, do buscar de estar sempre lutando por seus direitos sendo conhecedor de seus deveres como cidadão que constroem em sua época a história, que servirá como modelo para outras sociedades.

Não é de se estranhar que em pleno século XXI, os ideais ainda estejam voltados para a submissão de determinados grupos uma vez que a história da colonização foi voltada sempre para a opressão daqueles mais carentes. Porém, se faz necessário a libertação desses grupos que são a maioria da população e por isso a credibilidade na educação se faz essencial na hora de se fazer mudanças. É fundamental que o homem tome para si a responsabilidade de enxergar o mundo com uma visão crítica da realidade que o cerca, sem pensar que não seria capaz de fazer a diferença que sua capacidade de ver o mundo vai além de seus limites sem

esquecer de que as mudanças são capazes se ele próprio lutar por elas, essa luta constante só será possível e justa se lutarmos com a força das palavras falando de igual para igual sem esquecer suas origens, e seus valores, mais respeitando o outro e fazendo-se respeitar pela forma de conduzir suas relações com o meio e com outros cidadãos. Mesmo que não seja o desejo da minoria que detém o poder torna-se claro que:

Do ponto de vista das elites, a questão se apresenta de modo claro: trata-se de acomodar as classes populares emergentes, domesticá-las em algum esquema de poder ao gosto das classes dominantes. Se já não é possível aquela mesma docilidade tradicional, se já não é possível contar com sua ausência, torna-se indispensável manipulá-las de modo a que sirvam aos interesses dominantes e não passem dos limites. Estes últimos anos da história brasileira nos fazem crer que o ponto de vista das elites não é totalmente desprovido de realismo. (FREIRE, 2009, p.25).

Construir sua cidadania baseada nos princípios de alfabetização como libertação do sujeito como fala Freire, é tornar-se dono do próprio destino, é enxergar o mundo com um visão ampla partindo dos desafios existentes. A cidadania é um direito que cada indivíduo conquistou ao longo da história cheia de conflitos e contradições, mais que ganha sentido quando se consegue exercê-la com dignidade. Lutar por melhores condições de vida é antes de tudo lutar por educação, estando consciente que cada um deve e pode ser capaz de constituir seu saber socializando com o outro e com o meio. Essa troca de conhecimento enriquece o sujeito nas suas relações independente da cultura, e origem, são esses valores que fazem do homem um cidadão responsável pela sobrevivência, bem como pela sua contribuição para a continuação da história, que pode ser marcada por muitos conflitos, e lutas como tem acontecido desde o início, mais que contribuiu para a construção do progresso do qual fazemos parte.

Atualmente, mesmo sendo um processo lento a alfabetização sempre está presente na vida de cada indivíduo seja na forma de leitura e escrita, ou seja nas suas experiências em como vai explorar o mundo e compreender as relações sociais. Para AUSUBEL et AL (1980,2003) e colaboradores, a aprendizagem significativa não está condicionada à idade, mas ao conhecimento prévio de que o aluno dispõe, à predisposição para aprender significativamente, à potencialidade do material de aprendizagem e às estratégias instrucionais empregadas pelo docente. Dessa forma é necessário que a escola faça uso do saber que cada crianças trás consigo, apropriar-se dessas experiências transformando em conhecimentos que poderá ser útil para o futuro deixando o sujeito em igualdade com outros que partilham de outros tipos de experiências.

Abordar conceito de cidadania dentro da sala de aula desde muito cedo pode incentivar o aluno a pensar de forma clara o seu papel na sociedade e pode colaborar para a construção de cidadãos capacitados a desenvolver suas atividades de maneira coerente com sua posição de membro da sociedade. Porém o que tem acontecido na escola é que muito se fala sobre as experiências dos alunos, entretanto, as práticas são opostas pois a instituição escolar que preserva suas regras e normas não abre mão de repassar seus conhecimentos elaborados com uma grade curricular a cumprir, desse modo o professor termina por fazer uso dos conhecimentos conduzido pelo aluno. Muitas vezes apontado com sem domínio algum de conhecimento por que a escola não leva em consideração o tempo vivido pela criança e suas experiências com a família e a própria comunidade.

A escola se torna dona das normas e repassa para seus alunos o que acredita ser importante, mais não procura saber o que de fato é útil para a aprendizagem, em que tipo de comunidade a criança convive ou qual o melhor tipo de conhecimento que será apropriado para a formação daquele indivíduo naquele período da história. No entanto alcançar o grau de alfabetização em termos de leitura e escrita e não procurar ver o mundo e saber opinar sobre os acontecimentos e, fatos que ocorrem a sua volta é simplesmente conseguir codificar e decodificar, transformar letras em sons, o que acaba por não valorizar o pensamento que o sujeito independente da classe social que pertence, tem. É importante expressar seus pensamentos, porém se torna mais fácil quando esse sujeito possui o domínio da leitura e escrita, e procura interagir direta e indiretamente com os acontecimento da história sendo sabedor que somos nós que construímos a historia, de forma geral:

Se se quiser desenvolver um conceito de alfabetização crítica em conexão com as nações teóricas de narrativa e ação, é importante, então, que o conhecimento, os valores e as práticas sociais que constituem a história / narrativa sejam compreendidos como a encarnação de determinados interesses e relações de poder referentes a como se deveria pensar, viver e agir quanto ao passado, ao presente e ao futuro. Na sua melhor forma, uma alfabetização crítica precisa desenvolver práticas pedagógicas nas quais, na luta por compreender a vida de cada um, reafirme e aprofunde a necessidade de os professores e os alunos recuperarem suas próprias histórias e, ao fazê-lo conferir e criar a história que lhes contam em comparação com a que vivem. (FREIRE,1990,P.15).

Com base na citação podemos concluir que a alfabetizar para a vida está muito além de ensinar a ler e escrever, e interpretar, mais saber fazer uso do conhecimento adquirido na escola juntamente com aquele conhecimento de mundo que o indivíduo trás consigo. Assim a alfabetização é um processo contínuo e permanece durante toda a vida do sujeito e a cada dia se desenvolve, mais é preciso explorar as diferentes formas de conhecimentos existentes no

mundo para saber fazer uso correto no momento certo com total domínio e consciência de que é capaz de constituir um mundo mais consciente onde todos possam participar das decisões e expor suas necessidades sem ser oprimido pela classe dominante.

2.2 A EVOLUÇÃO DA EDUCAÇÃO RELACIONADA A ALFABETIZAÇÃO

Como foi demonstrado anteriormente, houve um avanço na área do processo de alfabetização nas últimas décadas com a inclusão do ensino infantil que passou a ser obrigatória nas instituições escolares desde o ano de 2006 com o propósito de tornar a criança mais familiarizada com o meio escolar. Isso demonstrou um interesse em resgatar o potencial que a criança tem de aprender com mais facilidade o que lhe é ensinado. BARROS, (2008) Sendo assim isso pode ajudar a resolver o problema, em parte pois aqueles que já estão dentro da escola a alguns anos e não conseguiram desenvolver as competências de ler e escrever, interpretar e criar seus próprios textos com coesão e coerência e que não conseguiram avançar no sentido da aprendizagem significativa para sua vida, a escola é vista como lugar de fazer refeições e também de lazer e não como um lugar de aprendizagem que vai possibilitar uma oportunidade de conviver e participar das decisões sociais. Como por exemplo, exigir seus direitos enquanto cidadão que contribui para o crescimento da sociedade que está inserido. Para isso, é preciso que se tome consciência das necessidades daqueles que a cada dia amargam mais o insucesso dentro da escola e que apesar de tantos projetos e tantas teorias o problema continua mais forte e mais visível basta olhar o IDB das instituições brasileiras para ver que quase nada mudou apesar de todo o esforço dos professores em lecionar em salas superlotadas atendendo a uma demanda de alunos de diversas classes sociais onde os interesses são diferentes e na sua maioria não compartilham os mesmos interesses da escola que está voltada para a educação de conhecimentos elaborados, enquanto que a população estudantil pensa diferente e por isso termina por desacreditar na instituição que acaba por não conseguir contribuir para a formação do aluno e assim temos

De um lado, é preciso que as circunstâncias sociais mudem para que se estabeleça um sistema adequado de educação, mas de outro lado, é necessário um sistema educacional adequado para produzir-se a mudança das circunstâncias sociais (MARX apud GOMES, 1994,p.47).

Isso indica que, muito precisa ser feito para melhorar a aprendizagem dos alunos que estão dentro das salas de aulas sem sequer saber o que estão fazendo lá. O que querem para sua aprendizagem como também a alfabetização pode contribuir para que suas relações internas e externas dêem um verdadeiro sentido para sua passagem pela escola e não deixem que a escola passe por ele. Entretanto, é ele que tem que passar pela escola e tirar proveito da situação oferecida. Porém, a desigualdade social existente acaba por alienar a classe com menor poder aquisitivo que pela falta de condições financeiras tornem-se subordinados e sem perspectiva para lutar por melhorias de vida para sua família e dessa forma terminam sem dá credibilidade para a educação dos seus filhos que por não terem o incentivo da família não valorizam a escola e muito menos os professores.

Isso acaba por desencadear uma série de problemas que vão gerar a dificuldades na aprendizagem dos alunos que por não verem a escola como um lugar de adquirir conhecimento que poderá lhe colocar em igualdade com as classes dominantes, se não pelo poder aquisitivo financeiro mais sim pelo conhecimento que conseguiu extrair na escola pelo poder da palavra, da interação, do domínio do discurso nas relações pessoais no convívio em sociedade. Com todos esses fatores se fala muito na qualidade de ensino e ao mesmo tempo procuram-se culpados pelo insucesso da aprendizagem. Desse modo estamos acostumados a ouvir e até enumerar os motivos pelos quais os alunos não conseguem aprender o conhecimento imposto pela escola que não fala a mesma linguagem dos alunos, assim sendo: a escola precisa aceitar a variação lingüística como um fato lingüístico, mudando assim toda sua visão de valores educacionais. Para (SOARES,1980p.74, BAGNO,1999,p.15) a escola geralmente não reconhece a verdadeira diversidade do português falado no Brasil, impondo assim, sua lingüística como se ela fosse de fato, a língua comum a todos os brasileiros, independente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de grau de escolaridade. Enquanto isso não acontece cabe ao professor esclarecer e discutir o problema da variação lingüística com seu aluno mostrando-lhe como os diferentes dialetos são, por que são diferentes, o que isso representa em termo de estrutura lingüística e, sobretudo, como a sociedade encara a variação lingüística, seus preconceitos e a conseqüência disso na vida de cada um (CAGLIARI,1993,82). Mas nem sempre se consegue explicar para o aluno que essa variação se dá através da formação cultural que cada comunidade possui e faz parte da cultura de determinada região pois cada povo tem seu próprio estilo de falar e expressar suas crenças.

Nessa perspectiva, o problema da qualidade da alfabetização é enfrentado através de propostas de intervenção que visem atuar sobre esses fatores, tais como mudanças curriculares; substituição de métodos de alfabetização em uso por outras alternativas metodológicas; atribuição, ao sistema escolar, de serviços que enfrentam os fatores extra-escolares, como alimentação, atendimento à saúde, à higiene etc.; distribuição de material didático às escolas; programas de formação e aperfeiçoamento de alfabetizador etc.(SOARES, 2005, P.48).

Mesmo com a preocupação com a qualidade de ensino e sendo criados indicadores que avaliam o rendimento desde a alfabetização como é o caso da Provinha Brasil ,(ENEM) Exame Nacional do ensino Médio, (SAEB), Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica. As instituições escolares ainda caminham a passos lentos com dificuldades em encontrar o caminho certo para erradicar de vez esse mal que persegue a população estudantil no país. Segundo dados do censo 2010 do IBGE, temos uma população de 190.755.799 milhões de habitantes e destes 3.630.000 estão fora da escola sendo o maior entrave na faixa etária de 15 a 17 anos que são um total de 10,3 milhões de brasileiros, destes 14,8% não freqüentam as escolas. Segundo o (PNAD) Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio, mesmo tendo aumentado o número de alunos nas escolas, pouco houve de melhorias na qualidade da alfabetização.

Pode-se observar quando se ensina de 6º a 9ºano as dificuldades que os alunos encontram para interpretar texto e até enunciados de atividades. Além disso, são observadas da mesma forma dificuldades para criar seus próprios textos ou reproduzir com coesão e coerência o que conseguiu ler. Apesar do número de analfabetos ainda existem outros que estão dentro das salas de aulas sem conseguir aprender e mesmo assim são aprovados por determinação do sistema que diz que até a 3º ano o aluno deve ser aprovado automaticamente. As escolas se valem dessa norma para passar a diante as crianças que mesmo sem aprender são promovidas e com isso terminam o 5º ano sem dominar a leitura e escrita ingressando no 6º ano com a deficiência que carregou durante os primeiros anos escolares tornando ainda um problema mais complicado que é alfabetizar-se a partir do 6º ano onde todo cronograma é diferenciado lá do primário. Nesse caso o aluno passa a ter que estudar mais de duas disciplinas por dia bem como mais de dois professores como era de costume, ficando o tempo resumido a 50 minutos, e a demanda de conteúdos aumentam, isso significa que:

O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimentos, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social, da natureza da realidade lingüística envolvida no momento em que está acontecendo

a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais (CAGLIARI,1993 p.9).

É possível que ao chegar no 6º ano o aluno sente dificuldade em realizar suas tarefas uma vez que lhe falta o domínio da leitura e escrita, já ao professor falta tempo para alfabetizar visto que precisa cumprir a grade de conteúdos exigidos por cada disciplina. Desse modo, a alfabetização vai ficando mais distante da prática dos professores e o aluno sem dominar esse processo não consegue atingir bons resultados na suas atividades e avaliação. E assim vão repetindo ano após ano acarretando um transtorno para a escola e também para ele próprio que termina por abandonar a sala de aula sem conseguir êxito na sua aprendizagem, que mais tarde irá ter consequências para seu desempenho na sociedade.

Nessa perspectiva procuraremos destacar que a alfabetização faz a diferença na vida das pessoas, principalmente nesse momento da história onde as oportunidades estão todas voltadas para aqueles que conseguem se destacar na sua aprendizagem dentro da escola, em uma época de globalização que é um marco na construção da sociedade atual, isso acaba por excluir aqueles que não dominam o avanço das novas tecnologias já que exige dos sujeitos raciocínio lógico e bom desempenho de leitura, e escrita para que se sobressaiam com êxito. Portanto aqueles que por uma ou outra razão não desenvolvem essas competências terminam por serem deixados para trás restando apenas amargar o fracasso que acaba por ser atribuído a escola. Esta por sua vez coloca a responsabilidade para os professores, por que a escola se recusa a fazer suas melhorias e a colocar-las em prática, pois são muitas as teorias de mudanças na escola, mas as práticas continuam as mesmas de décadas atrás. GIDDINS,(2005, p.422) afirma que; assim como nossa sociedade continua se transformando, as convicções e instituições tradicionais que a sustentam também sofrem mudanças.

A idéia da educação que implica a transmissão estruturada do conhecimento dentro de uma instituição formal vem dando passagem a uma noção mais ampla de aprendizado que ocorre em uma diversidade de ambientes. O deslocamento da educação para o aprendizado não é irrelevante. Os aprendizes são autores sociais curiosos, ativos, que podem extrair uma multiplicidade de fontes, não apenas dentro de um cenário institucional.

Essa alternativa abre espaço para compreendermos por que autores como Soares,2005, Ferreiro,(2007) descrevem a alfabetização como um processo contínuo que se estende por toda a vida do indivíduo e que a escola não é o único lugar onde a aprendizagem pode acontecer uma vez que a mesma foi pensada com o objetivo de ensinar conteúdos programados, mas a leitura de mundo que o indivíduo adquire na sua trajetória muito antes de

freqüentar a escola pode lhe dar sustentação para ampliar suas relações com o mundo. É a partir da leitura que o sujeito faz do mundo e de se mesmo que ele vai construindo sua identidade, descobrindo suas origens e formando suas opiniões a respeito do meio que está inserido. Assim a organização do pensamento que o individuo faz das situações vivenciadas no cotidiano vai influenciar nas suas decisões enquanto sujeito que constrói seu próprio conhecimento, visto que nas relações que se tem com o outro podemos ensinar e aprender com as experiências. Assim, é na atuação que o homem encontra-se como ser capaz de desenvolver suas capacidades de evoluir e criar situações a ele favorável bem como gerar condições de aprendizagens promissoras dessa forma;

Não podíamos compreender, numa sociedade dinamicamente em fase de transição, uma educação que levasse o homem a posições de quietismo ao invés daquela que o levasse à procura da verdade em comum, ouvindo, perguntando, investigando. Só podíamos compreender uma educação que fizesse do homem um ser cada vez mais consciente de sua transitividade, que deve ser usada tanto quanto possível criticamente, ou com acento cada vez maior de racionalidade. (FREIRE, 2009,p.98).

Nessas condições o processo de alfabetização ganha sentido e deixa de ser um aprendizado de conhecimento pronto e acabado para se tornar um aprendizado complexo e amplo onde o sujeito estará sempre desenvolvendo suas habilidades de interpretar analisar e decidir sobre suas posições relacionadas com o mundo com o qual ele se identifica e faz parte como cidadão que tem a responsabilidade de pensar e agir conforme a necessidade do momento. Porém, é preciso deixar claro que quanto mais o individuo procura conhecer maior são as oportunidades de se encontrar consigo mesmo. Dessa maneira a aprendizagem torna-se um aliado para seu desenvolvimento intelectual e, social, do ponto de vista dos sociólogos a socialização ocorre em duas grandes fases, envolvendo um número de diferentes agentes de socialização: em primeiro lugar a socialização primária ocorre na primeira infância e é o mais intenso período de aprendizado cultural, sendo o tempo que as crianças aprendem a língua e os padrões básicos de comportamentos que formam a base para o aprendizado posterior e a família é o principal agente de socialização nessa fase. O segundo ponto a socialização secundária tem lugar mais tarde na infância e na maturidade. Nessa fase outros agentes de socialização assumem as responsabilidades antes da família, como por exemplo as escolas (GIDDINS,2005, P.42).

Neste caso cabe a escola a responsabilidade de cuidar da interação dos alunos dentro da sala de aula, bem como a interação que o mesmo vai alcançar com o conhecimento que a instituição planeja para sua formação. Mas para essa formação acontecer de fato vai ser

necessário resgatar todo o conhecimento prévio já existente no sujeito, para que sua formação seja completa enquanto ser pensante capaz de exercer suas competências dentro da sociedade que é organizada de acordo com conhecimento que cada um obtém. A capacidade que o sujeito tem de fazer suas escolhas mostra o quanto ele está atuando dentro do meio social fazendo também com que sintam-se capazes de tomar decisões que antes não conseguia fazer sozinho, devolvendo desse modo a auto estima e deixando-o em igualdade com os outros. Contudo, isso só será possível se a alfabetização estiver presente na vida da indivíduo pois a alfabetização pode libertar o homem através do conhecer e do fazer, uma vez que conhecimento é poder que pode influenciar na mudança de vida daquele que o adquiriu e soube utilizá-lo para fazer valer seus direitos de cidadão. Para VYGOTSKY,(1993, p.132), o pensamento e a linguagem, que refletem a realidade de uma forma diferente daquela da percepção, são a chave para a compreensão da natureza da consciência humana. As palavras desempenham um papel central não só no desenvolvimento do pensamento, mas também na evolução histórica da consciência como um todo. Uma palavra é um microcosmo da consciência humana.

2.3 A VISÃO SOCIOLÓGICA SOBRE A ALFABETIZAÇÃO

Dada a importância que ganhou na atualidade, o processo de alfabetização para a construção da cidadania de um indivíduo, é preciso voltar um pouco na história da educação brasileira para ver que em determinada época isso já foi privilégio de poucos e apesar de ter avançado nesse sentido ainda há muito a ser feito para mudar o quadro de analfabetos existentes no Brasil bem como aqueles que não conseguem concluir o ensino fundamental que por inúmeros motivos, que serão enumerados mais adiante, terminam por abandonar a escola como se a mesma se tornasse um incômodo na sua vida que para caminhar fosse preciso deixar o caminho da escola para conseguir sobreviver. O Brasil é considerado um dos menores países em termos de investimento na educação, estando atrás de países como Bolívia e Paraguai como revelam os dados do (IBGE, 2010) , instituto brasileiro de geografia e estatística. Mesmo com o baixo investimento que tem se dado a educação abriu-se espaço para as discussões, dando um certo enfoque para o problema que sempre foi uma realidade social bem visível, visto que há um número bastante relevante de pessoas analfabetas no

Brasil. Diante dessa realidade passou-se a dar uma importância maior ao ensino infantil, considerando que o ensino fundamental é uma das etapas da educação básica no Brasil, tem duração de nove anos, é obrigatória a matrícula para todas as crianças com idade entre 6 a 14 anos, isso regulamentado pela lei de diretrizes bases da educação de 1996.

O ensino fundamental de 8 para 9 anos está amparado pelo projeto de lei nº3.675/04 passando a abranger a classe de alfabetização. No Brasil o analfabetismo é causado por vários motivos tais como: a desigualdade social que existe desde a colonização onde a educação era destinada a elite, as condições econômicas, as políticas pedagógicas, a questão da raça, crença, a relação familiar, a cultura, dentre outros. Esses aspectos dificultam o processo de alfabetização e por mais que se discuta essas questões elas estão sempre presentes no cotidiano dos brasileiros, como alfabetizar deixando de lado todos esses fatores que afetam diretamente a população que de modo significativo:

Uma alfabetização crítica, sobretudo uma pós- alfabetização, não pode deixar de lado as relações entre o econômico, o cultural, o político e o pedagógico a alfabetização e a educação, de modo geral, são expressões culturais. Não se pode desenvolver um trabalho de alfabetização fará da cultura, porque a educação é, por se mesmo uma dimensão da cultura (FREIRE, 1990, p.32,33).

Segundo TORRES, (2009) Podemos dizer que a educação é um processo natural pois aprendemos desde que nascemos e continuamos durante toda a vida. A criança chega a escola trazendo consigo todo um conhecimento que foi adquirido no convívio com a família, e com a comunidade, ou seja, com o mundo que está sempre influenciando na sua aprendizagem. Porém, é fundamental o envolvimento de todos aqueles que fazem parte da educação da criança cuidar do bem estar da mesma. Esses cuidados relacionam-se com educar para a vida lá fora e envolvem dedicação, compreensão e sobre tudo cumplicidade e amor daqueles que são responsáveis pelo processo de ensino aprendizagem. que com o tempo sofre evolução e temos que acompanhar para não perder de vista as mudanças pelas quais tem passado a instituição escolar.

Outra instituição que também vem sofrendo mudanças e isso tem que ser levado em consideração é a família que mesmo enfrentando mudanças no seu comportamento e em sua formação ainda assim é a primeira fonte de informação que influencia no comportamento, nas emoções e na ética da criança. Em seguida está a escola que tem a função também de educar uma vez que a educação tem como dever preparar o sujeito para conviver na sociedade,

repassando harmonia, compreensão, tolerância e paz no meio social que o indivíduo está inserido. Partindo desse princípio;

A relação da escola com a comunidade é também fonte rica de convivência com as pessoas de origens variadas. Ao se fazer os alunos conhecerem os diversos aspectos da comunidade, preocupar-se com seus problemas e até ajudar na resolução deles, criam-se excelentes condições para que apreciem as diversas formas do viver humano, compreendam e valorizem o conceito de dignidade, traduzindo-o pela cooperação. A qualidade do convívio escolar para a compreensão e valorização da dignidade, evidentemente vale para o respeito mútuo: o aluno deve sentir-se respeitado e também sentir que dele exigem respeito (PCN,1997,p.120,121).

Nessa perspectiva a escola funciona como uma extensão do lar onde a criança tem a oportunidade de interagir e socializar sua experiências com as outras, por essa razão é que a escola precisa estar sempre em contato com a família para poder trocar suas informações sobre o desenvolvimento do educando. Essa parceria deve ser bem sucedida, de modo que a família esteja sempre pronta para ajudar na formação de seus filhos pois de forma alguma a escola conseguira dar conta de sua função sem o apoio da família que é a base de todo indivíduo. Sem apoio a escola perde sua força de instituição geradora de conhecimento e passa a ser mais um depósito onde as crianças estão lá para passar o tempo, ou seja cumprir horários e o aprendizado não faz sentido.

No Brasil o ensino proposto pela LDB Lei Federal aprovada em 20 de dezembro de 1996 tem como objetivo maior do ensino fundamental, que é o propiciar a todos formação básica para a cidadania, a partir da criação na escola de condições aprendizagem:

I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, escrita e do cálculo;

II - a compreensão do ambiente natural e social do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III - o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição do conhecimentos e habilidades e formação de atitudes e valores;

IV - o fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (art. 32).

Ainda assim o que tem se percebido é um grande número de crianças e adolescentes fora das salas de aula mesmo se falando que a educação é dever do estado e que a família tem responsabilidade de mandar os filhos para a escola e colaborar com as atividades extra classe. Porém, a realidade é diferente, o que se vê nas escolas são alunos sem o acompanhamento dos pais, sem apoio da família, e assim o aprendizado vai se tornando mais longe do alcance do

aluno que carrega consigo uma bagagem de informações e desse modo termina por não valorizar o que sabe e perde o interesse pelos conhecimentos que a escola tem para oferecer. Já a escola, sente a falta da família e tenta assumir o papel que não lhe cabe, terminando sem obter sucesso. Essa instituição vem amargando ao longo dos anos por não conseguir completar sua tarefa de educar o aluno para ter uma consciência crítica do mundo, mas também conscientizar-se de suas responsabilidades de ler, escrever, interpretar, produzir e reproduzir com convicção de que esta é mais uma de suas aprendizagens enquanto cidadão. Além disso, ser cidadão não é só buscar seus direitos mais também ter conhecimento de suas obrigações, e exercê-las com entusiasmo. E a escola precisa introduzir no aluno bem como na família essa concepção de parceria para o bom desenvolvimento do aprendizado dos mesmo escola e família tem e precisa caminhar junto pois uma não consegue êxito sem a outra é fundamental para o crescimento do indivíduo que sua educação seja acompanhada pela família.

Como já foi citado anteriormente, o Brasil enfrentou um longo período em que a educação era privilégio apenas das classes com poder aquisitivo elevado. É de suma importância para um país que sua educação seja tratada com prioridade só assim pode-se conquistar a cidadania, respeito entre aqueles que fazem parte da sociedade pois a mesma não pode se constituir se não de determinado valor para a educação do seu povo. Porém sempre levando em consideração a cultura e valores dos que a compõe pois a cultura também se faz educação.

Por isso desde já salienta-se a necessidade de uma permanente atitude crítica, único modelo pelo qual o homem realizará sua vocação natural de interagir superando a atitude do simples ajustamento ou acomodação, aprendendo temas e tarefas de sua época. Esta por um lado, se realiza a proporção em que seus temas são captados e suas tarefas resolvidas. E se supera na medida em que temas e tarefas já não correspondem a novos anseios emergentes, que exigem uma visão nova dos velhos temas. Uma época histórica representa, assim, uma série de aspirações, de anseios, de valores, em busca de plenificação (FREIRE,2009, p.52). Desse modo os estudiosos da educação procuram sempre focalizar a cultura como fonte principal para o início do processo de alfabetização, visto que não se pode afastar o indivíduo de seus valores culturais nesse caso faz-se necessário uma junção dos saberes para a formação da criança. Entretanto, a escola ainda encontra dificuldades para se organizar dentro dessas necessidades uma vez que as turmas não são homogêneas e apresentam uma vastidão cultural diversificada de conhecimentos.

A instituição escolar sempre encontrou dificuldades para lidar com essa diversidade existente entre aqueles que fazem parte de sua estrutura que mesmo tendo progredido nas últimas décadas em termo de espaço físico e de material didático continua seguindo o currículo ultrapassado que já não atende as necessidades dos alunos que são na grande maioria das camadas populares, com menor poder econômico e menor conhecimento de leitura escrita. E por não terem um certo conhecimento não conseguem auxiliar seus filhos com as tarefas escolares, nem conseguem enxergar na educação um meio para abrir caminhos que poderão mudar suas condições de vida dentro da sociedade. Mas tem sido assim, a classe dominante sempre usou do seu poder econômico para deixar as camadas populares em desvantagem, sendo subordinadas e com poucas expectativas de se tornarem iguais pois a desigualdade social faz com que as pessoas se sintam impossibilitadas de vencer e até mesmo de lutar por melhores condições de vida. Mesmo o homem sendo um ser racional e tendo a capacidade de lutar pela sobrevivência encontra-se impotente diante da realidade social, que a sociedade moderna vive no momento.

A escola entra para a história como uma instituição conservadora incapaz de repensar suas normas de modo a absorver as crianças sem preconceito de valores culturais, com a capacidade de compreender e ensinar conhecimentos que sejam do interesse dos alunos de modo geral; a escola estatal e pública é uma construção social histórica, profundamente dependente dos diferentes contextos e das forças políticas, econômicas e culturais que neles se afirmam como dominantes. Embora institucionalizado do ponto de vista normativo, o processo de escolarização pela escola pública está muito longe de se afirmar eficazmente à escala planetária. O seu processo de expansão, por muitos considerado notável, está na verdade longe de ser, não apenas em termos geográficos mas também socioeconômicos e culturais.(TEODORO,2006, p.20).

Como se pode ver a educação reflete diretamente no individuo, e sendo assim termina por atingir o crescimento e a organização da sociedade, por isso é fundamental que possamos refletir bastante sobre essa questão e colocar a educação em primeiro lugar. Se o país pretende crescer se desenvolver e mostrar seu potencial enquanto nação competitiva no mercado global, é necessário voltar-se para pensar em reformar os sistemas de ensino, começando por investir mais na educação infantil e no ensino básico para conseguir um melhor resultado, pois é na base que concentram-se os maiores problemas de aprendizagem relacionados à leitura e escrita.

No momento o MEC (ministério da educação e cultura) tem dado um maior apoio aos investimentos voltados para as universidades através do (REUNI) programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais que é resultado das ações do PDE, pelo decreto 6.096, de 24 de abril de 2007, enquanto isso o ensino fundamental sofre com as consequências no aprendizado de leitura e escrita que vem contribuir para estimular o pensamento crítico do sujeito. (Instituto Paulo Montenegro, estudo de pesquisa educacionais, 2007) Uma vez que na medida que adquirimos conhecimentos da história, dos fatos e acontecimentos presentes e se fomos educados devidamente podemos analisar, refletir com mais capacidade do que somente absorver as informações que nos são fornecidas diariamente, seja através da escola ou do meio em que estamos inseridos. Isso faz crê que a educação tem o poder de influenciar sobre as decisões que o individuo toma durante toda a vida, sendo a educação que faz do homem um ser independente e livre com convicção de seus atos, isso deixa claro que;

O aprendizado é tanto um meio quanto uma finalidade para o progresso de um autodidatismo pleno e autônomo a serviço do autodesenvolvimento e da autocompreensão. Não há nada de utópico nessa idéia; na verdade, ela reflete os ideais humanistas da educação desenvolvida pelos filósofos educacionais. A expansão da educação no século XX esteve intimamente relacionada à evidente necessidade de mão de obra alfabetizada e disciplinada (GIDDENS, 2005, p.423).

2.4 A ALFABETIZAÇÃO E A SOCIEDADE ATUAL

É importante ter em mente que atualmente o mundo vive um momento histórico movido por grandes transformações, sobre tudo na área da tecnologia que tem avançado tanto na produção quanto na transmissão de informações com uma velocidade impressionante. Daí surge uma preocupação com o sistema educacional, onde existem alunos que não conseguem progredir sequer no processo de alfabetização chegando no 6º ano sem dominar a leitura e escrita como deveriam. Eis ai o motivo para tanta preocupação pois diante de tanto crescimento tecnológico a escola necessita acompanhar e crescer junto com essas tecnologias, porém o que está acontecendo é que os alunos, por vários motivos, estão dentro das salas de aulas mas não conseguem absorver o aprendizado que a escola destina para ele. Este fato leva ao questionamento do que fazer para avançar no sentido da aprendizagem significativa de modo que os alunos compreendam melhor o significado de sua aprendizagem para que se

torna em integrantes da sociedade modernizada. Percebe-se que no mundo atual só há espaço para aqueles que conseguem vencer o obstáculo do analfabetismo, que ainda é apresenta, um número alto no Brasil apesar de tantas discussões a respeito do problema pouco se tem feito para mudar essa realidade que é tão presente na vida dos brasileiros.

Nesse caso a educação que tornou-se um objeto prioritário de estudos pois a ela é atribuída a função de mediadora básica da vida social de todos os seres humanos passa a ser um instrumento de sobrevivência na qual quem não se sobressai dentro da escola está fadado a fracassar também na vida, pois com a evolução que o mundo vem presenciando não há lugar para aqueles que não estão adequadamente preparados para lidar com essas novas mudanças tecnológicas dos países globalizados. Estes cada vez mais buscam por inovações e essas inovações tem que serem apresentadas pela escola de modo a preparar o aluno no sentido de que ele fique apto a conviver com a realidade social existente no momento nas nações desenvolvidas. Mas, como se pode ver a escola enfrenta dificuldades em encontrar seu verdadeiro papel dentro da sociedade. Que por ter enfrentado crise na educação desde sua organização na época da colônia ainda hoje sofre com essa herança de educação para elite. E não consegue crescer na sua realidade que é de promover o saber para todos sem distinção. E assim ainda caminha muito lenta como se procurasse mais apoio da sociedade para tornar-se uma instituição com credibilidade dentro do meio social e cultural do século XXI. Sendo assim:

O histórico da educação reconstói um mapa da instrução e da educação, no qual o pesquisador não pode, de principio, deixar na sombra nenhum setor societário, pluralizando o objeto histórico-educativo escola, método, instrumentos, sequência, instituição, teoria estratégias educativas, folclore etc. e conseqüentemente a orientação metodológica voltada para a micro-história e a história oral, superando assim definitivamente as limitações das instituições educativas e a pedagógica oficial, mas deve tratar de fazer uma história dos mecanismos da educação. (GEOVANESE, 1994,p. 37)

Como já foi focado é de fundamental importância nos dias atuais que o aluno seja alfabetizado para poder interagir dentro do espaço social e construir sua própria cidadania, sendo consciente de suas decisões. Nesse contexto, o processo de alfabetização vai muito além do simples letramento do cidadão, mas sim o envolve o entendimento dos princípios básicos de fenômenos do cotidiano, a capacidade de tomar decisões nas questões relacionadas a vida moderna em que estejam envolvidos diretamente ou indiretamente ou seja: questões pessoais ou de interesse coletivo. Assim a escola precisa agir com mais eficácia do ponto de vista de formar os futuros cidadãos que ao saírem da mesma se deparam com situações diversas que exigem do indivíduo um certo domínio dos conhecimentos construídos na escola. Outros enfoques começam a surgir na educação uma vez que alguns autores em seus

argumentos defendem a educação como fonte de igualdade para a vida em sociedade sendo a mesma responsável pela ação social dos homens sobre o meio e sobre outros homens.

Dada a importância do processo de alfabetização no Brasil que levou mais tempo para se libertar da educação herdada pelos jesuítas, hoje se pode dizer que houve uma certa mudança. Mas que ainda encontra-se longe de ser uma educação de qualidade onde todos usufruem dos mesmos direitos as informações que são relevantes. Na construção do conhecimento do indivíduo enquanto cidadão pertencente a uma sociedade capitalista em que o poder econômico está na frente de tudo e a educação está em segundo plano. Em especial para as camadas sociais de baixo poder aquisitivo, com pouco conhecimento. São essas classes que mais sofrem com o descaso pela educação pois as crianças das classes menos favorecidas que estão dentro das escolas enfrentando as dificuldades em aprender o básico do básico a alfabetização para a cidadania, desse modo:

As pessoas poderiam ser consideradas cientificamente e tecnologicamente letradas quando seus conhecimentos e habilidades dão a elas um certo grau de autonomia a habilidade de ajustar suas decisões às restrições naturais ou sociais, uma certa habilidade de se comunicar selecionar um modo de expressão apropriado e um certo grau de controle e responsabilidade em negociar com problemas específicos técnico, mas também emocional, social, ético e cultural tradução livre (FOUREZ,1997,p.51).

Nessa perspectiva a alfabetização toma uma proporção de extrema necessidade para o desenvolvimento intelectual dos indivíduos na sua formação dentro do meio que está inserido, porém é preciso que as instituições escolares façam sua parte em mediar o conhecimento com a eficácia que exige o mundo globalizado. A alfabetização está em primeiro lugar na formação do aluno e no crescimento e desenvolvimento da sociedade que encontra-se em constante evolução e sendo assim precisa priorizar mais a educação abrindo espaços para a formação em todos os sentidos. Muito se fala em melhorias nas instituições escolares bem como na aprendizagem dos alunos, mas ainda se ouve falar do grande número de estudantes fora das mesmas e outros que se evadem sem sequer concluírem o ensino fundamental por questões de caráter financeiro, pois a maioria dos alunos matriculados nas escolas fazem alguma atividade para colaborar com a renda familiar.

Essa atividade colabora provavelmente e causa desmotivação com os estudos, já que chega muito cedo na vida desses alunos, muitos deles ainda crianças e outros na adolescência. Além disso, também não encontram incentivo para estudar na própria família que por causa da desigualdade social sente-se obrigada a mandar seus filhos para o trabalho por questões de necessidade, fazendo com que o educando passe a ver a escola como uma diversão e não

como lugar de aprendizagem significativa para sua vida, onde de lá ele pode tirar proveito da situação. E assim podemos dizer que o processo de alfabetização hoje é visto com um olhar mais amplo isso do ponto de vista cultural porém ainda há muito o que se fazer para melhorar e tornar possível esse processo que é fundamental na vida do ser humano para que ele se torne responsável e conhecedor do seu verdadeiro papel dentro da sociedade que faz parte tendo capacidade de desenvolver seu raciocínio e expressar suas opiniões quando houver necessidade conhecer o valor da palavra e sua importância dentro do contexto histórico daquele momento em que os fatos acontecem a sua volta.

Para a sociedade, é fundamental que todas as crianças estejam na escola mas o que se pode observar é que não basta estar na sala de aula, é preciso ir mais além e conquistar a confiança nas instituições escolares no sentido de ensinar, pois tem se falado muito em métodos que facilitam o aprendizado mais ainda assim são poucos os resultados alcançados pelos alunos, principalmente aqueles que estão concentrados nas zonas rurais do município onde as condições das escolas são precárias bem como as condições de vida dos alunos. Dessa forma a escola precisa pelo menos formar bons leitores que é uma das tarefas importantes no processo de alfabetização pois a partir da leitura a alfabetização ganha sentido na construção das outras atividades oferecidas pela escola, assim podemos começar a acreditar que ela é capaz de fazer seu papel de preparar o aluno para interagir com o mundo. Entretanto, isso só será possível através da leitura que antes de tudo é um ponto essencial na formação do indivíduo que está despertando para o novo conhecimento. que usado de forma adequada poderá servir como base para sua sustentação enquanto cidadão que precisa estar envolvido nas questões sociais por que passa sua época. É importante que o aluno tenha em mente que ele é quem escreve a própria história e seu conhecimento vai influenciar a outras gerações que virão, como também a escola deve assegurar e zelar pela cultura de cada geração sem deixar para traz outras contribuições que já fazem parte da história, daí é que se pode afirmar que:

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se um aluno não se sai muito bem nas outras atividades, mas for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro aluno tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. A leitura é a extensão da vida das pessoas (CAGLIARI, 1993, P.148).

Assim podemos dizer que a escola nos dias atuais não está cumprindo com seu dever de ensinar o aluno a ser um bom leitor, por que o que se considera no contexto atual é que

para ser bom leitor vai mais além do letramento no sentido do entendimento dos princípios básicos dos fenômenos do cotidiano mais a compreensão geral dos fatos que estão envolvidos no contexto histórico do momento ,para a partir desses construir o futuro. A sociedade está preocupada com o alto índice de alunos fora da escola mais não atenta para o grande número dentro dela e excluídos do conhecimento básico que é estar alfabetizado tendo o domínio de suas potencialidades e habilidades de ler, escrever e interpretar os acontecimentos sociais de mudanças por que passa a sociedade em geral.Como afirma FREIRE, (2009, p. 43) “não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio. Uma nova sociedade, que, sendo sujeito de si mesma, tivesse no homem e no povo sujeito de sua história”. Opção por uma sociedade parcialmente independente ou opção por uma sociedade que se descolonizasse cada vez mais. Que cada vez mais cortasse as correntes que a faziam e fazem permanecer como objeto de outras, que lhe são sujeitos.

Na medida em que a sociedade vai se transformando com ela surge a necessidade de novas mudanças e só há mudança significativa se antes de tudo passar pela educação em especial a educação das crianças que são a base de tudo. O Brasil que está em educação abaixo de países como Bolívia, Paraguai precisa envolver-se mais com o as questões relacionadas com a educação que no momento ainda deixa a desejar tanto pelo número de crianças e adolescentes que estão fora das escolas como pela aprendizagem daquelas que estão todos os dias dentro da sala mais que não conseguem desenvolver de maneira eficaz o sentido de estarem dentro da escola. É interessante destacar que mesmo com as inovações pelas quais tem passado os sistemas de ensino durante toda a trajetória da educação brasileira com tantos movimentos de conscientização, a escola ainda tem dificuldade em exercer seu papel de vencer as barreiras e formar os cidadão livres de opressão e da falta de compreensão da realidade que o cerca a escola precisa promover o bem estar de seus membros em todos os sentidos para conseguir avançar na construção de conhecimentos daqueles que então inseridos e que a procuram com a finalidade de muitas vezes deixar o anonimato que se encontram dentro da própria sociedade desigual e esta muitas vezes começa dentro da própria escola. Uma vez que:

A reprodução cultural refere-se às formas pelas quais as escolas, juntamente com outras instituições sociais, ajudam a perpetuar desigualdades econômicas e sociais ao longo da gerações. O conceito direciona nossa atenção aos meios pelos quais as escolas, através do currículo oculto, influenciam o aprendizado de valores, atitudes e hábito (GIDDENS,2005, P.413).

2.4.1 Diretrizes para o processo de alfabetização

No Brasil uma das diretrizes que rege a educação básica é a LDB (lei de diretrizes e base da educação nacional) que norteia os caminhos da educação. A mesma foi instituída em 1996, a qual é composta por 9 títulos, 5 capítulos, 5 sessões, 92 artigos, 205 incisos, 73 parágrafos e 8 alíneas. O capítulo V que trata dos níveis e modalidades de educação do ensino infantil, ensino fundamental e ensino médio com a finalidade de desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meio para progredir no trabalho e em estudos posteriores. O Brasil através de suas instituições em âmbito nacional vem assumindo a responsabilidade crescente com o intuito de proporcionar a educação básica, demanda fundamental para o desenvolvimento das sociedades democráticas passe a ser prioridade para a população em geral como garantia do exercício da cidadania plena para todos os membros existentes no país.

O ministério de educação e cultura,(MEC) cria em julho de 2004, a secretaria de educação continuada, alfabetização, diversidade e inclusão (SECADI), que é a mais nova secretaria do ministério de educação, nela estão inseridos temas como: alfabetização, educação de jovens e adultos, educação do campo, educação ambiental, educação em direitos humanos, educação escolar, indígena e diversidade étnico-racial que antes eram distribuídas em outras secretarias. O objetivo do (SECADI) é contribuir para a redução das desigualdades educacionais por meio da participação de todos os cidadãos bem como proporcionar políticas públicas que assegurem e favoreçam a ampliação do acesso à educação a todos os brasileiros possibilitando assim a oportunidade para aqueles que estão fora das escolas.

É preciso ressaltar que, como mostra os dados do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o número elevado de alunos que não conseguem completar o ensino fundamental está relacionado com a desigualdade social ou seja a maioria de nossas crianças, adolescentes e jovens precisam trabalhar para contribuir com a renda familiar e por isso terminam por abandonar a escola ou então perdem o interesse total pelas atividades oferecidas por ela. Pois o mundo lá fora oferece muitas opções que o mesmo não encontra dentro da escola. Esses alunos sequer conseguiram desenvolver a capacidade de ler e escrever com coesão e coerência e dessa forma procuram refúgios fora da instituição escolar. Que por ser uma instituição antiga continua com um modelo de educação arcaica que por mais que se debata sobre as causas do insucesso escolar nada é realizado para mudar a situação que cada vez se espalha e termina por atingir a classe trabalhadora que deixou de acreditar na instituição escolar. E assim a escola continua amargando seu fracasso junto aos professores

que por estarem dentro das salas de aulas superlotadas não conseguem exercer um bom trabalho. Onde as condições a oferta de incentivo que o aluno trás de casa é nenhum fica apenas as angustias dos professores que clamam e parece que ninguém ouve a sua voz No entanto:

Todos temos modelos alguns são mais explícitos do que outros; todos utilizamos princípios de descrição novamente alguns são mais explícitos do que outros; todos estabelecemos critérios que nos permitem produzir as nossas próprias descrições e ler as descrições dos outros- novamente esses critérios podem variar na sua explicitação. Alguns dos nossos princípios podem ser quantitativos enquanto outros são qualitativos. Mas o problema é fundamentalmente o mesmo. No final, de quem é a voz que fala? Eu prefiro ser tão explicito quanto possível. Assim, pelo menos, a minha voz pode ser desconstruída (BERNSTEIN, 1996p.129 Apud TEODORO,2006 p.85).

Considerando-se que o Brasil tem procurado avançar no campo da alfabetização implementando políticas públicas que possibilitem a permanência a dos alunos na escola e também facilitado o acesso para aqueles que por alguma razão está ausentes dela mais que precisam de uma oportunidade, o MEC Ministério da Educação e Cultura cria a EJA Educação de Jovens e Adultos, que é uma modalidade de ensino que visa a atender aos alunos que não conseguiram completar o ensino fundamental e médio dentro da faixa etária correta. Porém no início dos anos 90 passou também a incluir as classes de alfabetização inicial aumentando assim a oferta para os alunos voltarem para as escolas. Tendo como base influenciadora as idéias do educador Paulo Freire e na relação com o movimento de educação popular esse segmento é regulamentado pelo artigo 37 da LDB, ou lei de nº9394 de 20 de dezembro de 1996 e recebem repasse de verbas do (FUNDEB). Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica. Mesmo com todas essas ofertas de ensino para as camadas populares ainda assim é grande a desmotivação para os estudos pois a procura no início do ano letivo é grande mas no decorrer do ano vão surgindo as dificuldades por parte do alunado dessa modalidade que tem em sua maioria pessoas que necessitam trabalhar e que portanto chegam a escola cansados e não desenvolvem seu aprendizado como deveriam. Desse modo vai se formando uma lacuna nas salas de aulas e também no conhecimento que o aluno precisa apropriar-se para dominar e conseguir desenvolver suas capacidades de interagir com convicção seus ideais de lutas e conquistas alcançadas durante sua vida bem como dominar o poder das palavras para argumentar sobre situações que lhes constroem no dia a dia sendo conscientes que podem mudar sua visão de mundo, compreendendo seus valores culturais e sua contribuição para a sociedade que está inserida. Segundo o Giddens:

Aprender a pensar sociologicamente- olhando- em outras palavras, de forma mais ampla- significa cultivar a imaginação. A imaginação sociológica, acima de tudo, exige de nós que pensemos fora das rotinas familiares de nossas vidas cotidianas, a fim de que as observemos de modo renovado. A imaginação sociológica nos permite ver que muitos eventos que parecem dizer respeito somente ao indivíduo, na verdade, refletem questões mais amplas. Sua decisão individual reflete sua posição numa sociedade mais vasta.(GIDDENS,2005, p.23,24).

Contudo a escola não está preparada para atender as diversidades que se encontram no ambiente escolar. E cada vez mais aumenta a desigualdade na aprendizagem uma vez que a classe denominada de baixa renda encontra-se alienada e por está dentro do sistema político que cresce a cada dia aumentando o poder sobre a classe dominada acaba por conseguir alienar mais com suas políticas sociais maquiada tirando assim as perspectivas daqueles que estão em desvantagem financeira. Pois todos os programas criados pelos governantes afim de melhorar o processo de alfabetização só vem a aumentar a desmotivação pela escola e consequentemente a aprendizagem que hoje encontra-se como um desafio para a escola e professores que por mais que estejam sempre se atualizando buscando inovar seus métodos mesmo assim não conseguem vencer o obstáculo do analfabetismo que está presente nos educandos. Apesar de todo o discurso em torno da dificuldade em alfabetizar, os professores tem que enfrentar o sistema que ditam as normas sem se preocupar com a realidade que envolve as camadas populares mais simples e que são essas camadas que mais necessitam de se libertar da ignorância que se encontram.

Mais o que parece acontecer é que com tantos programas instituídos pelos governos com o propósito de erradicar o analfabetismo, o Brasil continua produzindo cidadãos que não pensam com clareza nas questões ligadas a assuntos sociais que terminam sendo de todos, e acabam por serem esquecidos para aqueles que são os maiores interessados, a classe dominada que passa a vida na sombra da classe dominante que tem o poder das palavras isso indica que:

No interior desse discurso dominante, o analfabetismo não é meramente a incapacidade de ler e escrever; é também um indicador cultural para nomear formas de diferença dentro da lógica da teoria da privação cultural. O importante é que a noção de privação cultural é usada para designar, no sentido negativo, formas de moeda cultural que se apresentam como perturbadoramente incomuns e ameaçadoras quando avaliadas pelo padrão ideológico da cultura dominante relativo ao que deve ser valorizado como história, competente lingüística, experiência de vida e padrões de vida em sociedade. (FREIRE, 2006,p.3).

Por se tratar da melhoria do ensino em especial do processo de alfabetização surge no Brasil na década de 90, uma nova proposta para o ensino onde as séries iniciais vão se nortear através dos parâmetros curriculares nacionais (PCN) que vem a somar com as idéias

de alguns autores que buscam a complexidade da prática educativa envolvendo a reflexão e discursos de aspectos do cotidiano onde são repensados todo o processo de ensino fundamental em termos que abrangem todo o país. Os parâmetros curriculares não só direcionavam os objetivos de ensino como também propõem mais investimento para a educação, formação continuada para professores, além de uma política salarial digna, plano de carreira, mais qualidade do livro didático, recursos televisivos e de multimídia.

Até dezembro de 1996 o ensino fundamental esteve estruturado nos termos previstos pela lei federal nº 5692, de 11 de agosto de 1971. Que estabelecia tanto para o ensino fundamental, 8 anos de escolaridade obrigatória quanto para o ensino médio, não obrigatório, de modo a proporcionar aos educandos a formação necessária ao desenvolvimento de suas capacidades como elemento de auto-realização, preparação para o trabalho e para o exercício consciente da cidadania (PCN,2007,p.13,14). Porém, com toda essa mudança na estrutura educacional pouco tem se notado melhorias pois, ainda encontramos as escolas mal estruturadas sem condições de receber o alunado. Por outro lado, as teorias continuam a se expandir mas o espaço escolar continua do mesmo jeito de antes sem conseguir o bom desenvolvimento do aluno sequer na leitura e escrita como também no pensar reflexivo. Na busca pelo seu desenvolvimento completo de suas capacidades de evoluir com as mudanças que estão ocorrendo no mundo onde a necessidade de estar alfabetizado fala mais alto não em termos de ler e escrever mas também de estarem informados sobre os acontecimentos sociais e, culturais que envolvem a sociedade. De modo geral, as teorias que chegam a nossa escola estão longes de atingir os objetivos dos alunos, visto que na sua maioria não são coerentes com a realidade encontrada nem na escola, nem com a necessidade dos alunos que estão inseridos no meio social onde a desigualdade econômica, cultural e muitas vezes racial se faz presente a todo momento, terminando por interferir nas questões de aprendizagem. São essas questões que fazem a escola travar e cada vez menos promover o aprendizado comum para todos, ao invés de tornar-se um local de expansão de conhecimentos acaba por ser um lugar onde se encontram mais problemas com relação a aprendizagem, isso mostra

que por mais bem sucedida que sejam as campanhas de alfabetização de adultos, não há garantias de alcançar porcentagens de alfabetização altas e duráveis enquanto a escola primária não cumprir eficazmente sua tarefa alfabetizadora. Na medida em que a escola primária continuar expulsando grupos consideráveis de crianças que não conseguem alfabetizar-se, continuará produzindo o analfabetismo dos adultos. Uso intencionalmente o termo expulsar em lugar dos eufemismo retenção por parte da instituição ou abandono por parte dos alunos pois no interior do sistema escolar, mecanismos encobertos de discriminação que dificultam a alfabetização daqueles setores sociais que mais necessitam da escola(FERREIRO,2007 p.16)

Com já foi citado anteriormente a necessidade está presente com maior frequência na base inicial, isso significa que é preciso fortalecer mais o processo de alfabetização das crianças no sentido de conseguir segurar as crianças e adolescentes nas salas de aulas porém não basta só estarem presentes na escola, mas sim que os professores usem estratégias que possibilitem ao aluno aprender o verdadeiro sentido da escolarização para sua vida enquanto ser ativo e participante de uma sociedade que precisa de sua ajuda para continuar crescendo em todos os aspectos. Visto que não se pode construir uma sociedade sem conhecimentos em termos de leituras e escritas, bem como sem conhecimento cultural, em suma são os conhecimentos de sua realidade que levam o sujeito a refletir sobre as questões sociais, mas que para isso acontecer é importante ter uma educação de qualidade onde a preocupação seja voltada para a formação de leitores pensadores e não na quantidade pois ainda é um entrave muito forte na educação brasileira na atualidade o grande número de alunos por salas de aulas. De acordo com Soares,(2005,p.38)Considerando-se que as turmas não são homogêneas e isso tende a dificultar a aprendizagem daqueles que levam mais tempo para se familiarizar com o processo de alfabetização e assim temos todos os anos um alto número de repetência como também de abandono escolar, tudo isso interligado com a desigualdade social abre espaço para a diferenças nos níveis de aprendizado que terminam por colocar a escola em posição de desvantagem perante a seus alunos e também aos olhos da sociedade, que cada vez menos acredita na função da mesma de formar cidadãos comprometidos e comprometidos com suas obrigações de sujeito colaborador com as questões sócias.

CAPITULO 3 - CONSTRUÇÃO DA AMOSTRA

3.1 OPÇÕES GERAIS

O objetivo geral desta pesquisa é a análise sobre a dificuldade na aprendizagem dos alunos do 6º ano A e do 6º ano B, em especial relacionado com o verdadeiro significado da alfabetização, bem com o seu papel na sociedade.

Tendo como base a parte teórica delineada anteriormente, efetuamos opções pelo trabalho empírico de modo geral na determinação particular da amostra colhida dos sujeitos da pesquisa.

Decidimos por limitar o estudo ao período que compreendeu os anos de 2010 a 2011. À primeira vista, o tempo foi delimitado, devido às seguintes razões: necessidade de esclarecer os motivos que levam os alunos a permanecerem por muitos anos em uma mesma série e não aprenderem o básico de leitura e escrita, além de continuarem na escola sem o menor interesse, da mesma forma, sem perspectiva de vida e com dificuldade de compreender a diversidade de universos que os esperam para além de seu ambiente familiar; Uma outra razão deteve-se na prática constante de sala de aula e lidar diretamente com esse problema de dificuldades de leitura e escrita torna-se angustiante para professores, direção escolar e família.

Assim, cada uma destas partes termina por atribuir a culpa pelo não aprendizado do aluno ao outro e dessa forma o problema toma uma proporção que foge do controle de todos os interessados e a escola, por sua vez, deixa de cumprir seu verdadeiro papel, que é o de formar cidadãos críticos e conscientes de sua participação dentro da sociedade que a espera. Por isso, não absolve aqueles que não estão preparados para atuar de maneira significativa como exige a conjuntura social e, assim, essas pessoas estão fadados ao futuro fracasso.

Em termos gerais agimos, de modo igual, primando pelas opções notáveis que, por um lado, foram considerados os discursos elaborados pelo Ministério da Educação (MEC) no que se refere ao ingresso de todos os alunos na escola, bem como as matrículas dos alunos de 6º ano no primeiro ano do ensino fundamental e a valorização do ensino infantil. Por outro lado, considerando os níveis da educação regional e local, as ações efetuadas pela instituição escolar, tomando como base o currículo disciplinar como fonte de reverter a deficiência que se encontra nos adolescentes, crianças e jovens que não dominam a alfabetização, no seu sentido mais amplo, para que possam futuramente exercer seus direitos de cidadãos adquiridos na escolaridade.

Concentramos a nossa investigação em uma única instituição escolar que compartilha o problema de leitura e escrita, apesar de trabalhar com projetos que envolvem a interdisciplinaridade, proporcionando um tempo maior e opções por diversificados gêneros textuais, colocando o aluno em contato direto com o ler e o escrever e criar seus próprios textos.

Desejamos entender melhor o problema dos alunos do 6º ano, relacionando a leitura e a escrita, as consequências que poderão causar para a sociedade, no tocante à sua formação profissional e como irão participar das questões sociais, priorizando a sua integração no trabalho e na sociedade.

Direcionamos nossa atenção para uma turma de 6º ano, com alunos dentro da faixa etária. Analisamos o modo como se desenvolve a aprendizagem destes alunos, na tentativa de compreender como turmas da mesma série/ano desenvolvem-se de forma semelhante e por isso a representatividade de alunos com déficit de alfabetização tem dado respaldo para a preocupação daqueles que estão envolvidos com esse processo de formação dos futuros cidadãos.

Procuramos investigar as opções que se adéquem mais com a relação a não aprendizagem da leitura e da escrita para esses alunos que formam uma população que está caminhado para a exclusão na sociedade, frente aos processos de mudanças que vêm ocorrendo na mesma neste último século.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A escola Municipal Jeanne Machado, situada na antiga fazenda Zabelê, atualmente Quilombo dos palmares, zona rural do município de Touros, R/N, encontra-se localizada a 78 km de Natal, capital do Rio Grande do Norte. A escola possui um total de 534 alunos, sendo distribuídos da seguinte maneira: 56 alunos no ensino infantil, 171 no ensino fundamental I, 307 do 6º ao 9º ano. Possui um total de 19 salas de aulas, sendo 10 no turno matutino e 9 no turno

vespertino, tendo um total de 35 funcionários, destes, 19 professores, 02 coordenadores pedagógicos, 01 diretor, 01 vice-diretor, 10 ASG (auxiliar de serviços gerais) e 02 secretários.

Apesar de estar localizada na zona rural, atende a demanda de outras comunidades que concluíram o ensino fundamental I, ou seja, o 5º ano e chegam à escola para cursar o ensino fundamental II, sendo as seguintes comunidades atendidas pela escola: Cajá, Santo Antônio, Aracati, Serra Verde e a própria localidade, que hoje é uma área de assentamento, com aproximadamente 300 famílias. Os recursos que mantém a escola são oriundos do PDDE (Programa Dinheiro Direto na Escola) e também recebe ajuda da prefeitura municipal. Conta ainda com o apoio da EMATER (Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Norte), que colabora com alimentos para a merenda escolar.

A escola conta ainda com os recursos financeiros para a compra da merenda, que são administrados na própria escola. A mesma possui PPP (Projeto Político Pedagógico), além de Conselho Escolar (órgão constituído por representantes de pais, estudantes, professores, demais funcionários, membros da comunidade local e o diretor da escola, que se reúne para resolver questões internas da escola). A escola tem no seu quadro docente 100% de professores graduados, destes, 50% são ou estão cursando especialização e 02 cursando mestrado. Porém, ainda assim, o índice de repetência, decorrente do analfabetismo, é assustador para os professores que planejam e fazem projetos a fim de reverter esses resultados.

Um dos pontos agravantes deste processo são os alunos fora da faixa etária, que estão no 6º ano sem ler e escrever. Em determinados casos não sabem escrever seu próprio nome. Assim sendo, não conseguem avançar na aprendizagem, permanecendo ano após ano na mesma série, dando espaço para a evasão escolar. Nesse momento a instituição está desenvolvendo um projeto cujo título é: Lendo e escrevendo. Ele terá uma duração de 02 bimestres (100 dias letivos), sendo o seu maior objetivo incentivar os alunos à prática da leitura e da escrita e até mesmo da reescrita. Para isso, serão trabalhados diversos gêneros textuais, como, por exemplo: fábulas, contos, poesias, receitas, dentre outros. Isso tudo visando à recuperação e alfabetização desses alunos.

Com relação às novas tecnologias, a escola deixa a desejar, pois possui apenas um computador, que fica a serviço da secretaria da escola, uma TV, um aparelho de DVD, dispõe de uma sala de leitura e conta com um pequeno acervo de livros paradidáticos e didáticos, alguns bastante antigos. Fazem parte também do espaço escolar uma sala de professores, uma direção, uma cozinha, um depósito de merenda, um pátio, onde os alunos merendam e brincam. A falta de

literatura na comunidade torna difícil o trabalho dos professores, uma vez que os educandos não dispõem de recursos de leituras em suas casas. Os mesmos não têm acesso a jornais e nem a revistas, uma vez que a maior parte dos alunos são filhos de pais analfabetos e não recebem ajuda em casa, deixando assim a escola como única responsável pela aprendizagem dessas crianças, adolescentes e até mesmo adultos que a frequentam e buscam da mesma forma aprender o mínimo: ler e escrever, ou seja, alfabetizar-se, para poder participar melhor da sociedade em que vivem. Segundo Boch, Aguiar,(2009, p.145), a educação tem sempre uma finalidade social. Sempre que estivermos na prática educativa estaremos, queiramos ou não, promovendo uma determinada sociedade e um determinado tipo de cidadão. Encontraremos nosso educando sempre carregando em sua bagagem uma história e uma condição social. Não podemos ignorar essa relação. É preciso enxergar com clareza esse vínculo que o trabalho educativo mantém com a realidade social.

3.3 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA ESTUDADA

3.3.1 Alunos

Na tentativa de se considerar o vasto universo dos adolescentes que não conseguem o grau de alfabetização na instituição escolar citada anteriormente, percebe-se que onde a atual metodologia de ensino é utilizada pelos professores não tem surtido efeitos positivos para a educação, pois só o período que o aluno permanece na escola não é suficiente para uma aprendizagem significativa para o mesmo, uma vez que a instituição não dispõe de recursos que deem suporte para um melhor desenvolvimento do aluno em seu aprendizado de leitura e escrita. Isso porque o tempo é limitado e a sala de aula é superlotada e ainda assim o aluno não conta com

um reforço fora da escola para suprir com aquelas necessidades de aprendizagem que o mesmo, por algum motivo, deixou de absorver durante a aula.

Aqui selecionamos uma amostra da população de duas turmas da escola, tendo os dados obtidos como base exploradora da pesquisa.

A amostra escolhida obedeceu às normas que se apresentam em resumo no quadro:

Quadro 1 - Critérios de escolha da amostra.

CRITÉRIOS DE ESCOLHA DA AMOSTRA
Diagnóstico da defasagem encontrada nos alunos no processo de alfabetização
Faixa etária: idade compreendida entre 13 e 19 anos;
Amostra constituída de ambos os sexos;
Frequência de escolarização no Ensino Fundamental;
Participação nos programas sociais do governo;
Participam das atividades na agricultura familiar;
Aproximação global: entrevistador indivíduos locais de pesquisa;
Cursam a mesma série/ano.

Respeitando os critérios de escolha, centramo-nos em duas salas de aulas de 6º ano A e B, com um grupo de 20 alunos, 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino, que apresentam um grau elevado de deficiência no processo de alfabetização, em uma escola na zona rural do município de Touros RN. Esses mesmos alunos encontram-se em boa parte entre 14 a 19 anos de idade, portanto, fora da faixa etária para a série/ano que estão matriculados.

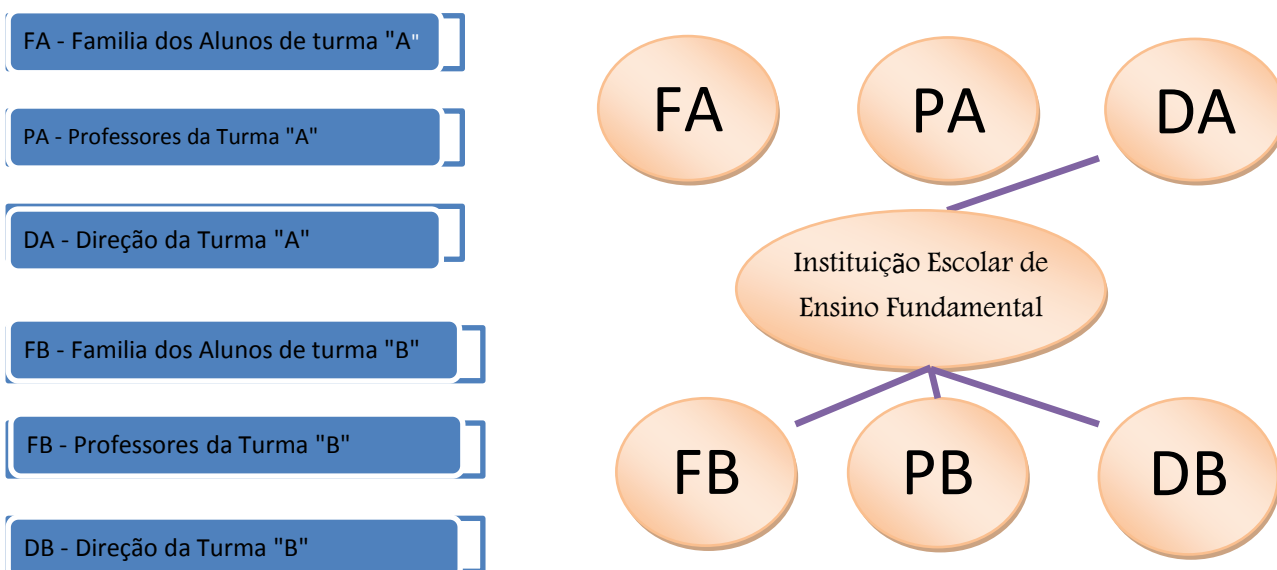
Recorremos, na oportunidade, conforme já citada, à entrevista e observação nas aulas como forma prática para discussão, que, segundo Pinheiro (2000, p. 186), citado por Afonso

(2008, p.33), nos leva a “(...) entendê-la como ação (interação) situada e contextualizada, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem versões da realidade.”

Procuramos informações-chave em volta de cada sujeito da pesquisa, envolvendo pessoas que diariamente conviviam com os mesmos em diferentes situações, em diversos ângulos, para uma melhor visão da circunstância ocorrida, assim, família, escola, professores e direção da instituição, que, devido ao contato e convivência de alguns anos, tivessem constituído uma representação própria a respeito da problemática em estudo, de acordo com o grau de dificuldade na alfabetização desses alunos e os lugares em que se posicionam na sociedade.

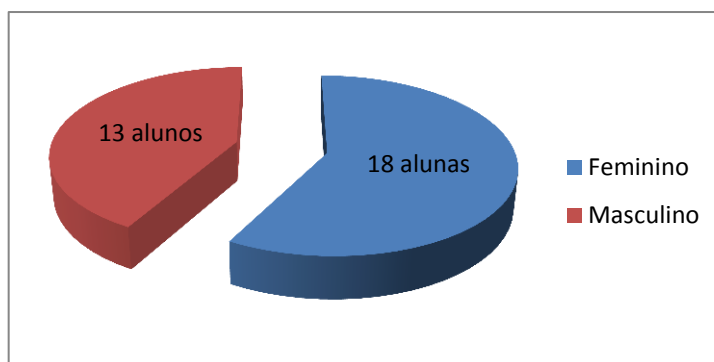
Procurando cumprir o objetivo, realizamos entrevistas, observações com grupo de alunos de duas turmas de 6º ano A e B, que fizeram parte da investigação, designados no trabalho como sujeitos (A, B), porém, tendo em vista que as mudanças na aprendizagem necessitam da motivação e empenho dos próprios sujeitos e familiares, além da escola, ou seja, os atores sociais que fazem parte da instituição escolar, estendemos o leque de entrevistas para outros interessados, a saber família, professores, e direção da escola que, através de suas experiência e por estarem em contato diariamente com o objeto de estudo, tinham a possibilidade de enriquecer cada vez mais a investigação.

Estabelecemos, nessa perspectiva, em volta de cada sujeito fonte, um núcleo que norteasse de forma precisa um conjunto de informações privilegiadas que serviram na entrevista como base para a obtenção das respostas adquiridas, cujos dados podem permitir, numa outra fase, a exploração da situação que se encontra esse grupo de sujeito.



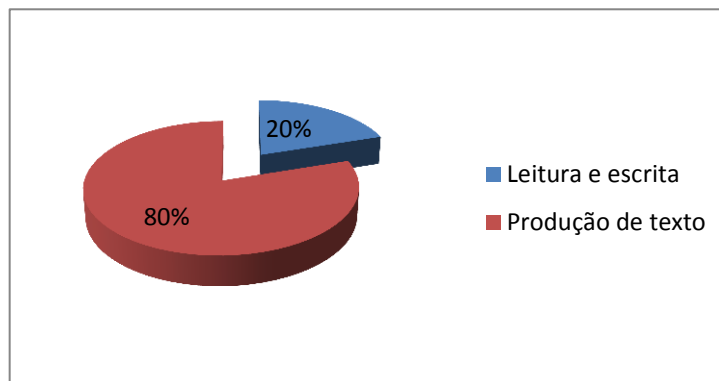
Frequentam o 6º ano A 31 alunos, sendo 18 do sexo feminino e 13 do sexo masculino, com faixa etária entre 11 e 13 anos, destes, 20% são repetentes e apresentam um grau de dificuldade de leitura e escrita que chega a preocupar os professores, pois 80% da turma não sabe produzir um texto com coesão e coerência, na leitura, decodificam os textos, porém, não conseguem interpretar o que leram. Todos estudam na escola há mais de 2 anos.

Gráfico 1 – 6º Ano A – 31 alunos.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Gráfico 2 - Dificuldade da turma.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

TURMAS	A		B	
	MAS.	FEM.	MAS.	FEM.
FAIXA ETÁRIA	10 a 12 anos	10 a 12 anos	16 a 19 anos	16 a 19anos

DIAGNÓSTICO: DIFICULDADE DE LEITURA E ESCRITA

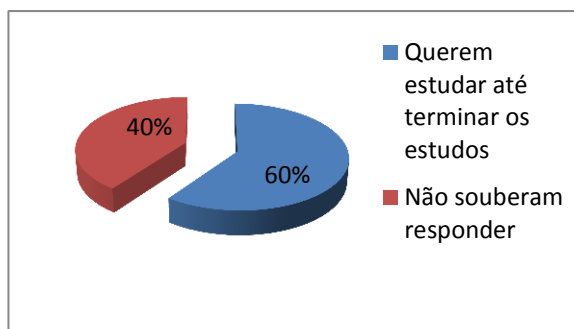
ENSINO FUNDAMENTAL 6º ANO	6º ANO	
REPETÊNCIA	19%	100%
OCUPAÇÃO	100%	100%

Quando perguntamos sobre o que gostavam de ler, responderam que gostam de revistas, mas não têm oportunidades de acesso a elas, quanto a outras opções de leituras, não existem, uma vez que na comunidade não tem biblioteca e os únicos livros que os mesmos têm acesso são os didáticos e um pequeno acervo da escola. Mesmo assim estão sempre ajudando nas tarefas de casa e trabalhando na agricultura com os pais, não dispendo de tempo para leitura, da mesma forma, para realizar as tarefas extraclases.

Perguntamos para os mesmos quais as expectativas para o futuro, visto que para eles a educação escolar não é prioridade. Obtivemos os seguintes resultados: 60% da turma A responderam que gostariam de estudar até terminar os estudos, que para eles os estudos terminam quando concluem a faculdade. Porém, encontram dificuldades para se locomover até a escola, em virtude de residirem na zona rural e não possuírem renda fixa que ajude a manter os estudos na sede do município.

Enquanto que 40 % não tem ainda uma visão formada sobre o assunto, dessa forma, não souberam responder, sendo os meninos os mais indecisos.

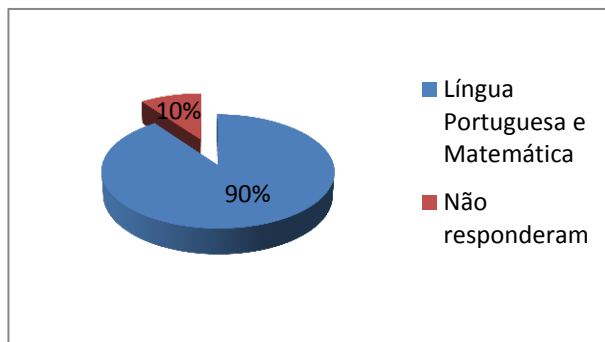
Gráfico 3 - Expectativas para o futuro.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Interrogamos sobre as maiores dificuldades que os mesmos encontram com relação às disciplinas. A resposta foi que 90% apresentam dificuldades em Língua Portuguesa e Matemática e ainda ressaltaram que não gostam de produzir textos nem de ler durante as aulas.

Gráfico 4 - Dificuldade com relação às disciplinas.



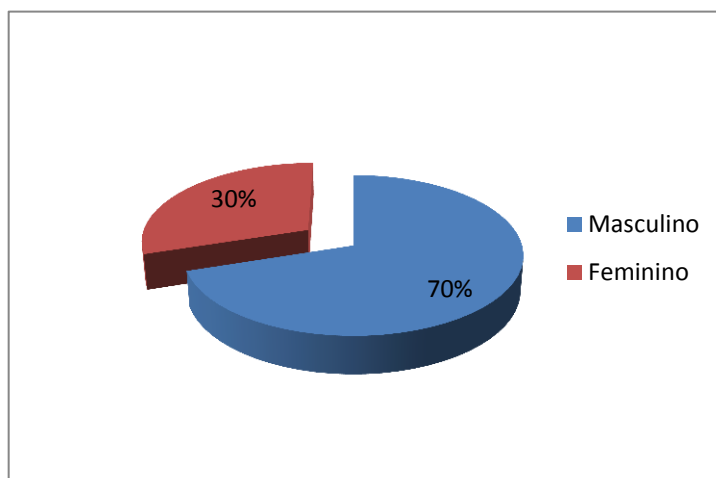
Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos sobre o que fazem nas horas que estão em casa e a resposta foi, em geral, que as meninas ajudam a cuidar da casa e dos irmãos e os meninos vão para a roça com os pais, só retornando no horário da aula e que, por isso, não perdem nenhum dia de aula, para não ter que passar o dia no roçado, mas chegam muito cansados, sem interesses pelas aulas.

A experiência escolar tem um papel crucial na formação das auto-percepções das crianças. Nesse sentido, as crianças com dificuldades de aprendizagem apresentam um risco elevado de terem um auto-conceito negativo, particularmente quanto a área acadêmica. (Elbaum & Vaughn, 2001).

Frequentam o 6º B 32 alunos, sendo 70% do sexo masculino, apenas 30% do sexo feminino, com faixa etária entre 14 e 19 anos, sendo todos, ou seja, 100%, repetentes e com uma visão bem diferente dos alunos do 6º ano A que estão entre 10 a 12 anos. Essa turma apresenta uma maior preocupação para todo o corpo docente da escola, por estarem fora da faixa etária uma vez que o correto seria de 10 a 12 anos e ainda assim não valorizarem a escola nem seu aprendizado. É considerada a pior turma, tanto em rendimento quanto em comportamento.

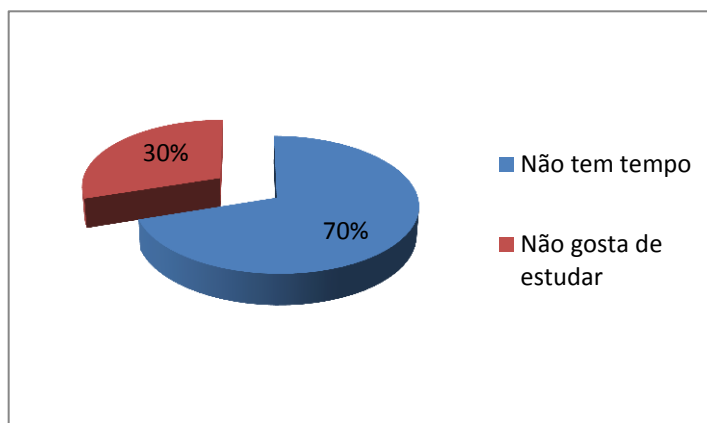
Gráfico 5 - 6º Ano B – 32 alunos.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos para esses alunos o que gostavam de ler e a resposta foi: 70% não tem tempo para ler, pois a leitura é o roçado todos os dias, 30% responderam não sei ler e não quero aprender, pois não gosto de estudar.

Gráfico 6 - O que gosta de ler.



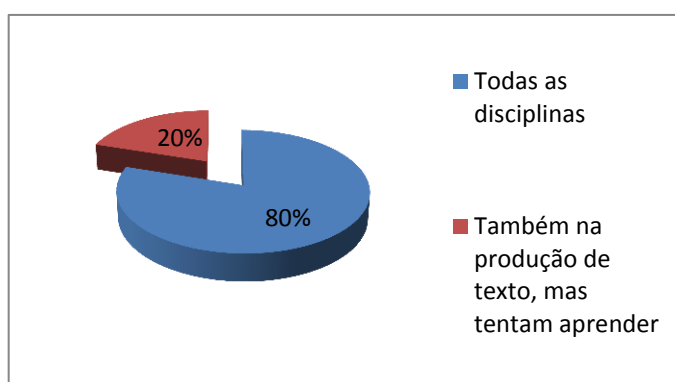
Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Quando indagado sobre o porquê de estarem matriculados na escola, obtivemos a seguinte resposta: “para não ir para o roçado, pois, quando faltamos aula, somos obrigados a voltar para trabalhar à tarde”.

Quando perguntamos sobre o rendimento dos mesmos nas aulas, 80% responderam que sentem dificuldades em todas as disciplinas, especialmente em Língua Portuguesa e Matemática, disseram também que não gostam de produzir textos nem gostam de leitura, essa é a pior aula para os mesmos.

Apenas 20% da turma responderam que tanto faz, as disciplinas são todas iguais, apesar de também encontrarem dificuldades para produzir textos, mesmo assim tentam fazer para aprender.

Gráfico 7 - Dificuldade de aprendizagem.

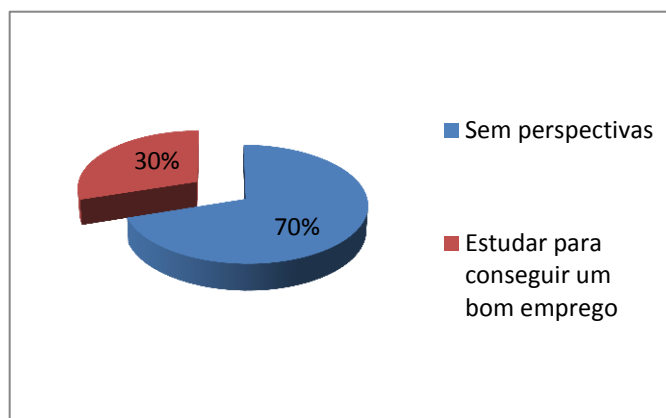


Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Quando perguntamos o que esperam para o futuro, visto que não valorizam a educação escolar, a resposta foi a seguinte: 70% responderam: “estudar para quê, não vamos conseguir emprego, vamos ficar aqui trabalhando no roçado, pois é difícil, aqui não tem trabalho, só o roçado, e nunca vamos poder morar em outro lugar”.

Apenas 30% responderam que gostariam de estudar para conseguir um bom emprego, para deixar a lavoura, mais é muito difícil estudar e encontram dificuldades para assimilar os conteúdos escolares e não tem quem auxilie nas tarefas escolares nem tirar suas dúvidas.

Gráfico 8 - O que esperam do futuro.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos sobre o que faziam nas horas livres, ou seja, quando não estão no roçado ou na escola e os meninos responderam que jogavam bola no campo perto de casa.

Já as meninas responderam que ajudam a cuidar da casa e dos irmãos mais novos, pois a mãe vai para o roçado com o pai e os outros irmãos mais velhos, que trabalham limpando mato, plantando e cuidando dos animais.

Comportamentos externalizantes com componentes antissociais frequentemente se desenvolvem em contextos de diversidade ambiental. Investigações para elucidar a origem e o curso de desenvolvimento dos problemas têm convergido para uma concepção multifatorial e transacional, em que as manifestações externalizantes refletem processos de trocas contínuas entre características da criança nas interações sociais e características dos cuidadores e seu contexto social/ecológico (Olson & Cols, 2000,).

3.3.2 Família

A família, que nas últimas décadas tem sofrido certa modificação em sua estrutura, onde a figura masculina do pai deixa de ser o eixo que rege e também mantém a casa, uma vez que a mulher passou a ter um papel importante dentro da sociedade, termina por deixar de lado o cuidado dos filhos para ajudar no sustento da família e com isso os valores são deixados de lado, não por falta de responsabilidade da mãe, mulher, mas por necessidade de colaborar com o sustento e a educação das crianças, que em uma área de pobreza acabam por serem prejudicados com a ausência dos pais que deveriam orientá-las num caminho para o futuro melhor.

Como cita MALDONADO (1984,p.10), “a própria estrutura familiar tem passado por alterações principalmente no que se refere à distribuição de tarefas para o homem e para a mulher. O homem envolvido em tarefas domésticas como: fazer compras no supermercado, entre outras atividades, a mulher envolvida em atividades fora do lar tais como: estudar ou trabalhar a fim de contribuir para a renda familiar ou realizar-se profissionalmente, ou seja, tanto o pai quanto a mãe dispõe de pouco tempo para acompanhar a educação dos filhos pois o próprio sistema obriga que ambos deixem sua casa para trabalhar. Com base na análise dos dados da pesquisa do IBGE,(2005), SOARES& SABOIA (2007) afirmam que, na sociedade brasileira, as tarefas domésticas ainda constituem uma atribuição das mulheres, mesmo que se tenha observado um pequeno aumento da participação masculina.

Para PEREIRA (2006, p.142), uma nova divisão do trabalho, alterando a economia doméstica, de mercado influenciando também as noções de limites do público e privado, tem aos poucos dado a mulher um lugar de cidadã. A partir dessa desagregação, a busca de melhorias, houve perda no que diz respeito ao aconchego familiar e aos ensinamentos tradicionais quanto à educação de forma geral apesar das conquistas.

TIBA (2005, p.130) afirma que a educação é um processo contínuo e dinâmico. Portanto, nunca é tarde para iniciar o projeto educativo, se a meta é transformar o filho num cidadão progressivo, para isso, os pais também têm que ser progressivos. Para o autor, progressivas são pessoas que andam para frente e avançam na vida.

Como mencionado anteriormente, a família que passa por constantes modificações ao longo da história e em especial aquelas de baixa renda, e que vivem em lugar de extrema miséria, onde existem dificuldades até para conseguir água potável para beber, com as condições de trabalho ruins, que para se sustentar contam com auxílio do governo federal, através de políticas públicas como bolsa família, vale gás e bolsa escola. Os três benefícios, numa família com 14 pessoas e 06 matriculados na escola somam 204 reais, sendo essa a renda fixa para manter toda a família, não há como os pais atenderem aos filhos, pois necessitam passar todo o dia ausentes de casa, procurando o sustento dos mesmos, daí a educação e os valores são postos em segundo plano, em virtude da sobrevivência, que se torna mais importante para aquelas pessoas.

Segundo YAZBEK (2003), são considerados pobres aqueles que de modo temporário ou permanente, não têm acesso a um mínimo de bens e recursos sendo, portanto, excluídos em graus diferenciados da riqueza social.

PETRINI (2003), afirma que, à medida que a família encontra dificuldades para cumprir satisfatoriamente suas tarefas básicas de socialização e de amparo/serviços aos seus membros, criam-se situações de vulnerabilidade. A vida familiar para ser efetiva e eficaz depende de condições para sua sustentação e manutenção de seus vínculos.

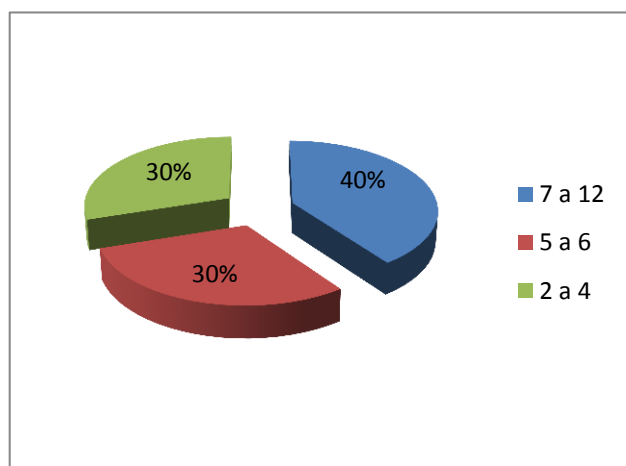
Resultados

Tomando como base os depoimentos dos pais, durante as entrevistas obtivemos os seguintes resultados:

Pais dos alunos do 6º ano A estão assim classificados:

Idade entre 30 e 41 anos, em geral, todos recebem benefício do governo, ou seja, bolsa família, da mesma forma, nenhum tem trabalho fixo, a fonte de sobrevivência é a agricultura no seu próprio roçado, que não lhes rende salário certo para manter a família que, na sua maioria, é bem extensa. 40% das famílias tem em torno de 07 a 12 filhos, com idade de um ano e cinco meses a dezenove anos. Outros 30% tem em torno de 05 a 06 filhos, com idade de um a quatorze anos, 30% têm em torno de 02 a 04 filhos, com idade de um a treze anos.

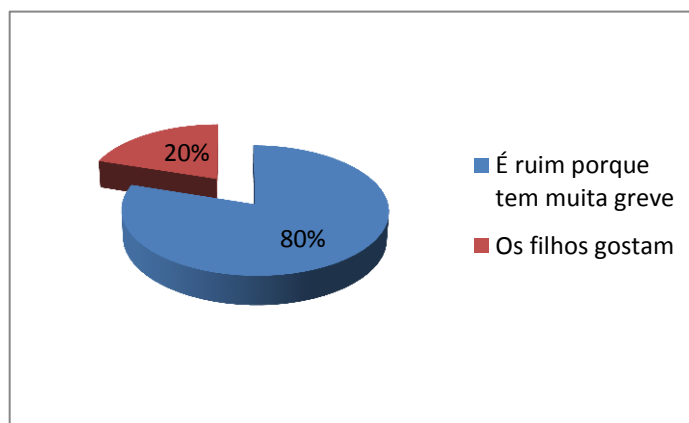
Gráfico 9 – Família dos alunos do 6º A - nº de filhos.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos sua opinião a respeito da escola de seus filhos e logo a resposta foi: 80% disseram ser ruim por que tem muita greve; 20% responderam: “os meninos gostam, não sabemos falar sobre a mesma, pois não temos tempo de ir lá”.

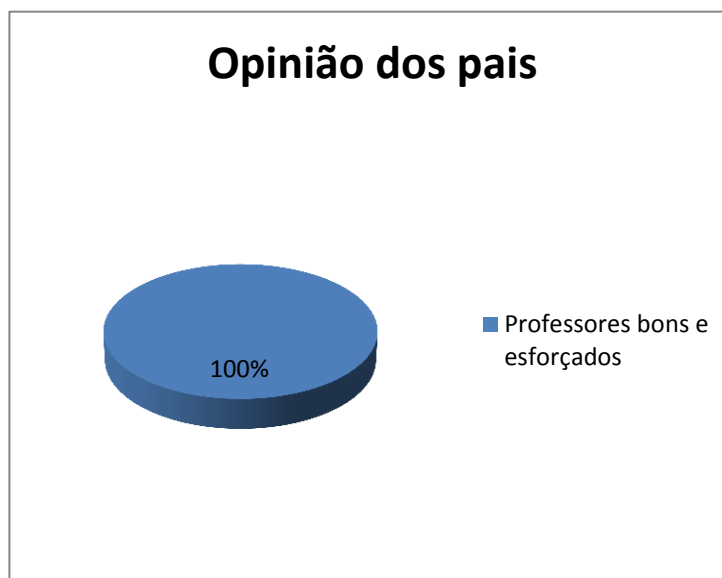
Gráfico 10 - Opinião dos pais sobre a escola.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Indagamos sobre os professores, como eles os viam e a resposta foi: 100% afirmaram que são muito bons e esforçados.

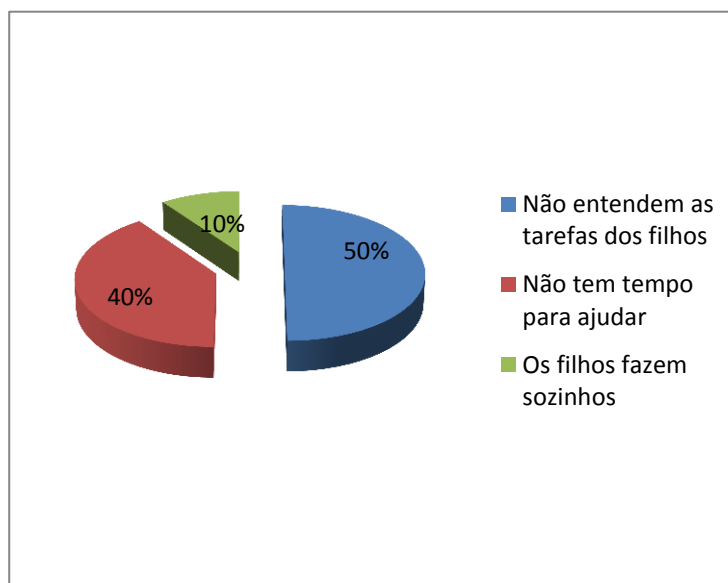
Gráfico 11 - Opinião dos pais.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Quando perguntamos se os filhos levam tarefas escolares para casa as respostas foram: 100% disseram que trazem, porém, 50% disseram que não entendem as tarefas; 40% disseram não ter tempo para ajudar e 10% afirmaram que os filhos fazem sozinhos.

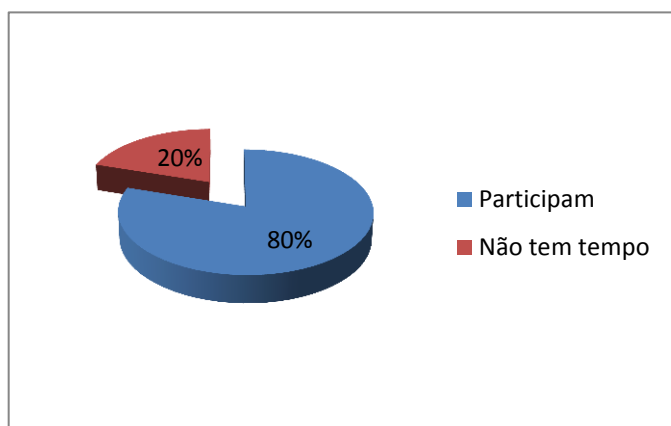
Gráfico 12 - Tarefas para casa.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos também se os mesmos participam de reunião de pais e mestres e 80% disseram que participam, apenas 20% não têm tempo para ir para reunião na escola.

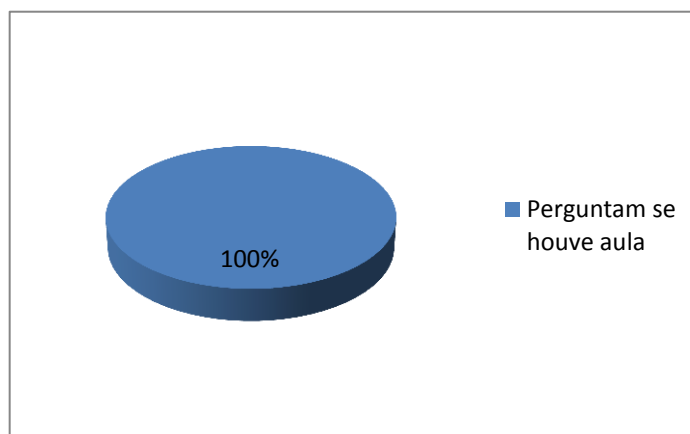
Gráfico 13 - Os pais nas reuniões com os mestres.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos se os pais procuram saber de seus filhos, quando estes chegam em casa, o que aconteceu na escola, isso com relação ao que estudou, a resposta foi: 100% só perguntam se houve aula, não procuram saber se os filhos estudaram ou aprenderam.

Gráfico 14 - Pergunta frequente dos pais aos alunos.

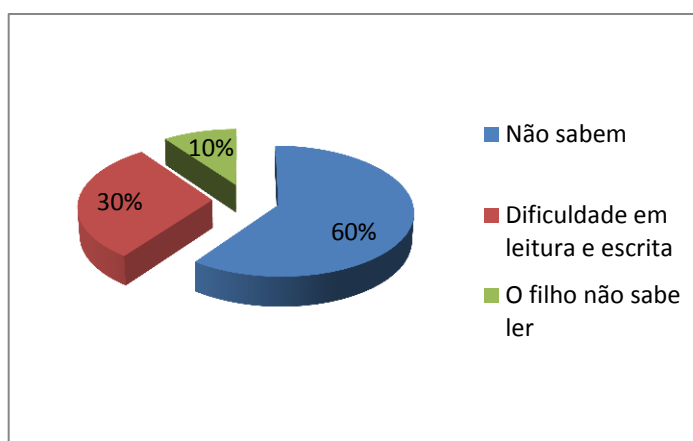


Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Questionamos se levam o filho para o trabalho e os mesmos responderam: “eles precisam ajudar a criar os irmãos, pois só o pai trabalhando não dá para viver”.

Perguntamos se era do conhecimento deles se os filhos enfrentam alguma dificuldade nas disciplinas, em especial Língua Portuguesa (leitura e escrita), a resposta foi: 60% disseram que não sabem, o filho não comenta com eles; 30% disseram que o filho tem dificuldade em leitura e escrita; 10% responderam que o filho não sabe ler, apesar de estar na escola há mais de 6 anos.

Gráfico 15 - Os pais conhecem alguma dificuldade de aprendizagem dos filhos.

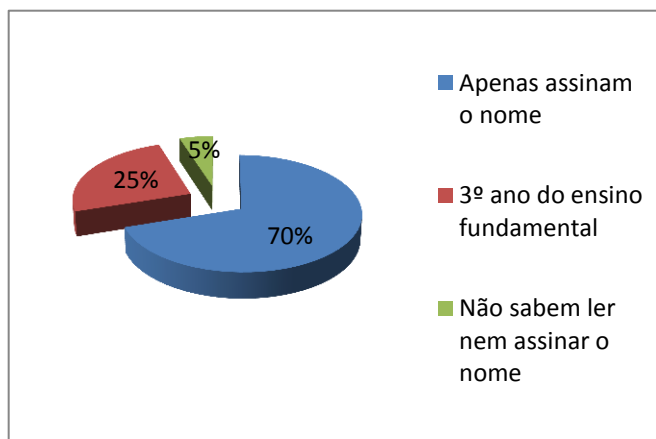


Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Procuramos saber o grau de escolarização dos pais e o resultado foi: 70% responderam que não sabem ler, apenas assinam o nome, que não tiveram oportunidade de frequentar a escola e por isso gostariam que os filhos estudassem um pouco mais; 25% responderam que estudaram até o 4º ano, ou seja, até a 3ª série e que dominam a leitura muito melhor que os alunos de hoje, com

6 ou 7 anos de escolarização; 5% responderam que não sabem nem assinar o nome e que ficam constrangidos quando precisam escrever o nome em algum lugar e tem que colocar o dedo na almofada para representar a assinatura.

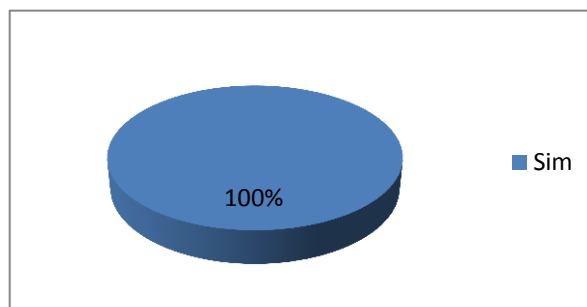
Gráfico 16 - Grau de escolarização dos pais.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos se falavam da importância da escola para os filhos no futuro. O resultado foi o seguinte: 100% responderam que estão sempre alertando sobre a necessidade de estudar para ser alguém na vida e não passar a vida toda trabalhando na roça e mesmo assim não conseguir sustentar a família. Que apesar de ser difícil estudar, por não ter quem ajude nas tarefas escolares, eles precisam prestar mais atenção nas aulas e perguntarem mais aos professores para tirar as dúvidas, uma vez que em casa não tem como fazer isso.

Gráfico 17 - Alertam sobre a importância dos estudos para os filhos.

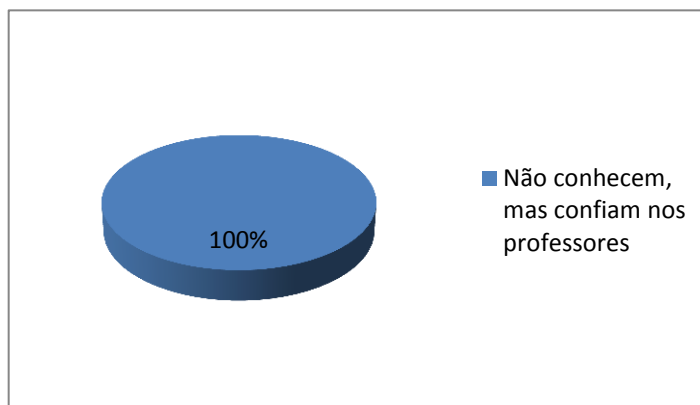


Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Quando perguntamos qual a opinião sobre o trabalho pedagógico da direção, junto aos professores, para desenvolver melhor o aprendizado dos alunos, se tinham conhecimento de algum projeto da escola, obtivemos esse resultado: 100% disseram que não tem conhecimento do

trabalho da escola, que os meninos vão todos os dias e não procuram saber nada o que a escola faz, confiam nos professores, pois ensinam bem.

Gráfico 18 - Conhecimento dos pais sobre o projeto pedagógico da escola.

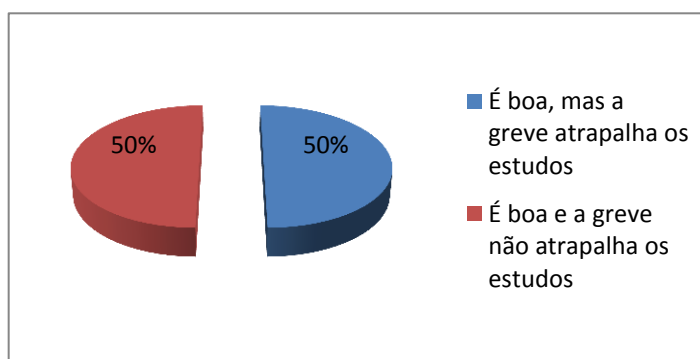


Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Os pais dos alunos do 6º ano B, tem idade entre 38 a 72 anos, da mesma forma que o do 6º ano A que estão com idade entre 10 a 12 anos de idade e todos recebem benefícios do governo federal, o bolsa família, sendo esta a única renda fixa, que varia entre 132 a 205 reais, dependendo do número de filhos estudando. Nenhum possui emprego e todos vivem da agricultura de subsistência, que não dá para manter os filhos, uma vez que constituem uma família numerosa, com número entre 07 a 12 filhos.

Perguntamos sua opinião sobre a escola de seu filho. A resposta foi: 50% responderam que ela é boa, porém, tem greve que atrapalha os estudos; 50% responderam que é boa e a greve não atrapalha, pois estudam durante as férias e eles não têm para onde ir, só a escola e o roçado.

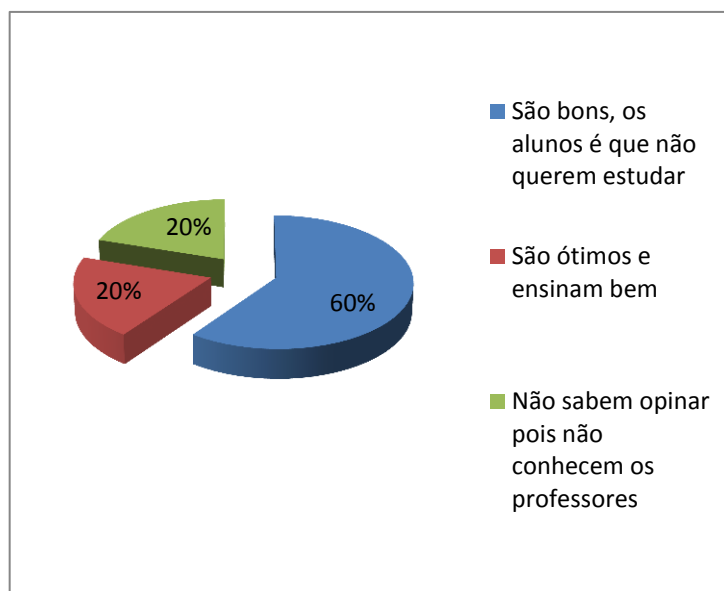
Gráfico 19 - Opinião dos pais de alunos do 6º B sobre a escola.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Indagamos sua opinião sobre os professores dos filhos e a resposta foi: 60% disseram que os professores são bons, que os alunos é que não querem estudar, vão à escola para brincar, não cumprindo com as normas da escola; 20% responderam que os professores são ótimos e ensinam bem; 20% não conhecem bem os professores e não souberam opinar sobre o assunto.

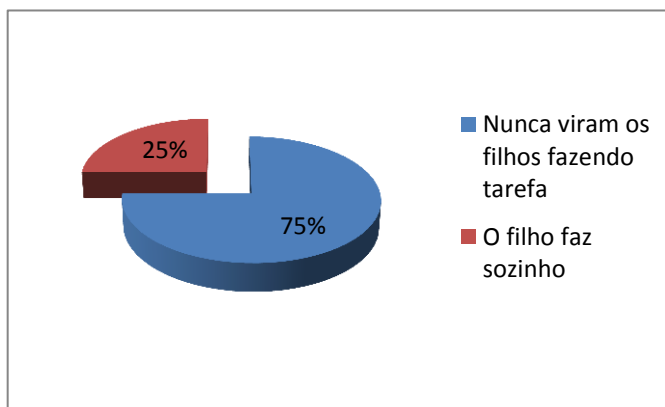
Gráfico 20 - Opinião dos pais sobre os professores.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Quando perguntamos se observam se os filhos levam tarefas escolares para casa, 75% responderam que nunca viram o filho fazer nenhuma tarefa e nem comentarem sobre o assunto, pois o caderno do mesmo não tem nada; 25% responderam que o filho traz dever da escola, porém, faz sozinho, que não tem quem ensine.

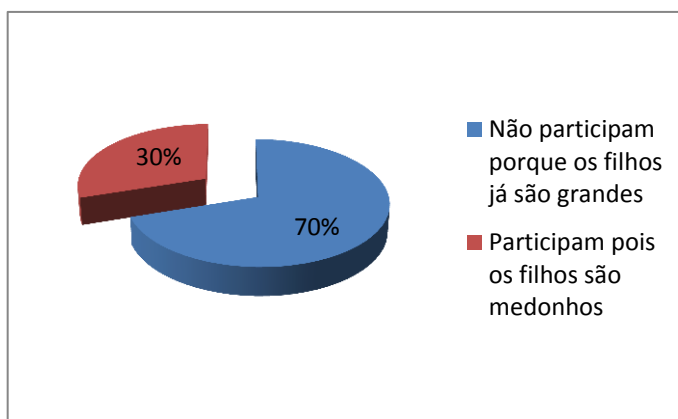
Gráfico 21 - Observam se os filhos levam tarefas para casa.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Quando interrogados se participam de reunião de pais e mestres, obtivemos o seguinte resultado: 70% responderam que não vão, que o filho já é grande, e apenas 30% disseram que sim, pois os filhos são medonhos e eles precisam saber o que acontece na escola, mas não gostam de demorar na escola, pois têm muitas obrigações a fazer.

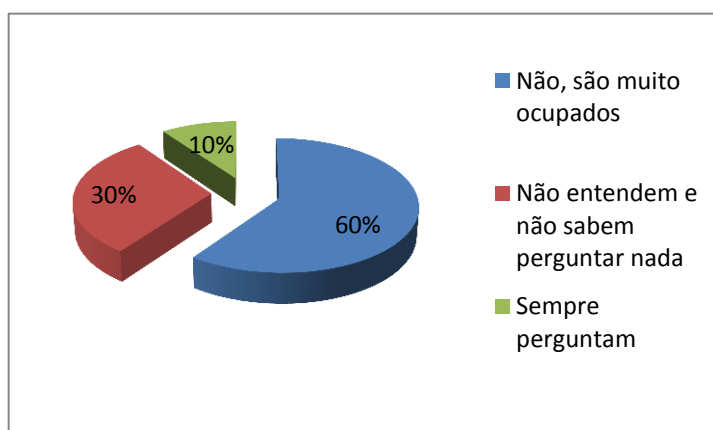
Gráfico 22 - Reunião de pais e mestres.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos se eles procuram saber dos filhos sobre o que acontece na escola com relação ao aprendizado. A resposta foi: 60% responderam que não, estão sempre ocupados; 30% responderam que não entendem, então, não sabem perguntar nada. Apenas 10% dos pais responderam que sempre perguntam e querem saber, mesmo sem entender dos assuntos, só para saber se o menino vai mesmo estudar.

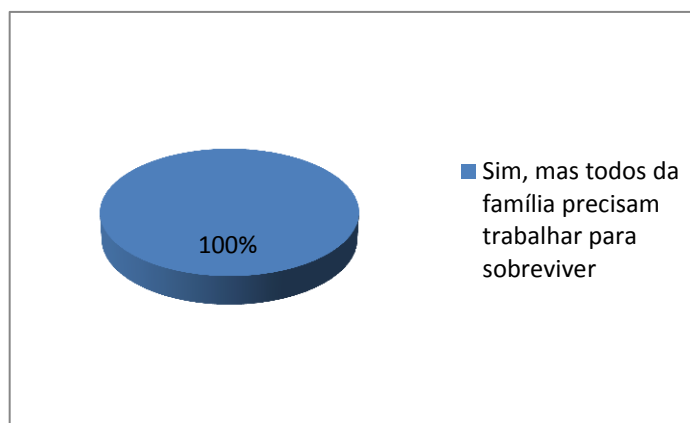
Gráfico 23 - Procuram saber dos filhos sobre o aprendizado.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos sobre a questão de levar os filhos para o trabalho, se não atrapalha os estudos. E a resposta foi: 100% responderam sim, pois eles deveriam estudar as lições em casa para aprender mais, porém precisamos trabalhar para sobreviver e os filhos mais velhos precisam ajudar a criar os mais novos, pois “todos nós temos que trabalhar se não morremos de fome”.

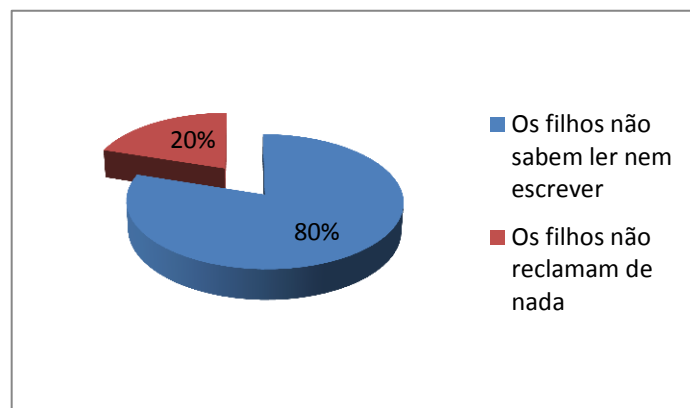
Gráfico 24 - Levar o filho para o trabalho atrapalha os estudos.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos se eles têm conhecimento se os filhos sentem alguma dificuldade nas disciplinas, em especial em Língua Portuguesa (leitura e escrita), a resposta foi: 80% responderam que o filho não sabe ler e nem escrever, apesar de muitos anos na escola, não tem sido suficiente para o menino aprender, porém a culpa é deles, que só vão para escola brincar e não aproveitam as explicações dos professores; Apenas 20% responderam que o filho não reclama de nada, por isso acham que está tudo bem na aprendizagem dele.

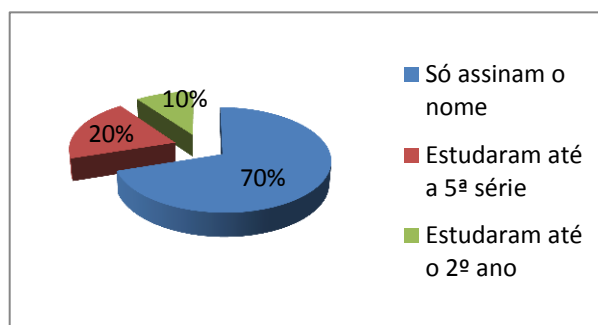
Gráfico 25 - Sabem de alguma dificuldade de aprendizagem do filho.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Procuramos saber o grau de escolaridade dos pais e obtivemos a seguinte resposta: 70% responderam que só assinam o nome, porém não leem nem escrevem nada; 20% disseram que estudaram até o 5º ano, antes a 4º série e, por isso dominam a leitura e a escrita; 10% responderam que só estudaram até o 2º ano, que não tinham tempo de ir para a escola, pois iam trabalhar, terminando por abandonar a escola, mas mesmo assim leem um pouco e assinam o nome, sem dificuldade.

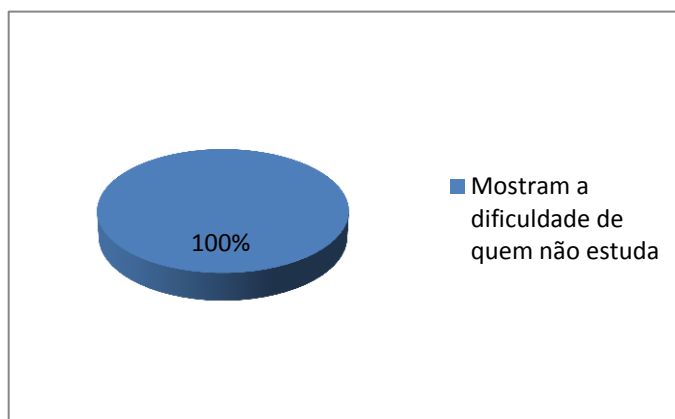
Gráfico 26 - Grau de escolaridade dos pais.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos se conversam com os filhos sobre a importância dos estudos, 100% responderam que sempre estão mostrando a dificuldade de quem não tem estudo, que nos dias atuais é importante saber ler e escrever bem para conseguir um bom trabalho.

Gráfico 27 - Falam da importância dos estudos aos filhos.

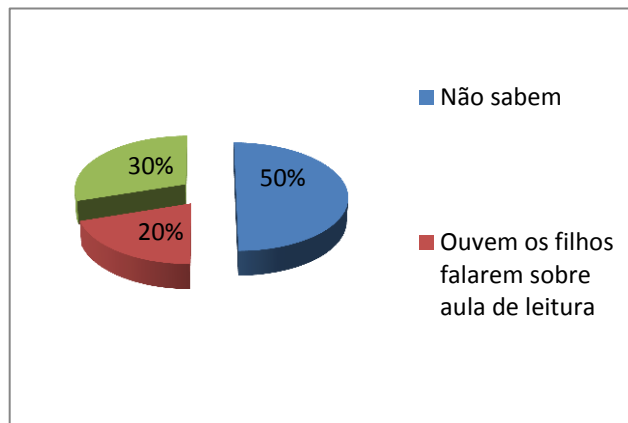


Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Quando perguntamos a opinião sobre o trabalho pedagógico da direção, junto aos professores, para melhorar a aprendizagem dos alunos, se tinham algum conhecimento, a resposta foi: 50% responderam que não sabem; 20% disseram que ouvem os filhos falando de uma aula de

leitura; 30% disseram que a direção fez uma reunião e falou que ia realizar umas aulas diferentes de ler e escrever, para melhorar a leitura dos alunos.

Gráfico 28 - Opinião dos pais sobre o trabalho pedagógico.

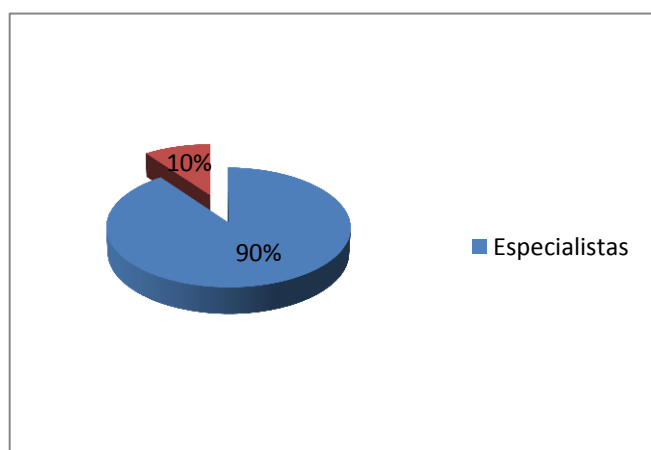


Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

3.3.3 Professores

O quadro docente da Escola Jeanne Machado é formado por pedagogos que atuam no ensino fundamental II, sendo 90% deles especialistas em outras áreas como supervisão, linguagem, psicopedagogia, e ensino infantil. Apenas 10% não têm ou não concluíram a especialização, mas pretendem fazer.

Gráfico 29 - Quadro de docentes - Pedagogos que atuam no ensino fundamental II.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Uma das queixas mais constantes dos professores dessa instituição escolar é a falta de motivação dos alunos para aprender, em especial do 6º ano B, sem contar com a falta de atenção,

que no momento da explicação não estão atentos e são apressados dizem que entenderam tudo, em seguida, não sabem nada do que foi estudado.

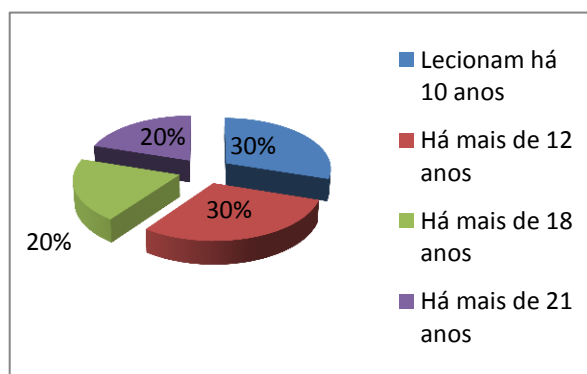
Segundo Vygostsky, (1977, p.31) as teorias mais importantes referentes à relação entre desenvolvimento e aprendizagem na criança, podem agrupar se esquematicamente em três categorias fundamentais. A primeira pressupõe a independência entre os processos de desenvolvimento e de aprendizagem enfocada principalmente por Piaget. A segunda afirma que aprendizagem é desenvolvimento (William James). A terceira é uma teoria dualista. Segundo o autor. Pois pressupõe que o processo de desenvolvimento é independente do de aprendizagem e ao mesmo tempo afirma que, em determinadas formas de comportamento, os dois processos são coincidentes.

Para BOEKAERTS (1996) como sintetiza DEMBO (1988), a aquisição do conhecimento, para os psicólogos cognitivos adeptos da teoria do processamento da informação, implica em que os indivíduos sejam capazes de ir além do conhecimento factual em direção ao desenvolvimento de uma capacidade de pensar sobre os próprios pensamentos.

De acordo com BARUCHOVITCH (1993; 1998), conhecer mais profundamente o repertório de estratégias de aprendizagem, os hábitos de estudo de crianças brasileiras se constitui num passo fundamental para o enriquecimento da capacidade de aprender dos alunos, para a prevenção de dificuldades em idade precoces.

Começamos perguntando para os professores quantos anos de profissão, e a resposta foi: 30% lecionam há 10 anos; 30% lecionam há mais de 12 anos; 20% há mais de 18 anos; 20% há mais de 21 anos e 100% lecionam em mais de uma escola, bem como mais de uma disciplina, e acima de 8 turmas, de 6º a 9º ano.

Gráfico 30 - Tempo de profissão dos professores.



Fonte: Entrevista Semiestruturada 2010/2011.

Perguntamos sobre como se dá o aprendizado das duas turmas: 6º ano A e 6º ano B, em particular para o professor de Língua Portuguesa, e o mesmo respondeu: “O 6º ano A tem mais facilidade em aprender, apesar de ser uma turma numerosa e conversarem bastante e nem todos dominarem a leitura e a escrita; é mais fácil ensinar para essa turma. Enquanto que no 6º ano B os alunos são fora da faixa etária e não têm interesse pelas aulas e com isso o aprendizado é considerado o mínimo possível, deixando os próprios professores desmotivados a lecionar para esses alunos”.

Perguntamos quais as maiores dificuldades que eles encontram para trabalharem nessas turmas e responderam que as salas pequenas e superlotadas, a desmotivação dos alunos e a ausência dos pais na vida escolar dos mesmos.

Perguntamos também a quem eles atribuíam as maiores dificuldades dos alunos para aprender. A resposta foi: 100% dos professores responderam que é a dificuldade na leitura e na escrita, pois os mesmos não as dominam e torna-se difícil entender as outras matérias.

Perguntamos sobre os recursos usados para trabalhar leituras, uma vez que a leitura não é só responsabilidade do professor de língua portuguesa, mas também das outras disciplinas. A resposta foi: 100% responderam que usam os recursos que a escola oferece e sempre estão dialogando com os alunos sobre a importância de estudar, que procuram sempre estimular a leitura e a escrita durante as aulas, mas só a escola não é suficiente para o aluno aprender, é preciso que em casa eles pratiquem a leitura, porém, em casa eles nem olham para o caderno e para o livro, isso tanto o 6º ano A quanto o 6º ano B, que é ainda pior, pois são alunos com muitos anos de repetência escolar.

Perguntamos a opinião que tinham com relação às famílias dos alunos, no que diz respeito a educação dos mesmos, 100% dos professores responderam que os alunos do 6º ano A que são pequenos os pais ainda dominam, por isso eles assistem as aulas mesmo que não respondam uma tarefa de casa, enquanto que o 6º ano B estão todos os dias na escola mais não assistem as aulas fazem da escola um lugar de lazer e diversão que só entram na sala quando é dia de avaliação para nota apesar da avaliação ser continua eles não dão importância para o aprendizado.

Perguntamos se os pais costumam frequentar a escola e se participam das reuniões de pais e mestres. A resposta foi: 100% responderam que os alunos, apesar de não terem um bom desempenho nos estudos, apresentam um bom comportamento; os pais sempre participam das reuniões e perguntam como está a aprendizagem do filho; mas a família daqueles que mais

precisam do apoio dela, por terem comportamento que atrapalha o aprendizado, não comparecem a escola, isso tanto do 6º ano A quanto do 6º ano B, ambas as turmas enfrentam esse problema de acompanhamento dos pais.

Perguntamos para os professores se os mesmos se consideram tradicionais com relação ao método de ensino. Eles responderam que em alguns momentos é preciso ser tradicional, porém, na maioria das vezes, são bem maleáveis e oferecem muitas oportunidades para os alunos, só resta eles aproveitarem.

Perguntamos se a escola desenvolve algum projeto para desenvolver a leitura e a escrita, uma vez que ambas parecem ser o entrave da aprendizagem dos alunos. 100% dos professores responderam que existe um projeto de leitura na escola, projeto esse que abrange todas as disciplinas, É trabalhado uma vez por semana e cada professor é responsável por uma turma para trabalhar os gêneros textuais e reproduzir, criando outro texto de livre escolha do aluno. Esse projeto incentiva a leitura, uma vez que todo o dia é dedicado para essa aula.

Pedimos que os mesmos conceituassem seus alunos com relação à aprendizagem, e a resposta foi que 50% definiram da seguinte forma: 02 grupos, sendo grupo I disciplinado e com desenvolvimento satisfatório; grupo II, desmotivado, indisciplinado, com aprendizado lento; 30% responderam que tanto o comportamento quanto o aprendizado deixam muito a desejar; 10% responderam que os mesmos precisam se interessar mais e comportar-se melhor para aprender mais; 10% responderam que comparando às demais escolas públicas, o comportamento é razoável, porém quanto ao aprendizado, os mesmos precisam superar as tantas dificuldades existentes.

Para GUZZO (1987), a capacidade geral do aluno para aprender e a maneira como ele aprende são elementos básicos no processo de ensino-aprendizagem, que busca a eficiência da programação a ser apresentada em sala de aula. É preciso que o professor saiba identificar as necessidades especiais de seus alunos, considerando o cotidiano do seu meio social. As estratégias de ensino e os recursos pedagógico são instrumentos fundamentais do professor junto à eficiência de sua atuação.

Segundo CANDAU (1994) e MARINI (1994), o processo de ensino-aprendizagem para se tornar adequado precisa ser analisado e estar envolvido largamente com as dimensões humanas, técnicas e políticas de nossa sociedade. O ensino vigente exige atenção e finalidades claras e definidas, fundamentadas na leitura da realidade social e cultural, nas contradições das classes sociais.

MOREIRA, (1997) constata que a motivação é um fenômeno complexo e se constitui um elemento essencial à própria razão de ser professor. No entanto os mesmos atribuem a desmotivação ao grande número de alunos que chegam ao 6º ano, sem dominar a leitura e escrita além das salas superlotadas que não oferecem condições de atender os alunos um a um, Gerando a desmotivação de ambas as partes.

WEINER (1979) afirma que as causas às quais os alunos atribuem seus êxitos ou fracassos podem ser classificados segundo diferentes critérios: causas internas ou externas, segundo as causas se encontrem no interior do sujeito ou fora dele, estáveis ou instáveis, segundo respondam a algo permanente ou mutável e por ultimo, controláveis ou incontroláveis, segundo seja possível ou não intervir nelas (FITA,1999, p.81).

3.3.4 Direção da escola

A escola, que acreditamos ser um lugar de aprendizagem, tem assumido muitas responsabilidades que não cabem a ela sozinha resolver, e por ter tantos problemas é que tem deixado de lado o seu verdadeiro papel: de repassar o conhecimento que o aluno precisa para sua formação. E, dessa forma, a mesma termina por ser taxada como um lugar de mais fracassos e poucas conquistas.

Para MAZOMO (1997), acredita-se que o estreito vínculo entre os objetivos escolares e a produtividade empresarial faz com que a escola se assemelhe à empresa: os fatores do processo educativo são vistos como insumos e a eficiência e as taxas de retorno, como critérios fundamentais de decisão. O processo educativo e a tarefa do professor submetem-se cada vez mais à lógica de produção material e de competição do mercado.

TEDESCO (1998) afirma que o bom desempenho do aluno não depende do caráter das instituições, mas da dinâmica desta. Ou seja, da maior ou menor identidade institucional associada ao grau de autonomia dos estabelecimentos para definir os estilos de ação pedagógica.

A busca da autonomia escolar é fundamentada em duas perspectivas distintas que expressam problemas diferentes que se pretende solucionar. A primeira recupera a racionalidade proveniente do liberalismo clássico e associa autonomia com liberdade. Ou seja,

a gestão autônoma é aquela que está isenta da intervenção e do controle do poder político, sendo dirigida pela consciência individual ou da instituição.

A segunda é uma perspectiva ecológica, cuja ideia de autonomia se constrói como sinônimo de auto-organização, indissociável da ideia de dependência ecológica do meio ambiente. Nesse caso, convoca-se a participação coletiva dos diferentes atores educativos nos processos de planejamento e na avaliação do funcionamento da escola, (TIRAMONTI, 1997, FURLAN, ET AL. 1992).

A escola e a família compartilham funções sociais políticas e educacionais, na medida em que contribuem e influenciam a formação do cidadão. Ambas são responsáveis pela transmissão e construção do conhecimento culturalmente organizado, modificando as formas de funcionamento psicológico, de acordo com as expectativas de cada ambiente. Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social, (REGO, 2003).

Sendo a escola é um lugar que tem tamanha responsabilidade de formação do sujeito em todos os aspectos, cabe a mesma trilhar pelo caminho que se afaste do controle político para sua própria autonomia. É nesse contexto que entra o papel da direção, que cuida não só da parte administrativa, mas também zela pelas políticas públicas de desenvolvimento educacional que elevem o rendimento dos educandos dentro da instituição escolar, bem como fazer uso e cumprir as metas traçadas no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola, comungando as decisões com toda a comunidade escolar, para que as tomadas de iniciativas sejam conjuntas e de comum acordo para o bom desenvolvimento e andamento da instituição e de todos que fazem parte da mesma.

Nessa perspectiva, conversamos com o corpo administrativo diretora, vice diretora e supervisores da escola Jeanne Machado, que tem sua direção eleita através do processo democrático, sendo feito algumas perguntas, como exemplo: Começamos perguntando há quanto tempo a escola faz parte daquela comunidade. Obtivemos a seguinte resposta: Há 15 anos, baseado na data da regulamentação. Porém, antes desta data funcionava como escola isolada da fazenda. E nem sempre funcionou do ensino fundamental ao 9º ano.

Perguntamos sobre as metas da escola para melhorar o aprendizado dos alunos e a resposta foi: Avançar no combate ao analfabetismo através de projetos que envolvam a temática (PPP); formar cidadãos capazes de compreender a cidadania como participação social, exercendo seus direitos e deveres (PPP).

Perguntamos se existe coordenação pedagógica para dar suporte aos professores. Afirmaram que sim, que cuida do acompanhamento dos projetos e dá subsídio aos professores, uma vez que a escola trabalha com projeto de leitura, escrita e reescrita.

Questionamos se existem outros projetos que incentivem a leitura dentro da escola e a resposta foi sim, que dentre outros projetos que foram executados, o que está sempre em execução são os que tratam de leitura. “Atualmente estamos com o projeto de leitura literária”.

Procuramos saber como a direção conceitua o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. E a resposta foi a seguinte: Em relação à situação de alfabetização e leitura, percebe-se que precisamos avançar, porém devemos concordar que na última década melhoras aconteceram.

Perguntamos o que está faltando, na opinião da direção, para avançar mais em relação ao aprendizado dos alunos. A mesma respondeu: “Nunca fiz um estudo preciso, por que entendo que os fatores são diversos, temos uma clientela heterogênea, quadro de pessoal também heterogêneo; famílias heterogêneas”.

Quando perguntamos sobre os recursos financeiros que a escola recebe para auxiliar na manutenção, a resposta foi a seguinte: “A escola recebe PDDE para manutenção de material de expediente e permanente para o ano, enquanto que a prefeitura arca com a limpeza do prédio, merenda escolar, e reforma, quando necessário”.

Perguntamos se a escola realiza sempre reunião de pais e mestres ou para outros assuntos. E a resposta foi: “Sim, sempre que precisamos decidir algo que está relacionado com o bem estar do aluno, seja com relação ao aprendizado durante o bimestre ou com relação a projetos que venham favorecer o seu desenvolvimento escolar, é sempre importante que os pais estejam presentes para tomar conhecimento das decisões da escola para com os seus filhos”.

Perguntamos para os supervisores qual o ponto que mais os preocupam com relação ao aprendizado do aluno e os mesmos responderam: “Mais compromissos da parte dos alunos (6º ano B) e dos pais, que deixam os alunos à vontade para fazerem o que querem, menos estudarem, além de outros fatores sociais que implicam na aprendizagem dos mesmos. Com relação ao 6º ano A só a falta de atenção e conversa.

Perguntamos para os supervisores quais as queixas dos professores com relação aos alunos. Responderam que é a falta de atenção dos alunos em se concentrar nas aulas e, em alguns casos, o comportamento agressivo dos mesmos, que não respeitam o horário e estão

sempre gazeando as aulas. Isso são queixas do 6º ano B, que é considerada a turma problema da escola.

Perguntamos como os alunos se comportam nas aulas do projeto de leitura que a escola executa uma vez por semana, durante o ano, e qual a avaliação que a supervisão faz sobre esse projeto. A resposta foi positiva: Eles se comportam bem e aceitam com naturalidade, inclusive já faz parte da rotina dos mesmos, que até perguntam pelo próximo tema. Já o 6º ano B apresenta dificuldades e resistências para praticar as atividades, e muitos alunos até se recusam a ler e fazer qualquer tarefa.

Um atento e abrangente olhar superviso, que contemple e atente ao perto e ao longe, ao dito e ao não dito, ao passado e às hipóteses de futuro, aos fatos e às suas interpretações possíveis, aos sentidos sociais e culturais, à manifestação do desejo e à possibilidade/impossibilidade da sua concretização, ao ser e à circunstância, a pessoa e ao seu devir. (Sá Chaves, 2000, p.127).

Waite (1995, p. 87) e Glickman et al.(2004, p.8), usam as grafias supervisão para sublinhar a necessidade de construir uma visão comum do que à educação deve ser, defendendo uma prática supervisiva colegial e dialógica, orientada para a construção de uma sociedade numa concepção do ensino como ato moral e político.

Segundo Dourado et al. (2007, p. 9), a qualidade da educação é um fenômeno complexo, abrangente, e que envolve múltiplas dimensões, não podendo ser apreendida apenas por um reconhecimento de variedade e das quantidades mínimas de insumos, considerados indispensáveis ao desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem e muito menos sem tais insumos. Desse modo, a qualidade da educação é definida envolvendo a relação entre os recursos materiais e humanos, bem como a partir da relação que ocorre na escola e na sala de aula.

SANTOS e HAERTER (2004, p. 3) afirmam que a necessidade de emprendermos tentativas de rompimento com verdadeiros receituários que todos nós professores tenhamos no sentido de educar. De maneira que é assim que se transmite o conhecimento levando-se em consideração que é preciso cumprir o programa de conteúdos, que não nos causa estranhamento, uma vez que somos frutos de uma maneira bastante específica de ser, pensar, sentir e agir no mundo, identificada com a concepção cartesiana de conhecimento, que orientou e ainda orienta os conceitos e práticas relacionados à gestão e ao ensino na educação.

CAPÍTULO 4 - METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

4.1. OPÇÕES METODOLÓGICAS GERAIS

Optamos, por uma abordagem qualitativa, normalmente os métodos qualitativos são usados quando o entendimento do contexto social é um elemento importante para a pesquisa numa vertente de observação, registro e análise, interação entre pessoas e ambientes. Para (GODOY,1995, p.21) hoje em dia a pesquisa qualitativa ocupa um conhecido lugar entre as várias possibilidades de estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.

Privilegiamos esta opção por constituir uma abordagem de qualidade e orientação etnográfica, uma vez que pretendemos analisar a realidade concreta dos alunos de maneira que possamos compreendê-la e interpretá-la em suas particularidades.

LAKATOS e MARCONI (2001, p.155) afirmam:

A pesquisa é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento. A pesquisa é, portanto, um procedimento formal, com método de pensamento reflexivo, que requer um tratamento científico e se constitui no caminho para conhecer a realidade ou para descobrir verdades parciais.

Não pretendemos com esta investigação a generalização dos resultados alcançados, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, porém antes enfatizar a ação humana, a interação no meio social, cultural e o desenvolvimento do processo de ensino e a aprendizagem, bem como a comunicação e entendimento entre o pesquisador e os demais atores envolvidos na pesquisa. Isto significa o objetivo do observador foi tão somente descrever a situação de forma clara e precisa para compreendê-la. Tornando relevantes os múltiplos sentidos, ficando para o leitor a decisão de julgar e interpretar, podendo ou não generalizar de acordo com seu próprio entendimento e compreensão.

NEVES (1996 p.1) conceitua pesquisa qualitativa como:

Um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Tendo por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social.

Segundo Bogdan (1994, p. 16) uma investigação caracteriza-se como qualitativa quando se verificam os seguintes requisitos:

[...] se os dados recolhidos são qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais conversas e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar são formuladas com objetivos de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural.

Priorizar a compreensão e o desenvolvimento com relação a não aprendizagem, partindo da perspectiva dos sujeitos pesquisados. Que neste caso são os alunos do 6º ano A e 6º ano B com dificuldades no processo de alfabetização (D PA) procedendo-se à recolha dos dados em função de uma aproximação estreita e direta com os indivíduos, dentro do seu contexto social e cultural. Assim utilizamos visita a domicílios, a escola conversando com os pais para obter um melhor entendimento da situação utilizando questionários para aqueles que são alfabetizados, e o diálogo para outros.

Atentamos naturalmente para os processos que levam á aprendizagem ou a não aprendizagem, mais do que para os resultados que iríamos obter, levando sempre em consideração o cotidiano dos mesmos e o tempo disponível para nossas visitas, procurando estabelecer uma atmosfera estável com os diversos segmentos que fizeram parte da pesquisa, com a finalidade de que fosse promissora e geradora de um elo comprometedor entre todos os participantes.

Durante os encontros informais gerou-se logo uma aproximação com a família, que permitiu não só compreender o que era possível observar, como facilitou o diálogo proveitoso que fortaleceu a autoconfiança dos sujeitos pesquisados. Este clima de participação, concluiu-se no momento apropriado da realização das entrevistas, o qual transcorreu em perfeita harmonia e resultou em reflexões e interesses partilhados no que se pretendia observar.

Paralelamente, foi-se adequando a formulação de enunciados teóricos e a elucidação das questões práticas, por meios da diversidade de fontes de dados que iam se somando sistematicamente durante o processo de pesquisa juntamente com as teorias emergentes.

Resolvendo-se desde então visitas que permitiram trilhar por um terreno que atingisse o foco principal da observação, pelo efeito da realidade através do ponto fundamental da questão, foi começando a surgir visões críticas a respeito direto da observação em termos do diálogo informal com a família e professores, permitindo que novos frutos fossem contribuindo para o conhecimento renovado de novas análises, partindo para o entendimento do processo subjetivo e das relações entre os participantes e o meio cultural e social a que são pertencentes.

Tendo em vista que a metodologia é a lógica dos procedimentos científicos, deve-se tornar explícito não só os produtos da investigação científica, mas acima de tudo o próprio

processo de construção. No decorrer desta investigação tornou-se necessário optar por procedimentos que interligam e penetram de forma precisa na raiz do problema, percorrendo um caminho epistemológico tanto nas parcelas dos resultados obtidos, na medida em que se iam interpondo numa organização complexa nos procedimentos utilizados gradativamente para sua necessidade.

Nesse sentido é que toda investigação temática de caráter conscientizador se faz pedagógica e toda autêntica educação se faz investigação do pensar. “Quanto mais investigo o pensar do povo com ele, tanto mais nos educamos juntos. Quanto mais nos educamos, tanto mais continuamos investigando”. (FREIRE, 1982, p.120)

4.2 PROCEDIMENTO DE TÉCNICA DE COLETA DE DADOS

Atendendo a que convém ressaltar, procura-se nesta investigação sentidos explicativos para dada realidade, assim utilizamos diversas formas de coleta de dados frente aos sujeitos que agem influenciados pela visão de outros, e marcados por constrangimentos sociais e culturais de uma época de tecnologias avançadas em um mundo globalizado que caminha e transforma-se constantemente e os mesmos sofrem por não acompanhar nem mesmo o básico de leitura e escrita para conseguir caminhar lado a lado com os sistemas sociais a que fazem parte e terminam amargando o fracasso por não estar participando como deveriam estar.

Optamos pela entrevista semi-diretiva como meio de coleta de dados, somando-se a isso a observação direta, registros e pesquisa documental. Assim sendo, nos baseamos em autores como: LAKATOS e MARCONI (2005. p. 191); GIL(1995); LAVILLE, DIONNE (2008, p.187); GDDENS(2005, p. 510), assim, podemos conhecer a diversidade e formas de entrevistas que aqui resumidas.

Como refere SANTO (1997, p. 48), cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntado. Nesse caso a coerência de várias técnicas facilitou-nos captar e enriquecer diversas faces da realidade empírica. Da observação direta dos sujeitos nos diversos contextos, resultando das visitas aos locais, resultou na elaboração de breves registros, resumos de ideias frutos dos diálogos que se iam desencadeando ao longo das conversas. Estas se cobriram de fundamental importância, não só para efetivar e estreitar a

área de estudo, como para desenvolver novas fontes de observação, definir dimensões profundas nas entrevistas.

Os registos de campo constituíram de modo específico também um recurso, permitindo uma síntese dos itens chaves da orientação das questões pertinentes à investigação, colaborando mais adiante na construção dos instrumentos. Aproximação que se formou através da interação com os sujeitos, ou seja, famílias, professores, alunos e direção. Abriu-se espaço para uma cuidadosa planificação do processo empírico.

O respeito pelos compromissos estabelecidos inicialmente promoveu um elo de segurança e cumplicidade para todas as partes que colaboraram para uma melhor compreensão dos fatos a serem alvos da observação e análise numa atitude pedagógica e enriquecedora para todas as partes envolvidas em questão. Parafraseando FREIRE (1987, p.100) “a investigação (far-se-á) tão mais pedagógica quanto mais crítica e tão mais crítica quando, deixando de perder-se nos esquemas estreitos, das visões parciais da realidade, das visões “focalistas” da realidade, se fixe na compreensão da totalidade.” Portanto, dizíamos que a proximidade que se construiu foi geradora de uma inserção cada vez mais crítica da realidade em análise.

A medida que se iam estreitando o contato com os sujeitos da amostra, empregávamos uma postura de investigador “simpático”, parafraseando FREIRE, (1987, p. 104), adotamos uma atitude de compreensão face ao que absolve, foi-se abrindo a comunicacional, tornando mais frequentes as estadias, embora de pouca duração, quer na instituição escolar com os alunos, quer nas casas com as famílias.

Para evitar os constrangimentos decorrentes naturalmente do certo envolvimento e aproximação com os sujeitos alvos, procuramos manter certo distanciamento, exigido em todo trabalho científico. Conscientemente de que não existem olhares inocentes, e que o investigador absolve dos objetos que é permitido pelo seu referencial enxergar, trilhando por filtrar de forma renovada as nossas experiências pessoais, visões e opiniões, intercalando leituras científicas em contato com o campo em questão.

Do diálogo contínuo entre a teoria e o percurso continuado de recolha de dados, foram dando espaço as dimensões que interessavam analisar, materializando-se este processo na construção valiosa e indispensável instrumento de pesquisa os guias de entrevistas, revelando-se fundamental permitindo um maior aprofundamento das questões levantadas no decorrer da pesquisa e possibilitou novas perspectivas do conhecimento que surgiram durante os diálogos entre a teoria e que influência recíproca da recolha de dados como clarifica

FREIRE (1998, p. 104) ainda que os investigadores no início da investigação sejam impedidos por “um marco conceitual valorativo que estará presente na sua percepção do observado” não significa que este deva modificar a investigação para se impor. Pelo contrário, deve existir uma interdependência entre o referencial teórico e os dados empíricos, interligando e auxiliando na construção de um novo conhecimento.

4.3 RECOLHA DE DADOS

Frente às opções referentes, orientamos a pesquisa de comum acordo com determinados procedimentos. Foram selecionados os inquiridos em função da natureza do problema a estudar, neste caso duas turmas de 6º ano A e B, com defasagem na aprendizagem de leitura e escrita e (alfabetização), apenas alunos que apresentavam essa problemática.

Procedeu-se, num primeiro momento, o contato informal com os sujeitos e contexto que viriam a construir a amostra. Intercalou-se esta fase com análise documental, o ambiente de investigação exploratória, com o objetivo de adquirir dados a respeito do problema a estudar, de modo a estabelecer uma melhor compreensão das diferentes dimensões, o que tornaria decisivo para elaboração dos guias de entrevista.

É importante referir, nesta fase, que já tínhamos um conhecimento prévio tanto da instituição escolar quanto dos professores fruto da nossa profissão e ampla experiência com esse tipo de problema com a maioria dos alunos e em especial desta instituição. Sendo assim, possibilitou a concretização da investigação pretendida na escola. Esta situação abriu portas para uma ligeira aceitação da nossa presença e consequente entrevista colaboradora e franca com todos da mesma. Por outro lado, favoreceu o percurso de delimitação da amostra no que se refere à seleção dos alunos que seriam núcleo para o estudo, da mesma forma, facilitou uma consulta expressiva documental.

Atendendo a que os entrevistados se distribuíram, conforme já citamos anteriormente, nas categorias alunos do 6º ano A e B, professores, famílias e direção e supervisão construímos diferentes instrumentos, em consonância com os sujeitos em estudo definiu-se para cada uma das categorias um guia de entrevista, sendo quatro guias.

Os guias de entrevista foram elaborados de acordo com as categorias que iluminaram o percurso da investigação exploratória, pelo referencial teórico e pelos dados que se ia

recolhendo, estabeleceu-se uma continuidade das questões a partir das categorias, de modo a permitir uma sequência lógica das respostas, permitindo, assim, voltar atrás quando necessário, ou seja, quando surgiam dúvidas para esclarecer situações, permitindo aos inquiridos formular as respostas livres.

Podemos dizer que os diferentes guias sugeriram de um matiz comum nomeado quanto às dimensões referentes à formação profissional, defasagem na aprendizagem, inclusão e exclusão na sociedade e mudança de vida. Com esse propósito abrimos em cada guia, de acordo com os sujeitos, a entrevista, trilhos/caminhos condutores a determinadas dimensões mais aprofundadas.

Quadro 2 - Dimensão dos guias de entrevista

DIMENSÕES	A	F	P	D	S
Percurso escolar	X	X			
Formação Profissional	X	X	X	X	X
Defasagem na Aprendizagem	X	X	X	X	X
Vida Familiar e Social dos Alunos	X	X			
Mudanças Sociais	X	X	X	X	X
Expectativa para a Vida Futura	X	X			
Situação da Escola Face ao Problema					X

Legenda: A= alunos F = família P= professores D= direção S= supervisão

Constatamos que de maneira geral os guias se mostram adequados aos objetivos da investigação. Foram apenas acrescentadas questões que inicialmente não estavam previstas, porém, de acordo com as respostas surgiu a necessidade para o estudo. Quer para os alunos quer para a família. Quanto aos outros inquiridos, não houve a necessidade de seguir religiosamente o guia diante das discussões e da temática fluíram naturalmente as respostas previstas nos itens. Como afirma Gil (1995), “a entrevista é, portanto, uma forma de interação social”.

Registra-se também que os pais foram entrevistados em suas casas, em virtude do tempo disponível pelos mesmos, acolhendo com afetividade e respeito o investigador, o que se compreendeu por ser um lugar íntimo e propício para desabafo. Os professores fizeram opções pelo local de trabalho, a escola, até pelo conhecimento melhor dos alunos presentes.

Durante a realização das entrevistas procurou-se respeitar a recolha primeira das representações dos alunos sujeitos que constituem núcleo central da pesquisa, ou seja, iniciamos as entrevistas pelos alunos das turmas 6º A e B, em estudo. Porém, a ordem não determinou nenhum critério específico, a não ser o respeito pelo ser humano, independente de cor, raça, situação social e desenvolvimento intelectual.

Vale salientar que no decorrer desse processo levamos em conta alguns cuidados e também dificuldades fizeram parte, bem como constrangimentos e alegrias, mas nada a prejudicar a investigação. OLIVEIRA (2002), a pesquisa tem por objetivo estabelecer uma compreensão para descobrir respostas para as indagações e questões que em todos os ramos do conhecimento humano.

Em síntese, efetuamos 62 entrevistas, com duração entre 30 e 55 minutos, que foram fotografadas e escritas com autorização dos entrevistados. Recorremos a entrevista semi-diretiva, “no sentido em que não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas”. (QUIVY e CAMPENHOUDT, 2008, p. 192).

Nesta linha preparamos um acervo de “perguntas” abertas na busca de informações concretas por parte dos entrevistados. Respeitando o discurso dos mesmos, foram encaminhadas as perguntas pertinentes ao assunto em questão.

Assumindo-se como informantes privilegiados do objeto de estudo, sentimos, em determinado momento, por parte daqueles entrevistados, um orgulho por estar sendo ouvido do jeito que ele é, com seu linguajar simples e próprio de sua comunidade e em sua residência, ou seja, assumiu a importância do seu papel de informante para contribuição discursiva futuramente do entrevistador.

Salienta-se neste contexto mais uma vez o risco de sermos um investigador também participante na situação em estudo, certo de que esta situação permite um aprofundado questionamento dessa realidade para evitar possíveis efeitos de contaminação dos nossos saberes prévios. Cuidamos logo de separar os conhecimentos prévios dos discursos produzidos em entrevistas, pelos sujeitos sociais.

4.4 DISCUSSÃO

O contato direto com as famílias e as entrevistas revelaram-se um instrumento precioso na compreensão dos dados obtidos, facilitando assim a análise do seu conteúdo. Através dos discursos dos sujeitos, a partir das perguntas que lhes foram dirigidas, assim mais do que explicações procuramos descobrir o sentido, e neste processo de descobertas, desconcertamos mais ou menos opiniões correntes, procurando entender o pensamento de cada sujeito como resultado de uma construção social.

Interessava-nos, em particular, procurar compreender a forma como os diversos sujeitos se relacionam com a escola, professores e a família a importância da mesma para sua vida. A princípio a leitura de dados permitiu de imediato constatar que os alunos em especial do 6º Ano B não valorizam a escola. Enquanto que o 6º Ano A por estarem na faixa etária adequada entre 10 e 12 anos, apresentam uma expectativa melhor com relação a escola. De modo significativo a totalidade dos alunos pesquisados revelam ter mais dificuldades na leitura e escrita atribuindo essa defasagem ao pouco tempo disponível para os estudos e não associam diretamente a falta de incentivo da família.

Os altos índices de fracasso escolar evidenciados pelo sistema de avaliação da educação básica (SAEB) (INEP, 2007) e prova Brasil os quais apontam que muitas crianças chegam a 4ª série 5º Ano do ensino fundamental sem apresentar habilidades mínimas de leitura e escrita evidenciam que a alfabetização apesar de essencial à continuidade/permanência na escola e exercício da cidadania numa sociedade letrada não tem atingido muitas crianças que concluem o ensino fundamental menor agravando, assim a situação do analfabetismo no Brasil, que em 2007 atingiu 10,8% da população brasileira com mais de 15 anos. (SOARES,2007)

Deste modo, julgamos útil analisar o discurso dos alunos sobre si próprio constatamos que os alunos do 6º Ano A apesar da deficiência de leitura e escrita partilham do mesmo sentimento de aprender e futuramente exercer uma profissão como: policial, professor, advogado etc. Já os alunos do 6º Ano B onde a repetência é de 3 a 4 anos na mesma série ano e a evasão está presente em todos os alunos o discurso e o mesmo em torno do trabalho que os mesmos precisam fazer para ajudar as famílias e dessa forma falta tempo até para sonhar com um futuro melhor ligado a escola e seu aprendizado.

González & VALLE,(1998), afirmam que experiências negativas, quando se repetem frequentemente por longo período, diminuem o autoconceito escolar das crianças, suas expectativas de auto-eficácia, sua motivação e seu esforço, gerando esses sentimentos nas áreas sociais provocando, um comportamento desadaptativo e inadequado.

Entretanto a baixa escolaridade e profissão dos pais contribuem para a ausência de incentivo dos filhos na medida em que as famílias têm menos condições para orientar e ajudar nas tarefas escolares vai cada vez mais aumentando a desmotivação no aprendizado dos mesmos. Porém há um desejo muito forte e uma expectativa sobre o futuro dos filhos que para os pais é importante que se tornem pessoas de bens honestas trabalhadora e com bom relacionamento no meio em que vivem.

Enquanto isso os professores reclamam do baixo nível de aprendizado dos alunos e a desmotivação para aprender, bem como as salas superlotadas que não oferece condições de atender todos os alunos uma vez que precisam alfabetizar no 6º ano, e repassar o conteúdo da grade curricular de ensino que compete a sua disciplina. Assim sendo o problema vai sendo jogado para os professores das série/ ano iniciais e cada vez toma uma proporção elevada em que cada seguimento colocar a responsabilidade para o outro e não conseguem resolver o problema que termina por afetar a todos na sociedade uma vez que a escolar não está conseguindo atingir seus objetivos formar cidadãos capazes de se orientar e construir uma sociedade mais digna e justa para que todos possam conviver melhor exercendo seus direitos e deveres.

Para FONSECA, (1995), as dificuldades de aprendizagem aumentam na presença de escolas superlotadas e mal equipadas, além de contarem com muitos professores “desmotivados” a escola não pode continuar a ser uma fábrica de insucesso. A situação econômica constituem-se cada vez mais parceira da desmotivação dos alunos e seus familiares, cabe ao estado criar políticas sociais que atendam as classes trabalhadora de forma que não prejudique a permanência do aluno na escola adaptando a escola melhor para atender as necessidades dos alunos garantindo a participação e aquisição de conhecimentos ou seja, lugar onde os mesmos esteja presentes participando aprendendo e desenvolvendo as suas potencialidades.

FERREIRO e TEBERROSKY a testam que as crianças não entram vazias para a escola, sem saberem de nada sobre a língua e a linguagem para elas, toda criança passa por quatro fases antes de ser alfabetizadas. 1 pré-silábica; 2 Silábica; 3 Silábico-alfabética; 4 Alfabética: apesar da criança construir seu próprio conhecimento, no que se refere a alfabetização, cabe ao professor, organizar atividades que favoreçam a reflexão sobre a escrita. “A criança precisa se sentir segura para expressar-se com mais facilidade, o que ajudará no seu processo de leitura e escrita.”

Com a análise, estabelecemos paralelismos entre os discursos dos sujeitos pertencentes a uma mesma realidade partindo daí destacamos relações de tipo associativo. Na medida em que procedemos ao cruzamento de dados obtidos através da observação e da análise de conteúdo quer das entrevistas, quer da observação direta no convívio com os sujeitos nos foi permitido fazer uma triangulação dos dados citados no presente trabalho.

Após a análise exaustiva do conteúdo, apresentado procedemos com a síntese dos resultados nas duas turmas do 6º ano A e 6º ano B, onde a turma A apresenta um pequeno avanço com relação ao aprendizado isso se constata pelo números de alunos matriculados no início do ano e quantos alunos conseguem chegar no término do ano, isso também se deve a idade que chegam ao 6º ano entre 10 e 12 anos. Enquanto que no 6º ano B existe a desmotivação e a falta de compromisso em assistir aulas bem como participar das tarefas escolares que contribuem para o aprendizado, como por exemplo trabalhos e até as avaliações são muitas vezes deixadas de fora pelos alunos que não demonstram nenhum interesse em fazer isso também se atribui a faixa etária, que variam entre 14 a 19 anos e muito anos de repetência sem conseguir avanço no aprendizado. O trabalho que precisam fazer para ajudar na renda familiar que terminam por desviar os objetivos que os mesmo teriam que buscar na escola transformando-a em lugar de lazer e nada mais. FREIRE,(2006 p. 12) afirma que:

A verdadeira questão relativa aos funcionalmente alfabetizados é se eles podem decodificar as mensagens da cultura de massa contrariamente às interpretações oficiais da realidade social, econômicas e política; se sentem capazes de avaliar criticamente os acontecimentos, ou até mesmo, de interferir neles, se compreendemos alfabetização como a capacidade dos indivíduos e grupos de se situarem na história, de se verem como autores sociais capazes de discutir seus futuros coletivos, então o obstáculo central à alfabetização e o pessimismo arrasadores que vierem a difundir-se pela vida pública.

A síntese dos dados com as famílias demonstra que os mesmos se apropriam do discurso que estão sempre trabalhando para sobreviver, enquanto outros se valem do discurso que não sabem, ou seja, não são alfabetizados para não prestar atenção na aprendizagem e desenvolvimento dos filhos na escola, assim deixando para a mesma toda a responsabilidade com a educação dos filhos e esta sozinha não pode cumprir seu papel e também da família. Para TEODORO, (2006, p. 30)

Uma escola capaz de pensar criticamente o presente e de imaginar criativamente o futuro, contribuindo para a sua realização através do engajamento político em causas públicas e de ação educativa comprometida com o bem comum e o destino coletivo da humanidade, só pode ser uma escola deliberativa e autônoma, de sujeitos produtores de regras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto nos capítulos anteriores e retomando a problemática desta dissertação, a deficiência no aprendizado de leitura e escrita dos alunos do 6º ano, da Escola Municipal Jeanne Machado, é pertinente afirmar, como é direito do indivíduo e dever do Estado assegurar a educação de qualidade para todos, bem como cabe ao Estado implantar políticas públicas que deem suporte para que os alunos possam usufruir da educação com total liberdade, sem compromisso de escolher entre a escola e a seu sustento junto à família, que por ser de baixa renda sente enormes dificuldades em manter-se.

Diante das dificuldades das políticas implantadas pelos governos, os pais sentem-se na obrigação de manter os filhos matriculados, porém, isso não torna-se suficiente para uma educação de qualidade e sim de quantidade, pois falta uma assistência maior e políticas públicas voltadas para atingir o objetivo no sentido de amparar as famílias dos agricultores que encontram-se na zona rural e pouco tem para sobreviver, onde muitas vezes até a água torna-se difícil. O Estado, no tocante às melhorias das populações carentes, tem se mostrado insuficiente na maneira de implementar soluções que atinjam a raiz do problema, e da mesma forma atendam aos apelos e anseios dessa parcela da sociedade, que luta pela sobrevivência.

Nesse contexto, não se pode negar que a contribuição do governo para ajudar as famílias carentes a manter os filhos matriculados incentiva os alunos na escola, porém, observando o outro lado, não há garantias de educação de qualidade, na qual o sujeito sinta o desejo de aprender para torna-se conhecedor de seus direitos e deveres enquanto cidadão, uma vez que a pobreza e a falta de trabalho acabam com as expectativas de vida melhor. Nesta perspectiva epistemológica em que se encontram a escola e a comunidade, formadas pela tensão e necessidade sócio econômica, da população desassistida de um olhar voltado para a resolução do problema que se encontra dentro da escola, as dificuldades dos professores com relação ao aprendizado dos alunos apresentado, respectivamente e aqui confirmado. A DEFICIÊNCIA DE LEITURA E ESCRITA que gera uma questão maior implicando assim no exercício da cidadania do indivíduo dentro da sociedade.

A leitura e escrita são ferramentas que superam a distância entre as pessoas, bem como colocam o cidadão com direito de igualdade entre a elite do conhecimento e elite do poder aquisitivo, trazendo a possibilidade de mudança para aquelas populações mais carentes e muitas vezes oprimidas de seus direitos frente às problemáticas sociais.

O acesso à educação como direito de todos para a construção da cidadania não deixa de estar diretamente ligado ao modelo de políticas educativas que o Estado deve oferecer para a população, em especial àquelas que dependem exclusivamente destas políticas. No entanto, tem sido o oposto, pois garantir aos alunos somente que estejam nas salas de aulas, não basta. É necessário pensar na resolução da questão principal: o aprendizado significativo e prazeroso para ambas as partes envolvidas do sistema de ensino.

Nesse caso, a escola tem como função maior desenvolver e zelar pelo bem estar do aluno e sua aprendizagem, porém, torna-se um depósito de alunos onde tudo é importante, menos ela própria. Essa desvalorização que a escola vem sofrendo nas últimas décadas faz com que cada vez mais prime pelo seu fracasso em não conseguir repassar o fundamental para seus educandos: a leitura e a escrita para a partir dessa leitura de textos abrir espaço para a leitura de mundo, onde os desejos venham fluir junto à necessidade de melhoria e de mudanças progressivas na qual todos os membros participantes da escola sejam sujeitos ativos com os mesmos anseios de construir um mundo menos desigual para todos os cidadãos.

BIBLIOGRAFIA

- AFONSO, C. M. P.; SANTOS, M. M. *Transição para a vida ativa de Jovens com deficiência mental*, 2008. In: Helena Serra Fernandes. *Educativas especiais- domínio cognitivo* Porto: Gailivro 71-102.
- AGUIAR, W. M. J. *A pesquisa em psicologia sócio Histórica: Contribuições para o debate Metodológico*. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, o (orgs). *Psicologia sócio histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 4ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- AUSUBEL, D. P. *Aquisição e retenção de conhecimento: uma perspectiva cognitiva*. Lisboa: Plátano, 2003. Conhecimento prévio e aprendizagem significativa de conceitos históricos no ensino médio. Marília: UNESP, 2008, tese (doutorado em educação) Universidade estadual “Julio de Mesquita Filho”, Marília, 2008.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo. Brasil, Loyola, 1999.
- BARROS, M. D. *Educação infantil: O que diz a legislação*. Disponível em [http://www, Ifmg.com.br](http://www.Ifmg.com.br). 12 de novembro de 2008.
- BARUCHOVITCH, E. *Psicologia: reflexão e crítica estratégia de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para prática educacional*. Universidade Estadual de Campinas. Universidade de São Francisco Psicol. Reflex. Crit. Vol. 12 n 2 Porto Alegre, 1999 [http://www. Scielo Brasil](http://www.ScieloBrasil)
- BOEKAERTS, M. (1996). *Psicologia: reflexão e crítica. Estratégia de aprendizagem e desempenho escolar: considerações para a prática educacional*. Evely Boruchovitch 12. Universidade Estadual de Campinas. Universidade São Francisco psicol. Reflex. Crit. Vol.12 n, 2. Porto Alegre, 1999.
- BOGDAN, (1994) In: RIBEIRO, S. C. M. *Inclusão social dos Jovens com deficiência mental: o papel da formação profissional*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Porto. www.scielobrasil.br
- BRASIL. Resolução CNE/CEB, nº1, de 5 de julho de 2000. Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Disponível no portal do MEC. Página visitada em 05 de maio de 2010.
- BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, MEC, 1997.
- BRASIL, Lei 9394 de 1996. Ministério da Educação e Cultura. Disponível no portal do MEC [http://pt.wikipedia.org/wiki/educação de jovens e adultos](http://pt.wikipedia.org/wiki/educa%C3%A7%C3%A3o_de_jovens_e_adultos).
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, nº9394, dezembro de 1996. Diário Oficial da República Federativa do Brasil. Brasília. Ano CXXXIV, nº248,1996.

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997. 146p.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização & Linguística*. 6º Edição Ed. Scipione São Paulo, 1993.
- CANÁRIO, R. *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed, 2001. (A escola como organização).
- CANÁRIO, R. *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CANDAU, (1994). OLIVEIRA, E. T. A.; WECHSTER, S. M. *Variáveis que afetam a Aprendizagem: Percepção de Alunos de Licenciatura e Professores. Psicologia Escolar e Educacional. Vol.6, no. 2*. Campinas, 2002. Pontifícia Universidade Católica.
- CHARLOT, B. *Da relação com o saber: elemento para uma teoria*. Trad: Magne, Bruno, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- CHAVES, S. N. *Por uma nova epistemologia da formação docente: o que diz a literatura e o que fazem os formadores*. In: schnetzler, R. P. e Aragão, Campinas/ Piracicaba: CAPES/ Unimep, 2000.
- CORTESÃO, L. *Ser Professor: um ofício em risco de extinção? Reflexões sobre práticas educativas face à diversidade, no limiar do século XXI*. Edições Afrontamento, Ltd./ Rua de Costa Cabral, 859, 4200-225 Porto. 2000.
- DEMBO, M. H. *Psicologia: reflexão e crítica estratégia de aprendizagem e desempenho escolar: Evely Boruchovitch*. Universidade Estadual de Campinas. Universidade São Francisco psicol. Reflex. Crit. Vol. 12 n. 2 Porto Alegre, 1988.
- DOURADO, O.; SANTOS. In: DOURADO, L. F. *Política e Gestão da educação básica no Brasil: Limites e Perspectivas*. Educ. Soc. Campinas, vol. 28, n.100 especial, p. 921-946, 2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- DURKHEIM, E. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramento, 1975.
- ELIAS, M. D. C. *De Emilio à Emilio: A Trajetória da alfabetização*. São Paulo: Scipione, 2000.
- ELBAUM, B.; VAUGHN S. (2001) *School-based interventions to enhance the self- concept of students with learning disabilities a metaanalysis the elementary school journal. Auto conceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento*. STEVANATO, I. S.; LOUREIRO, S. R.; LINHARES, M. B.; MARTURANA, E. M. *Psicologia em estudo*, Maringá, v.8. n 1 p. 67-76 Jan/ Jun.2003. <http://www.scielo.br>, acesso em 18/01/ 2012.
- FEREIRO, E. *Com Todas as Letras*. Trad: LOPES, M. Z. C. L. 14.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

- FEREIRO, E. *Passado e Presente dos Verbos ler e Escrever*. Trad: BERLINER, C. São Paulo, Cortez, 2002. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 95).
- FERREIRO, E. *Reflexões sobre alfabetização*. Trad: Horacio Gonzales Et al. V.4. 24. Ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.
- FERREIRO, E.; TEBERROSKY, A. *A psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FITA, E. C. 1999, p. 65-135. *Educar em Revista Educ*, Ver. no 27. Curitiba Jan/ Jun. 2006. Artigo Motivação e Desmotivação: Desafios para os Professores do Ensino Fundamental. Luciane Knüppe. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. PUCRS. <http://www.scielo.br>
- FONSECA, V. *Introdução às dificuldades de aprendizagem*. 2ª edição Porto Alegre, Artmed: 1995.
- FOUREZ, G. *Science. Teaching and The stl moviment: a socio-historical view*. In: Jenkins, Edgar (Ed.) innovations. *In science and Technology education*, VVI. Paris unesco publishing, 1997.
- CORDÃO, F. A. RESOLUÇÃO CNE/CEB n. 07 14/12/2010. Novas Diretrizes Curriculares para o ensino fundamental de 9 anos. Blog centrodestudados.com.br/2010/12/17/70. Acesso em 24 outubro 2011.
- FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2009.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessário à prática educativa/Paulo Freire*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).
- FREIRE, P.; MACEDO, D. *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Trad: Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17º edição. Rio de Janeiro: Editora paz e terra. 1987.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 49ª ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005 e 1999.
- FREIRE, P. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 5ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra 1998.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 22.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FREIRE, P. *A Importância do Ato de ler: em Três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez 2006.
- FREIRE, P. *Educação com Prática de Liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 2010.

- FREIRE, P. *Educação e Mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.
- FREIRE, P. *Educação como Prática Para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2007.
- FREIRE, P. *Ação Cultural para a Libertação e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- GADOTTI, M.; ROMÃO, J. *Autonomia da escola: Princípios e propostas*. In: MALHEIRO, J. *Projeto Político Pedagógico: Utopia ou Realidade?* Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ. Rio de Janeiro, v. 13, n. 46, p. 79-14, Jan./mar. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v.13n46/>, acesso em 14 de outubro de 2011.
- GEOVANESI, 1994. *Sociologia: pesquisa histórica da educação do tempo presente*. In: Revista Lusófona de Educação. Afonso Celso Scocuglia.
- GIL, A. C. *Metódo e Técnica de Pesquisa Social*, 1995. Educação a distancia. Fundação universitária do Tocantins- UNITINS. Fundamentos do trabalho acadêmico. 1º período de Letras Palmas/ To-2007. 1º versão: Lina Maria Gonçalves, Sônia Maria de Souza Ribeiro.
- GODOY, A. S. *Pesquisa qualitativa tipos fundamentos revista administração de empresas* n.3 p. 20-29 1995 scielobrasil.
- GOMES, C. A. *A educação em perspectiva sociológica*. 3. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: EPU, 1994.
- GONZÁLEZ CABANACH, R.; VALLE A. A. (1998) *Característica afectivo motivacionales de los Estudiantes com dificultades de aprendizagem autoconceito e dificuldades de aprendizagem na escrita*. In: CANEIRO, G. R. S. *Centro Universitário Salesiano de Americana, Selma de Cássia Martenelli*. Universidade Estadual de Campinas. Firmino Fernandes Sisto. Universidade São Francisco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003, 16 (3), PP.427-434 <http://www.Scielo Brasil>.
- GIDDENS, A. *Sociologia*. Trad: Sandra Regina Netz.- 4. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GUZZO, R. S. L. (1987) *Psicologia Escolar e Educacional*. Vol. 6, no. 2. Campinas, 2002. *Variáveis que afetam a aprendizagem: percepção de alunos de licenciatura e professores*. Elzira Teixeira Ariza Oliveira, Solange Muglia Wechster. Pontíficia Universidade Católica.
- JESUS, S. N. 2004. *Educar em Revista*. Educ. ver. No 27 Curitiba Jan/ Jun 2006. Artigo *Motivação e Desmotivação: Desafios Para Professores do ensino Fundamental*. Luciane Knüppe. Mestre em Educação pela Pontíficia Universidade Catolica do Rio Grande do Sul. PUCRS. <http://www.scielo Brasil>.
- KRUPPA, S. M. P. *Sociologia da Educação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. *Fundamentos de metodologia científica*, 2001, Tocantins. Fundação Universidade do Tocantins UNITINS/ Empresa de Educação Continuada LTDA EADECON, 2007.

- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber. Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Trad: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte:UFMG,1999. UNITINS Empresa de educação continuada. Ltda EDUCON, 2007. Apostila 6º período de letras.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Trad: Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- LIBÂNIO, J. C. *Tendências pedagógicas na prática escolar*. Revista da Associação Nacional de Educação- ANDE, n. 3, 1983.
- LIBÂNIO, J. C. *Democratização da escola pública*. São Paulo: Loyola, 1990.
- LIBÂNIO, J. C. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5ed. Goiânia: Alternativa, 2004.
- LOPES, E. M. T.; GALVÃO, A. M. O. *História da educação*. Rio de Janeiro: DP & A, 2005. 2, Ed.
- MALDONADO. M.T. 1984. In: NETO, J. J. M. *Comunicação entre pais e filhos: a linguagem do sentir? O contexto familiar na educação básica*. 13 de fevereiro de 2011 educação. <http://www.scielo.org.br>.
- MOREIRA, 1997. *Educar em revista Educ.* ver. n. 27 Curitiba Jan/Jun 2006. Artigo Motivação e Desmotivação: desafios para os Professores do Ensino Fundamental. Luciane Knüppe. Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. PUCRS. [www.scielo](http://www.scielo.org.br)
- MARINI, (1994). In: OLIVEIRA, E. T. A.; WECHSTER, S. M. *Variáveis que afetam a aprendizagem de alunos de licenciatura e professores*. Artigo Psicologia Escolar e Educacional Vol. 6,no 2 Capinas. Pontifícia Universidade Católica, 2002.
- MARQUES, (2001). In: MARIA, A. D.; POLONIA, A. C. *A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano*. 2007, 17 (36), 21-23. Disponível em [www. Scielo, BR/ Paidéia](http://www.scielo.org.br/Paidéia), acesso em 13/10/2011.
- MARTINS, L. C.; BRANCO, A. U. *Desenvolvimento moral: considerações teóricas a partir de uma abordagem sociocultural construtivista*. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Mai –Ago 2001, v. 17, n.2 p. 169-176. Disponível em: <http://www.scielo.org.br/pdf/ptp/v17n2/7877.Pdf>. Acesso em 19 mar. 2007.
- MEKSENAS, P. *Sociologia da educação. Introdução ao estudo da escola no processo de transformação social*.10ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- MEZAMO, 1997. In: KRAWCZYK, N. *A gestão Escolar: um Campo Minado...* Análise das Propostas de 11 Município Brasileiros Resultado de um estudo realizado no Cenpec em novembro de 1997 e faz Parte do Projeto Gestão e Políticas Públicas Coordenado por Raquel Brunstain. Educação & Sociedade, ano XX, nº 67, agosto 99.www.scielo.org.br.

- MOLON, S. I. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Molon- Petropolis, RJ: Vozes, 2003. Neves, J. L. pesquisa qualitativa: características usos e possibilidades. Caderno de pesquisa em administração, V.1., n.3., 1996 www.scielo.org.br
- OLIVEIRA, S. L. Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisa, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses. 2.ed. São Paulo: pioneira, 2002. Fundação Universidade do Tocantins. 1º versão Lina Maria Gonçalves Sônia Maria de Souza Ribeiro.1º período de Letras. Palmas TO2007.
- OLSON, S. L.; BATES, J. E.; SANDY, J. M.; LANTHIER, R. (2000) *Early developmental precursors of externalizing behavior in middle*. In: FERREIRO, M. C. T. *Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar*. 2002. Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto. Edna Maria Marturana Psicologia: Reflexão e Crítica, 2002, 151(1),PP <http://www.scielo.org.br> acesso 18 /01/2012.
- Parametros Curriculares Nacionais - primeiro e segundo ciclos do Ensino Fundamental: Língua portuguesa. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC,1997.
- PATRÍCIO, P. H. S. *São deuses os professores? Do mito ao humano: práticas significativas de professores bem-sucedidos*. ANPED. Caxambu, MG: 27º reunião Anual da ANPED, 21 a 24 de novembro de 2004, p.1-17.
- PATTO, M. H. S. (1990) In: LUNARDELLI, A. F.; TANAMACHI, L. E. R.; JUNIOR, J. L. *Concepções de desenvolvimentos e de aprendizagem no trabalho do professor*. Psicologia em estudo, Maringá. V.11.n.3p.473-482, set/dez. 2006.
- PEREIRA. R. C. (2006). In: NETO, J. J. M. *Principios fundamentais norteadores para o direito da família. O contexto familiar na educação básica*. Disponível em 13 de fevereiro de 2011 em educação. <http://www.scielo.org.br>
- PETRINI. J. C. (2003) In: GOMES, M. A.; PEREIRA, M. L. D. *Pós-modernidade e família. Família em situação de vulnerabilidade social uma questão de políticas públicas*. Disponível em 25/08/2004 . <http://www.scielo.org.br>
- QUIVY, R.; COMPENHOUDT, L. V. (2008) *Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa Gradiva. Sara Cristina Martins Ribeiro inclusão social dos jovens com deficiência mental; o papel da formação profissional*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Escola Superior de Educação Paula Frassinetti, 2009.
- REGO, T. C. (2003) In: DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. *A família e a escola como Contexto de Desenvolvimento Humano*. Universidade de Brasília. Distrito Federal. Brasil Disponível em [www.Scielo.org.br/](http://www.Scielo.org.br) Paidéia, 08/ 05/2007. 17(36), 21, 32.
- Revista Brasileira de educação Print Version ISSN-1413-2478 Ver. Brás. Educ. vol. 12 no. 36 Rio de Janeiro sept./ dec. 2007 [http:// dx. Dói. Org/ 10. 1590/s14132478200000300007](http://dx.doi.org/10.1590/s14132478200000300007) educação científica na perspectiva de letramento como prática social: funções, princípios e desafios, Wildson Luíz Pereira dos Santos.

- Revista Lusófona de Educação, 10, 2007. Pesquisa Histórica da educação do tempo presente Afonso Celso Scocuglia.
- Revista Lusófona de Educação, 2005. 5, 143-152 profissionais da educação e sua formação para atuação na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Rosana Peixoto Gonçalves.
- SÁ-CHAVES, (2000) In: VIEIRA, F. *Para uma Visão Transformadora da Supervisão Pedagógica*. Educ. soc., Campinas, vol. 29,n.105,p.197-212, jan/ abr,2009 Disponível em < [http:// www.Cedes. Unicamp.br](http://www.Cedes.Unicamp.br).
- SALLES, J. F.; PARENTE, M. A. M. P. (2002, 2007) *Avaliação da leitura e escrita de palavras em crianças de 2ª série abordagem neuropsicológica cognitiva. Psicologia: Reflexão e Crítica, 20, 218-226. Leitura/ escrita de crianças: comparações entre grupos de difentes escolas públicas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, Brasil.
- SALLES, J. F.; PARENTE, M. A. M. P. (2007) *Leitura/ Escrita de Crianças: comparações entre grupos de diferentes escolas públicas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre-RS, Brasil.. Avaliação da leitura e escrita de palavras em crianças de 2ª série: abordagem neuropsicológica cognitiva. Psicologia: Reflexão e Crítica,20,218-226.
- SANTOS, B. S. *Um discurso sobre as ciências* 8º Ed, Porto, 1997. In: RIBEIRO, S. C. M. *Inclusão social dos jovens com deficiência mental: o papel da formação profissional*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) - Escola Superior de Educação Paula Franssinette, 2009.
- SANTOS, J. C. F. *O papel do professor na promoção da aprendizagem significativa*. Disponível em <http://www.Pedagogia.com.br/artigos/aprendizagem/sign/index.php?pagina=09/07/2008>.
- SANTOS, R. C. G; HAERTIR, L. *Reflexão acerca do projeto de ensino interdisciplinar resgatando histórias de vida do CEFET-RS: uma tentativa de articulação entre trajetórias de vida de construção do conhecimento*. Disponível in: www.Delasalle.com.br/artigos/historias-de-vida.htm , 2004.
- SCOZ, B. *Psicopedagogia e Realidade Escolar: O problema escolar e de aprendizagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três Gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. In: MOURA, L. C. G. M.; Profª Drª Denise Maria de Carvalho Lopes Departamento de educação- UFRN WWW.cchla.ufrn.br
- SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. 3. Ed. – São Paulo: Contexto, 2005.
- SOARES, M. B. *As muitas facetas da alfabetização*. Cadernos de pesquisa- Fundação Carlos Chagas. Número especial sobre alfabetização. São Paulo (52): 19-24, fev. 1985.
- SOARES, M. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo Ática, 1980.

- SOARES, C.; SABAIA, A. L. *Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da pesquisa nacional por amostra de domicílios de 2001 e 2005*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.
- TEDESCO, (1998). In: KRAWCZYK, N. *A gestão Escolar um Campo Minado...* Análise das Propostas de 11 Municípios Brasileiros. Resultado de um Estudo Realizado no Cenpec em novembro de 1997 e faz parte do Projeto Gestão e Políticas públicas Coordenado por Raquel Brunstain. *Educação & Sociedade*, ano XX, nº 67, agosto 1999.
- TEODORO, A.; TORRES, C. A (orgs). *Educação crítica & utopia: perspectivas para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 2006.
- TIBA, I. (2005). *Adolescentes quem ama educa! O contexto familiar na educação básica*. José José Monteiro Neto disponível em 13 de fevereiro de 2011 em educação. <http://www.ScieloBrasil>.
- TIRAMONTI (1997), FURLAN (1992) In: KRAWCZYK, N. *A gestão Escolar: um Campo Minado...* Análise das Propostas de 11 Municípios Brasileiros Resultado de um estudo realizado no Cenpec em novembro de 1997 e faz parte do projeto Gestão e Políticas Públicas Coordenado por Raquel Brunstain. *Educação & Sociedade*, ano XX, nº 67, agosto 99.
- TOCANTINS, Fundação universidade do Tocantins UNITINS/ Empresa de Educação continuada Ltda EADCON, Letras. Palmas :UNITINS/ EADECON 2007,601P.:II Apostila/6º período de letras.
- TORRES, M. O. F. *Educação brasileira: Passado, presente e futuro o conhecimento através de uma abordagem estratégica*. Disponível em <http://www.pedagogia.com.br/artigos/educaçãobrasil/>, acesso em 8 de setembro de 2009.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação*. São Paulo Cortez, 1998.
- VISCA, J. *Técnicas projetivas psicopedagógica*. Buenos Aires, Argentina, 1991.
- VYGOTSKY, L.S. (1977) In: LUNARDELLI, A. F.; TANAMACHI, L. E. R.; JUNIOR, J. L. *Concepções de desenvolvimento e de aprendizagem no trabalho do professor*. *Psicologia em estudo*, Maringá. V.11 n.3p. 473-482, set/dez. 2006.<http://www.Scielo Brasil>.
- VYGOTSKY, L. *A formação social da mente o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- WAITE (1995); GLICKMAN et al. (2004). In: VIEIRA, F. *Para uma Visão Transformadora da Supervisão Pedagógica*. Soc., Campinas, vol. 29, n.105,p.197-212, jan/abr.2009 Disponível em <<http://www.Cedes.Unicamp.br>.
- WEINER. B, (1979). *Psicologia: reflexão e crítica*. *Psicol. Reflex. Crit.* Vol. 21 no. 2 Porto Alegre 2000 [http:// dx. Doi. Org/ 10, 1590/ So102-79722008000200006](http://dx.Doi.Org/10.1590/So102-79722008000200006).

YAZBEK, M. C. (2003) *Classe subalternas e assistência social*. Monica Araujo Gomes, Maria Lucia Duarte Pereira, *Família em situação de vulnerabilidade social uma questão de políticas públicas*. Disponível em 25/08/2004 <http://www.scielo Brasil>.

<http://www.ibge.gov.br>.

<http://portal.mec.gov.br> acesso em 11 de maio 2012

APÊNDICES

ENTREVISTA COM OS PAIS

ZABELÊ 06 DE JANEIRO DE 2011

- a) NOME COMPLETO: _____
- b) IDADE: _____
- c) ALFABETIZADO () NÃO ALFABETIZADO ()
- d) HÁ QUANTO TEMPO RESIDE NESSA COMUNIDADE?
- e) POSSUI RENDA? _____
- f) ACIMA DE UM SALÁRIO MÍNIMO () ABAIXO DO SALÁRIO MÍNIMO ()
- g) DE ONDE VEM ESSA RENDA?
DA AGRICULTURA () SEVIÇO PÚBLICO () APOSENTADORIA ()
OUTROS ()
- h) TEM FILHOS? () QUANTOS? _____
- i) IDADE DOS FILHOS?
DE 0 A 18 ANOS () ACIMA DE 14 ANOS () MENOR DE 14 ANOS () MAIOR
DE 18 ANOS ()
- j) QUANTOS ESTÃO NA ESCOLA?
MAIS DE 02 () MAIS DE 04 () ACIMA DE 06 () MENOS DE 02 ()
- k) SEUS FILHOS AJUDAM NO TRABALHO DE CASA?
SIM () NÃO ()
- l) TEM ALGUM QUE TRABALHA FORA?
SIM () NÃO ()
- m) QUE TIPO DE TRABALHO?
AGRICULTURA () COMÉRCIO () SERVIÇO PÚBLICO () OUTROS ()
- n) QUANTAS PESSOAS MORAM EM SUA CASA?
ACIMA DE 03 () ACIMA DE 04 () MAIS QUE 06 () MAIS QUE 08 ()
ACIMA DE 10 ()
- o) O QUE ACHA DA ESCOLA DE SEU (S) FILHOS?
BOA () REGULAR () ÓTIMA () RUIM ()
- p) VOCÊ O AJUDA NAS TAREFAS ESCOLARES? SIM () NÃO ()

- q) O QUE ACHA DOS PROFESSORES DE SEU (S) FILHOS
BONS () RUINS ()
- r) O QUE ACHA DA DIREÇÃO DA ESCOLA?
BOA () ÓTIMA () RUIM () REGULAR ()
- s) VOCÊ COSTUMA PARTICIPAR DAS REUNIÕES DE PAIS E MESTRES ?
SIM () NÃO ()
- t) VOCÊ STÁ ATENTO À VIDA ESCOLAR DE SEU (S) FILHOS?
SIM () NÃO ()
- u) O QUE VOCÊ ESPERA DO FUTURO PARA SEU (S) FILHOS?
-
- v) VOCÊ GOSTARIA DE TER ESTUDADO UM POUCO MAIS?
SIM () OU NÃO ()
- w) OU DE TER IDO A ESCOLA?
SIM () OU NÃO ()

OBRIGADA PELA ATENÇÃO!!!

ENTREVISTA COM A DIREÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL JEANNE MACHADO:
ZABELÊ/TOUROS.

a) HÁ QUANTOS ANOS ESSA ESCOLA EXISTE NESTA COMUNIDADE?

b) SEMPRE FUNCIONOU DO ENSINO INFANTIL AO NONO ANO?

c) () SIM () NÃO

d) QUAIS AS METAS DA ESCOLA COM RELAÇÃO AO APRENDIZADO?

e) HÁ PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE DE PAIS COM RELAÇÃO ÀS METAS DA ESCOLA? () SIM () NÃO

f) POR _____ QUE?

g) QUAL A MAIOR DIFICULDADE ENCONTRADA PELA DIREÇÃO E COMO VOCÊS TENTAM RESOLVER?

h) EXISTE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA PARA DAR SUPORTE AOS PROFESSORES? () SIM () NÃO

i) A ESCOLA TRABALHA COM ALGUM PROJETO EM ESPECIAL?

j) () SIM () NÃO

k) QUAL OU QUAIS? _____

l) COMO A DIREÇÃO CONCEITUA O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM DO SEUS DISCENTES? _____
POR QUE ?

- m) E O QUE ESTÁ FALTANDO PARA MELHORAR ESSA SITUAÇÃO? _____
- n) A ESCOLA DISPÕE DE RECURSOS PARA A MANUTENÇÃO DE MATERIAIS DE EXPEDIENTE E PERMANENTE? _____QUAIS?

- o) COMO SE ENCONTRA HOJE O CORPO DOCENTE DA ESCOLA, EM NÍVEL DE ESCOLARIDADE? _____
- p) A ESCOLA FAZ REUNIÕES PARA TRABALHAR O PPP COM A COMUNIDADE DE PAIS, ALUNOS E PROFESSORES?
() SIM () NÃO.
- q) QUAL O MAIOR ENTRAPE ENCONTRADO NA APRENDIZAGEM DESSES ALUNOS? _____
- r) O QUE A ESCOLA TEM FEITO PARA MELHORAR O APRENDIZADO DO ALUNO? _____
- s) NO SEU PONTO DE VISTA, QUAL A MAIOR NECESSIDADE DA ESCOLA, NO MOMENTO, PARA ALFABETIZAR AS CRIANÇAS?

ENTREVISTA COM OS PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL JEANNE MACHADO

ZABELÊ DESTRITO DE TOUROS R/N

- a) NOME COMPLETO _____
- b) QUANTOS ANOS DE PROFISSÃO _____
- c) LECIONA EM MAIS DE UMA ESCOLA? SIM () NÃO ()
- d) GRAU DE ESCOLARIDADE?
MAGISTÉRIO () GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA () LICENCIADO PARA DISCIPLINA () PÓS GRADUADO MESTRADO COMPLETO () CURSANDO MESTRADO () OUTROS ()
- e) DISCIPLINA (S) QUE LECIONA.
LÍNGUA PORTUGUESA () MATEMÁTICA () ARTES () HISTÓRIA () GEOGRAFIA () CIÊNCIAS () ENSINO RELIGIOSO () EDUCAÇÃO FÍSICA () INGLÊS ()
- f) QUANTAS TURMAS LECIONA?
A CIMA DE 08 () MENOS QUE 08 ()
- g) POSSUI ALGUM TIPO DE FORMAÇÃO CONTINUADA?
SIM () NÃO ()
- h) O (S) MUNICÍPIO(S) QUE TRABALHA OFERECE FORMAÇÃO CONTINUADA?
SIM () NÃO ()
- i) PRETENDE FAZER OUTROS CURSOS COMO ESPECIALIZAÇÃO, MESTRADO OU DOUTORADO?
SIM () OU NÃO ()
- j) QUAIS AS TURMAS QUE LECIONA.
6º E 7º ANO SIM () 6º 7º 8º E 9º () 6º 7º E 8º ()
- k) ENCONTRA DIFICULDADE PARA ENSINAR NESSAS TURMAS?
SIM () NÃO ()
- l) QUAIS MOTIVOS?

SUPERLOTAÇÃO DAS SOLAS DE AULAS () DESMOTIVAÇÃO DO ALUNO ()
ACESSO À ESCOLA () COLABORAÇÃO DOS PAIS () APOIO PEDAGÓGICO ()

m) COMO VOCÊ CONCEITUA SEUS ALUNOS COM RELAÇÃO À APRENDIZAGEM?

BONS () ÓTIMOS () REGULAR () RUIM ()

n) AS MAIORES DIFICULDADES ENCONTRADAS NOS ALUNOS VOCÊ ATRIBUI:

À LEITURA () À ESCRITA () À LEITURA E À ESCRITA ()

o) A QUEM VOCÊ ATRIBUI ESSA (S) DIFICULDADE (S)?

À FAMÍLIA () ÀS SÉRIE DO ANO ANTERIOR ()

AO PRÓPRIO ALUNO ()

p) VOCÊ SE CONSIDERA UM PROFESSOR TRADICIONAL?

() ÀS VEZES ()

q) A ESCOLA OU O CORPO PEDAGÓGICO AJUDA VOCÊ A SUPERAR AS DIFICULDADES DOS ALUNOS, DESENVOLVENDO PROJETOS QUE FACILITEM À APRENDIZAGEM DOS ALUNOS?

SIM () NÃO ()

r) VOCÊ, COMO PROFESSOR, FAZ ALGO PARA MELHORAR ESSA REALIDADE?

SIM () NÃO ()

s) O QUE ? _____

t) OS PAIS COSTUMAM FREQUENTAR A ESCOLA PARA SABER SOBRE A APRENDIZAGEM E COMPORTAMENTO DOS FILHOS?

SIM () NÃO () ÀS VEZES () TODOS () SÓ ALGUNS ()

u) O QUE VOCÊ ACHA DO ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA?

BOM () ÓTIMO () REGULAR () OU RUIM ()

23 CONCEITUE SEUS ALUNOS COM RELAÇÃO AO COMPORTAMENTO E À APRENDIZAGEM.

QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO

ZABELÊ ____ DE DEZEMBRO DE 2010

- a) NOME _____
- b) IDADE _____
- c) SEXO _____
- d) GOSTA DE LER? _____
- e) QUE TIPO DE LEITURA? _____
- f) NA SUA COMUNIDADE TEM BIBLIOTECA? _____
- g) O QUE GOSTA DE FAZER NAS HORAS LIVRES? _____
- h) GOSTA DE ESTUDAR? _____
- i) POR QUE? _____
- j) HÁ QUANTO TEMPO ESTUDA NESSA ESCOLA? _____
- k) GOSTARIA DE MUDAR DE ESCOLA? _____
- l) AJUDA NAS TAREFAS DE CASA? _____
- m) FAZ ALGUMA ATIVIDADE PARA AJUDAR A FAMÍLIA? _____
- n) O QUE EXATAMENTE? _____
- o) SENTE DIFICULDADE(S) EM ALGUMA DISCIPLINA? _____
- p) QUAL(IS) _____
- q) VOCÊ PENSA EM FAZER FACULDADE ? _____
- r) HÁ EMPRÉSTIMO DE LIVROS NA SUA ESCOLA? _____
- s) VOCÊ PEGA LIVROS EMPRESTADOS NA ESCOLA? _____
- t) GOSTA DE PRODUZIR TEXTOS? _____
- u) O QUE GOSTARIA DE SER NO FUTURO, OU SEJA, QUAL PROFISSÃO GOSTARIA DE TER? _____
- v) QUAL O TIPO DE OCUPAÇÃO DE SUA FAMÍLIA _____
- w) RECEBE ALGUM BENEFÍCIO DO GOVERNO? _____
- x) OS PROFESSORES PASSAM ATIVIDADES PARA CASA? _____
- y) SEUS PAIS AUXILIAM NAS TAREFAS DA ESCOLA? _____
- z) POR QUE? _____

OBRIGADA PELA ATENÇÃO